



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Vanessa Cristina Reis Catronga

Orientação: Prof. Doutor José Bravo Nico

Mestrado em Ciências da Educação

Área de especialização: *Educação Comunitária*

Dissertação

Évora, 2015



DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Mestrado em Ciências da Educação

Especialização em Educação Comunitária

Dissertação de Mestrado

**“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores:
o contributo do meio e das instituições”**

Vanessa Cristina Reis Catronga

Orientador:

Professor Doutor José Bravo Nico

Évora, 2015

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

“ O envelhecimento da população é um dos maiores êxitos da humanidade, porém é também um dos seus maiores desafios, (..)” (Jacob, 2008:15)

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Resumo

Esta investigação assumiu, como objetivo, a identificação e caracterização das aprendizagens presentes no quotidiano dos indivíduos idosos, residentes em meio rural e urbano e em condições de institucionalização ou não.

Tratou-se de um estudo exploratório, de natureza qualitativa, onde foi aplicado um inquérito por entrevista a uma amostra de 16 indivíduos. A entrevista tinha questões relativas à caracterização dos indivíduos, às atividades que os mesmos desenvolviam e às aprendizagens concretizadas nessas atividades. Os dados foram tratados através da análise de conteúdo.

O presente estudo foi realizado na região Alentejo, sendo os concelhos de Évora e Mourão os selecionados, para realização da mesma.

Este estudo mostrou que existiam algumas diferenças decorrentes dos contextos de vida dos indivíduos, nomeadamente, no que respeita às instituições de meio urbano vs meio rural, uma vez que os indivíduos institucionalizados no meio urbano encontram mais oportunidades de aprendizagens nas atividades que lhe são propostas.

Palavras-chave: Envelhecimento ativo; Aprendizagem ao longo da vida; Educação de Adultos; Alentejo; Évora; Mourão.

"The Learning daily lives of senior individuals : the contribution of the institutions and the environment "

Abstract

This research assumed as a main goal identify and characterize the learnings on the seniors nowadays who live on the rural and urban middle and in institutionalized conditions or not.

Was based on an exploratory study of a qualitative nature, applied on a survey per interview with a 16 individual as a sample. On the interview were questions related with the seniors characterization, with their developed activities na with guarantees of learnings on those activities. The data were treated according the content analysis.

This study was conducted in the region of Alentejo, and the municipalities of Évora and Mourão.

The research shows several differences between the contexts used. Those differences stand on the rural and urban institutions, because urban institutionalized seniors find more learning opportunities on proposed activities than rural institutionalized seniors.

Keyword: Active Aging; Learning lifelong; Institutionalization; Alentejo; Évora; Mourão.

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor José Bravo Nico, em primeiro lugar, por ter aceitado ser meu orientador, ao longo deste longo percurso. Em segundo lugar, pela sua disponibilidade, tolerância e todos os esclarecimentos, no que diz respeito às minhas dúvidas. Sem essa orientação e ajuda, este estudo não teria a mesma qualidade e eu não teria a mesma força para superar as dificuldades com que deparei.

Segue-se um agradecimento especial a todas as pessoas que sempre me apoiaram, ao longo da realização da investigação, não sendo necessário mencionar nomes, pois elas sabem quem são e têm a noção de quão importantes são para mim.

Por fim, mas não menos importantes, agradeço a todos(as) os(as) docentes do curso de Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação Comunitária que contribuíram para a minha formação académica.

Para que fosse possível a realização desta Dissertação de Mestrado, considero que a ajuda e apoio de todos foi essencial.

Índice Geral

Resumo	III
Abstract	IV
Agradecimentos	V
Índice Geral.....	VI
Siglas Utilizadas	X
Índice de Figuras	XI
Índice de Quadros.....	XII
Índice de Tabelas	XIII
Introdução	15
Parte I – Enquadramento Teórico	21
Capítulo I - O processo de envelhecimento	22
1.1. O Envelhecimento.....	22
1.1.1. Dimensões do envelhecimento	24
1.2. O Envelhecimento Demográfico.....	26
1.3. A terceira idade	28
1.3.1. A velhice transformada na nova terceira idade	29

1.3.2.	O idoso e o seu estatuto social.....	30
1.4.	Qualidade de vida na terceira idade	32
1.5.	Envelhecimento ativo	35
1.6.	A Institucionalização do indivíduo idoso como uma resposta social	40
1.6.1.	Transição casa – lar	44
1.7.	Políticas Sociais para a Terceira Idade em Portugal.....	45
1.7.1.	Evolução das Políticas Sociais para Terceira Idade	45
Capítulo II - A educação no âmbito da promoção do envelhecimento ativo		50
2.1.	As CONFITEAS- da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida.....	50
2.1.1.	A Aprendizagem ao longo da vida (ALV)	53
2.2.	As Universidades de Terceira Idade (UTIS) na promoção de Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV).....	57
2.2.1.	O caso Português: A Associação – Rede das Universidades de Terceira Idade (RUTIS).....	62
2.3.	A animação na terceira idade como abordagem à Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV).....	63
2.3.1.	A Animação nas instituições de terceira idade	65

Parte II - Metodologia	67
Capítulo III - Metodologia de investigação	68
3.1. O desenho da investigação.....	69
3.1.1. O paradigma qualitativo	69
3.1.2. O instrumento utilizado	71
3.1.2.1. Processo de construção, validação e descrição do instrumento	73
3.1.3. Processo de análise de informação	77
3.1.4. O contexto geográfico do estudo (concelho de Évora e Mourão)	81
3.1.4.1. O Concelho de Évora	82
3.1.4.2. O Concelho de Mourão	82
3.1.5. A população considerada e a amostra construída.....	83
3.1.5.1. População Alvo	83
3.1.5.2. Amostra	84
Capítulo IV – Resultados	88
4.1. Apresentação e Análise dos resultados	88
4.1.1. Indicações prévias.....	88
4.1.2. Discussão dos Resultados	90
Conclusões.....	117
Bibliografia.....	126
Anexos.....	134

Anexo 1 – Carta de Colaboração	135
Apêndices.....	137
Apêndice 1 - Guião de entrevista semiestruturada – A Idosos Institucionalizados e Não Institucionalizados em Mourão e Évora.....	138
Apêndice 2 – Tabelas Análise de conteúdo	146

Siglas Utilizadas

ALV – Aprendizagem ao Longo da Vida

ASC – Animação Sociocultural

CEE – Comissão das Comunidades Europeias

CONFITEAS – Conferências Internacionais de Educação de Adultos

INE – Instituto Nacional de Estatística

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

RUTIS – Rede Universidades de Terceira Idade

UE – União Europeia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UTIS – Universidades de Terceira Idade

Índice de Figuras

Figura 1 - Pirâmide Etária de Portugal.....	27
Figura 2 - Distrito de Évora.....	82
Figura 3 - Amostra Indivíduos Institucionalizados.....	87
Figura 4 - Amostra Indivíduos Não Institucionalizados.....	88

Índice de Quadros

Quadro 1 - Conferências Internacionais de Educação de Adultos.....	50
Quadro 2 - Paradigma Qualitativo.....	71
Quadro 3 - População Residente.....	85
Quadro 4 – Quadro Síntese Conclusões	123

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Exemplo: Tabela Tipo	89
Tabela 2 - Análise Categoria A – Dimensão profissional - Subcategoria A.1.	91
Tabela 3 - Análise Categoria A – Dimensão profissional - Subcategoria A.2.	92
Tabela 4 - Análise Categoria A – Dimensão profissional - Subcategoria A.3.	93
Tabela 5 - Análise Categoria A – Dimensão profissional - Subcategoria A.4.	94
Tabela 6 - Análise Categoria B – Quotidiano - Subcategoria B.1.....	96
Tabela 7 - Análise Categoria B – Quotidiano - Subcategoria B.2.....	97
Tabela 8 - Análise Categoria C – Relacionamentos - Subcategoria C.1.	99
Tabela 9 - Análise Categoria C – Relacionamentos - Subcategoria C.2.	100
Tabela 10 - Análise Categoria C – Relacionamentos – Subcategoria C.3	100
Tabela 11 - Análise Categoria D - Institucionalização/ Participação no grupo - Subcategoria D.1.	102
Tabela 12 - Análise Categoria D - Institucionalização/ Participação no grupo - Subcategoria D.2.	102
Tabela 13 - Análise Categoria D - Institucionalização/ Participação no grupo - Subcategoria D.3.	103
Tabela 14 - Análise Categoria D - Institucionalização/ Participação no grupo – Subcategoria D.4.	104
Tabela 15 - Análise Categoria E – Vida ativa dos idosos – Subcategoria E.1.	105
Tabela 16 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.1.	107
Tabela 17 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.2.	109

Tabela 18 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.3.	111
Tabela 19 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.4.	111
Tabela 20 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.5.	112
Tabela 21 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.6.	112
Tabela 22 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas – Subcategoria F.7.....	113
Tabela 23 - Análise Categoria G – Benefício das atividades – Subcategoria G.1.....	114
Tabela 24 - Análise Categoria H – Novas Aprendizagens – Subcategoria H.1.	115

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Introdução

As últimas décadas têm sido caracterizadas por profundas mudanças nas sociedades ocidentais atuais, principalmente a nível demográfico, uma vez que a esperança média de vida continua a aumentar e as taxas de natalidade a baixarem. Moura et al. [2012, citados por, Rodrigues (2012:28)] referem que as alterações demográficas têm sido notórias no nosso país, uma vez que à semelhança do que se assiste a nível europeu, Portugal tem registado um aumento da população com mais de 65 anos.

O envelhecimento é um efeito normal da idade, nas diferentes funções, que tende a uma diminuição dos desempenhos e das capacidades. Este fenómeno do envelhecimento constitui, nos dias de hoje, uma estruturação das nossas sociedades, visto que as mesmas têm vindo a sofrer grandes alterações na sua estrutura devido a este processo de mudança demográfica.

Para Silva (2010), o envelhecimento é um tempo marcado por diversos acontecimentos na vida dos indivíduos, revelando-se fundamental um suporte psicológico por parte das pessoas que acompanham o envelhecimento do mesmo. O envelhecimento não tem que ter uma visão negativa, onde a velhice é vista como um momento triste e a solidão e a doença são as únicas características presentes. Nos dias que decorrem, cada vez mais se verifica que é possível olhar para esta fase da vida de forma positiva. O desafio é fazer com que o envelhecimento se desenvolva com qualidade em todos os domínios e que esta fase da vida seja, para a sociedade, uma mais-valia.

Moreno (2013) refere que a qualidade de vida dos idosos deve ter como base uma manutenção das capacidades vitais. Assim, é importante que a sociedade assuma este processo, criando estratégias capazes de responder às necessidades dos indivíduos. O fenómeno do envelhecimento e a institucionalização da população idosa, exigem que as instituições se adaptem a essas necessidades. Neste sentido, é essencial que as instituições tenham condições para que possam apoiar os idosos da melhor forma, de modo a que estes se sintam úteis e ativos.

Os indivíduos, por estarem institucionalizados, não se devem sentir inúteis, pois continuam a ter um papel importante e é bom que as instituições tenham isso bem presente nas suas estruturas e forma de trabalhar. É essencial que as instituições que acolhem idosos tenham, por exemplo, atividades socioculturais que lhes consigam oferecer oportunidades de aprendizagem e de atividade, atendendo a que a atividade profissional terminou, com a entrada na reforma.

A presente investigação torna-se relevante, na medida em que o tema abordado é um fenómeno em permanente ajustamento, sendo necessário investigar mais sobre os idosos, pois eles deram tudo durante a sua vida e esta é a hora de a sociedade lhes oferecer tudo o que tem.

O interesse pela elaboração desta investigação decorre da necessidade de se querer saber mais sobre o tema, percebendo de que forma se pode oferecer mais qualidade de vida aos indivíduos nesta fase da sua vida.

É importante que os indivíduos mais velhos continuem ativos e com vontade de aprender, mantendo um envelhecimento ativo e saudável. Mas será que todos continuam ativos? Será que os mais velhos procuram meios para ter uma velhice bem-sucedida? Será que todos têm as mesmas oportunidades? Os indivíduos continuariam ativos depois de se reformarem? Foram estas as primeiras questões que surgiram quando a investigadora começou a pensar no tema do envelhecimento e qual seria a pergunta de partida para a investigação. Assim, para completar estas questões, surgiu a pergunta de partida para a investigação: **o que aprendem os seniores no seu quotidiano e quais os significados dados às aprendizagens adquiridas pelos mesmos?**

Para responder a esta questão foram articulados objetivos com a mesma, tendo-se definido os seguintes:

Objetivo Geral:

Identificar, na vida dos indivíduos seniores, as aprendizagens adquiridas no seu quotidiano

Objetivos Específicos:

- Identificar as aprendizagens dos indivíduos seniores;
- Avaliar a eventual influência do contexto nas aprendizagens adquiridas pelos indivíduos seniores;
- Avaliar de que forma contribui a institucionalização nas aprendizagens dos indivíduos seniores;
- Identificar as diferenças das aprendizagens, de acordo com o meio cultural e social em que os idosos se inserem.

Em suma, torna-se pertinente conhecer e divulgar de que forma o meio de residência e a institucionalização influenciam as aprendizagens adquiridas pelos idosos, sabendo-se que é importante que estes continuem ativos e com vontade de aprender, tendo um envelhecimento ativo e saudável.

Com base nos objetivos propostos, foi desenhada a metodologia, tendo, assim, surgido a opção da utilização de uma abordagem qualitativa. Na recolha de dados, utilizou-se, como instrumento, o inquérito por entrevista. Foi, então, desenhado, elaborado e validado por um painel de especialistas, um guião de entrevista semiestruturada, com vista a recolher as informações necessárias sobre o tema da investigação. Após a validação, foram recolhidos os dados juntos dos entrevistados. De modo a que nos fosse possível analisar as informações recolhidas, recorreremos à análise de conteúdo.

A dissertação encontra-se organizada em duas partes. A primeira parte designada de “Enquadramento Teórico”, divide-se em dois capítulos:

- No Capítulo I - *“O processo de Envelhecimento”*, analisa-se o fenómeno do envelhecimento, tendo como particularidades as dimensões do mesmo, dando relevo:
 - Ao envelhecimento demográfico, que nas últimas décadas tem vindo a sofrer bastantes alterações;
 - À qualidade de vida na terceira idade;

- Ao processo de institucionalização;
 - Algumas políticas públicas direcionadas para este fenómeno.
- No capítulo II - “*A educação no âmbito da promoção do envelhecimento ativo*”, pretende-se perceber de que forma a educação é importante na vida dos indivíduos idosos e como esta contribui para a promoção de um envelhecimento ativo, utilizando a animação sociocultural como meio.

A parte II da investigação intitula-se de “Metodologia” e encontra-se dividida em dois capítulos:

- No Capítulo III - “*Enquadramento metodológico*”, contextualizamos teoricamente e justificamos as opções metodológicas assumidas na presente investigação. Apresentamos, ainda, os instrumentos de recolha de dados, pormenorizando o processo da sua elaboração e validação, e caracterizamos as amostras que servem de base à investigação realizada.
- No Capítulo IV - “*Resultados*”, são apresentados os dados obtidos mediante a aplicação do instrumento de recolha de dados, a entrevista, através da análise de conteúdo.

Por fim, nas Conclusões, problematizam-se, questionam-se e interpretam-se os dados apresentados no capítulo anterior, à luz dos suportes teóricos antes propostos, contribuindo para o seu esclarecimento. Serão apresentadas as principais considerações finais do estudo, reconhecidas as suas limitações, e apontadas direções de futuro para novas investigações que retomem esta problemática.

Em anexo, incluem-se, as cartas de pedido de colaboração por parte das instituições. Nos apêndices, o guião do inquérito por entrevista, remetendo-se para o CD-Rom a transcrição integral das entrevistas realizadas, e as tabelas elaboradas para a análise de conteúdo.

A presente dissertação foi elaborada de acordo com o novo acordo ortográfico.

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo I - O processo de envelhecimento

“O envelhecimento e a velhice são fenómenos inerentes ao desenvolvimento do ser humano que comportam, na actualidade, uma série de preconceitos que não abonam a favor da elaboração das vivências de perda, entre outras, que englobam. Isto porque as sociedades ocidentais são sistemas onde tendencialmente se representa a velhice de forma negativa numa série de estereótipos...” (Berger & Mailloux-Poirier, 1995, citado por Cardão, 2009:30).

Neste capítulo, pretende-se executar uma pequena abordagem ao fenómeno do envelhecimento, tratando as suas diferentes dimensões de forma a melhor compreender este processo. Dá-se, ainda, destaque, à qualidade de vida nos processos de envelhecimento ativo. Termina-se com o processo de institucionalização do idoso.

Importa começar por referir que o processo de envelhecimento constitui um fenómeno universal e inevitável que decorre desde o nascimento e ao qual se juntam alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo. Nesse sentido, os idosos constituem um grupo bastante heterogéneo, pois cada um envelhece de uma forma particular.

1.1. O Envelhecimento

O envelhecimento surge associado ao conjunto de alterações biológicas, psicológicas e sociais que se apresentam ao longo da vida e, em consequência, não é fácil encontrar uma idade a partir da qual se possa considerar que determinado indivíduo se encontra nesta fase. Para Spar & La Rue [2005, citados por Sequeira

(2010:7)], consideram-se idosos os indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos, sendo esta idade associada à reforma.

Segundo Sequeira (2010), o envelhecimento da nossa sociedade tem sido uma realidade bastante notória. Assim, o aumento da longevidade da sociedade atual coloca novos desafios. A questão do envelhecimento tem suscitado muitos debates e reflexões em seu torno. É um dos temas principais no decorrer do século XXI, pois o envelhecimento da população tem-se tornado um grande desafio para as nações, no que respeita ao acolhimento e à prestação de serviços para esta faixa etária.

Para Figueiredo [2007, citado por Teixeira 2010:3)], o envelhecimento humano e demográfico é considerado um dos problemas mais importantes das sociedades contemporâneas. No processo de envelhecimento, está presente a interação de determinantes internos, como o património genético, e determinantes externos, como o estilo de vida, a educação e o ambiente em que o idoso vive e viveu durante a sua vida. Assim, podemos encarar o envelhecimento como uma experiência subjetiva, pois está profundamente relacionado com as vivências de cada sujeito e também com as crenças e as práticas associadas ao envelhecimento.

Para Mota (2010), o crescente envelhecimento da população originou uma revolução demográfica, que tende a inverter a pirâmide populacional, isto é, ao contrário de existir um aumento relativo de crianças e jovens, assiste-se a um crescimento relativo cada vez mais acelerado da população idosa. O aumento da esperança média de vida e o envelhecimento da população são fenómenos que todas as regiões e países da Europa enfrentam e a que Portugal não é alheio.

Oliveira (2011) refere que o envelhecimento é um efeito normal da idade, nas diferentes funções psicológicas e orgânicas, que tende a uma diminuição dos desempenhos e das capacidades do indivíduo. Do ponto de vista científico, o envelhecimento pode ser encarado como um processo que, devido ao avançar da idade, atinge todos os indivíduos, existindo modificações fisiológicas, psicológicas e sociais, como consequência do desgaste do tempo.

Para Martins (2012), o envelhecimento não é igual em todos os indivíduos e nem o próprio indivíduo envelhece de igual modo a todos os níveis. Assim, de acordo com o autor indicado anteriormente, temos:

- **A idade cronológica:** que decorre entre o nascimento e o momento presente;
- **A idade jurídica:** que corresponde à necessidade social de estabelecer normas de conduta e de determinar qual a idade em que o sujeito assume certos direitos e deveres perante a sociedade;
- **A idade física e biológica:** que tem em conta o ritmo a que cada indivíduo envelhece;
- **A idade psicoafectiva:** que reflete a personalidade e as emoções de uma pessoa;
- **A idade social:** que corresponde à sucessão de papéis que a sociedade atribui ao sujeito e que são correspondentes às condições socioeconómicas.

1.1.1. Dimensões do envelhecimento

Fonseca [2006, citado por Mota 2010:30)] refere que a idade torna-se importante, no sentido em que ajuda o indivíduo a organizar os acontecimentos que ocorrem na sua vida e a perceber a evolução dos mesmos, à medida que vai envelhecendo. No entanto, para além da idade cronológica, que ajuda a perceber que o comportamento humano é afetado por experiências e vivências que ocorrem ao longo do tempo, é importante constatar que a pessoa também possui outras dimensões, no desenvolvimento do seu envelhecimento. Assim, a perspetiva multidimensional acerca do envelhecimento refere que o mesmo acontece de diversas formas, sendo necessário ter uma visão sobre as várias dimensões e envolventes onde o idoso está inserido. Sequeira (2010) e Fonseca (2006) dão ênfase às dimensões, biológica, psicológica e social:

- **Envelhecimento Biológico:** é caracterizado pela diminuição das funções metabólicas do organismo. As capacidades de autorregulação do organismo vão diminuindo, o que leva ao envelhecimento dos tecidos.
- **Envelhecimento Psicológico:** todas as alterações que o organismo vai sofrendo, têm repercussões psicológicas no indivíduo, sendo o envelhecimento um processo complexo, os comportamentos do mesmo começam a alterar-se. É importante, neste momento, existir um apoio fundamental por parte da família. O envelhecimento psicológico refere-se a um conjunto de capacidades que a pessoa utiliza para se adaptar às mudanças ambientais, sendo essas capacidades referentes a sentimentos, motivações, cognições, memória, inteligência, tem que existir uma capacidade de autorregulação do indivíduo face ao processo de envelhecer, o que na maioria das vezes não é compreensível para o mesmo;
- **Envelhecimento Social:** os idosos, neste momento da sua vida, são alvo de alterações no que diz respeito ao conjunto de papéis sociais que a pessoa adota em relação à sociedade e cultura a que pertence. Assim, os indivíduos devem continuar com uma participação ativa na sociedade, como uma das determinantes para um envelhecimento bem-sucedido.

Nesta lógica, Costa (2013) refere que o processo de envelhecimento não pode ser definido apenas por critérios cronológicos. É preciso ter em conta que este é um fenómeno biológico, psicológico e social que atinge o ser humano na plenitude da sua existência, que altera a sua relação com o tempo, com o mundo e com a sua própria história.

Segundo Costa (2013), referir apenas a componente biológica seria uma abordagem simplificadora no estudo sobre o envelhecimento, na medida em que devemos ter em conta outros fatores. Apesar de o envelhecimento se caracterizar pelo declínio dos sistemas vitais do organismo, tais como a funcionalidade dos órgãos, dos tecidos ou das células, o contexto social onde o indivíduo se encontra pode ser

influenciador do envelhecimento. Neste contexto, o modo como cada sociedade encara e perspetiva esta fase da vida é uma construção social inserida num determinado contexto histórico e político e faz com que este grupo etário se prenda a papéis sociais que se adequam às expectativas que a sociedade difunde. No entanto, para que o envelhecimento seja entendido, em toda a sua totalidade e complexidade, não podemos descurar a componente psicológica. Nesta fase da vida, as perdas acontecem com maior proporção. Contudo, a forma como o indivíduo as encara e tem a possibilidade de as compensar, através de preparações externas, pode marcar a diferença no que respeita a poder viver um envelhecimento dito normal.

Neste sentido, Teixeira (2010) anuncia que o principal desafio do envelhecimento é o confronto com essas perdas, o que vai exigir um esforço por parte do indivíduo para se adaptar a essas situações, mantendo assim a qualidade de vida desejada.

Para Torres e Marques (2008), o envelhecimento é marcado pela rutura com o mundo do trabalho e a conseqüente entrada na reforma. A partir do momento em que o indivíduo passa a ser reformado, há uma transformação do estatuto do mesmo, que passando de ativo para inativo, pode afetar, de forma negativa, as relações sociais.

1.2. O Envelhecimento Demográfico

O envelhecimento demográfico tem crescido em consequência do aumento da esperança média de vida e do declínio da natalidade. Costa (2013) diz-nos que, a partir da última metade do século XX, notou-se um notável processo de transição demográfica.

Em, Portugal, nos últimos cinquenta anos a população idosa (com mais de 65 anos) mais que duplicou. Nos momentos que decorrem nos dias de hoje, e à semelhança

dos países desenvolvidos o número de idosos tem vindo a aumentar, sendo que, em Portugal o aumento tem sido bastante significativo.

Segundo o INE (2011), a dimensão da população com 65 ou mais anos é, em 2011, de 19%. Este valor contrasta com os 8% verificados, em 1960.

Para Azeredo (2011), o envelhecimento demográfico resulta de uma baixa taxa de natalidade e de um aumento da proporção de idosos devido ao aumento da esperança média de vida e ao aumento da população idosa, o que provoca um alargamento e alongamento do vértice da pirâmide etária.

As projeções que têm sido realizadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), na população portuguesa revelam que tende a aumentar o número de idosos, como se verifica na figura nº1 apresentada.

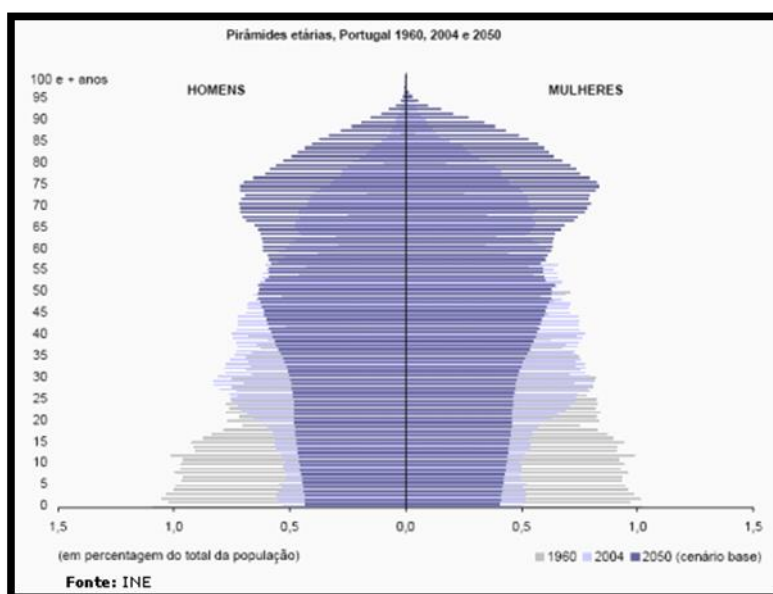


Figura 1 - Pirâmide Etária de Portugal (Fonte: INE, 2011)

De acordo com o INE (2011), Portugal mantém a tendência de envelhecimento demográfico, pois a baixa natalidade reproduz resultados na redução da população jovem com o aumento da esperança de vida e o crescimento da população sénior. Em

consequência, entre 2001 e 2011, o índice de envelhecimento aumentou de 103 para 128 idoso por cada 100 jovens.

“Manteve-se a tendência de envelhecimento demográfico observada nos últimos anos. Entre 2001 e 2011, a proporção de jovens (população dos 0 aos 14 anos de idade) decresceu de 16,2% para 14,9% da população residente total. No mesmo período, a proporção de indivíduos em idade ativa (população dos 15 aos 64 anos de idade) também se reduziu de 67,3% para 66,0%, verificando-se simultaneamente o aumento da percentagem de idosos (população com 65 ou mais anos de idade) de 16,6% para 19,0%” (INE, 2011:10).

Sequeira (2010) dá importância às projeções realizadas sobre a população idosa, visto serem necessários o desenho e implementação de medidas que permitam atenuar o impacto negativo do envelhecimento e enfatizar os aspetos positivos, do mesmo.

1.3. A terceira idade

O termo “idade” surge com a necessidade de delimitar o envelhecimento. Qualquer limite cronológico para definir a pessoa idosa é impreciso e difícil de englobar as várias dimensões da evolução da vida humana (Monteiro e Neto, 2008).

Para Lenoir [1996, citado por Veloso (2011:28)], a terceira idade é uma categoria social que, nos últimos tempos, tem sido alvo de preocupações. Nem sempre a terceira idade foi vista como é nos dias de hoje. Só há relativamente pouco tempo, é que esta passou a ser vista como um problema social, começando a ser alvo de novas políticas de intervenção.

1.3.1. A velhice transformada na nova terceira idade

O termo terceira idade é um conceito recente, fruto da evolução do conceito de velhice. Surgiu para expressar novos padrões de comportamento de uma geração que envelhece e se reforma, mas ainda com uma vida ativa.

Segundo Figueiredo [2007, citado por Teixeira (2010:2)], a velhice caracteriza-se pela alteração de imensos papéis a que o indivíduo estava habituado a realizar todos os dias e pela perda de alguns deles, tais como a perda do estatuto profissional, a mudança nas relações familiares e nas redes sociais. Essas mudanças são inevitáveis pois a velhice é uma etapa especialmente intensa de perdas afetivas, como por exemplo a viuvez, a entrada para o lar, entre outras.

De acordo com Faia, Oliveira e Simões (2008), a imagem da velhice tem sofrido alterações, começando a ser vista como um problema social. Apesar de a maioria se apresentar fisicamente apto, são desvalorizados pois são indivíduos que nada têm para dar à sociedade.

Na realidade e de acordo com Teixeira (2010), uns dos acontecimentos mais marcantes, nesta fase do ciclo de vida, é a extinção da atividade laboral, que leva a uma certa inatividade. O tempo que antes era investido na atividade profissional pode ser encarado negativamente pelo idoso, já que suas rotinas estão alteradas e pouco preenchidas.

Monteiro e Neto (2008) definem *“a velhice como um estado de espírito”* decorrente da forma como a sociedade e a própria pessoa encaram esta fase da vida. A imagem da sociedade sobre os idosos tende a ser negativa, partindo do declínio e da improdutividade, em oposição à atividade do jovem/idoso. Esta é uma das mais fortes representações sociais em desprestígio da velhice, facto que originou o aparecimento de vários mitos/estereótipos. A velhice é, no entanto, uma das fases do desenvolvimento da pessoa, ao longo do ciclo vital, um processo contínuo de crescimento intelectual, emocional e psicológico, um momento de reflexão em que se faz o resumo de tudo o

que se fez até aquele momento, devendo constituir um período em que se deveriam apreciar os frutos de toda uma experiência de vida

“Com a generalização dos sistemas de reforma produziu-se uma alteração na imagem da velhice, pois passou a estar relacionada com a reforma e deixou de ser percebida como uma incapacidade para trabalhar.” (Veloso, 2011:29)

De acordo com Veloso (2011), o conceito de terceira idade pretende assim romper com a imagem de velhice associada à caducidade, à carência, à dependência e à doença, passando a significar uma velhice autónoma, capaz e ativa. Deste modo, surge a necessidade de criar novos equipamentos, serviços e instituições que olhem para a nova visão dada à velhice. O conceito de terceira idade corresponde à forma como a sociedade representa a velhice. O que se pretende é que esta nova velhice chamada de terceira idade seja autónoma e ativa. Em consequência, preconiza-se um estilo de vida, para esta categoria social/ faixa etária, que seja dinâmico e que promova a participação e envolvimento dos indivíduos nas diferentes tarefas da sociedade, onde se pretende que exista uma prevenção do envelhecimento físico, intelectual e psíquico.

O homem não deve aceitar a imagem de uma velhice cinzenta, decadente, assexuada, privada de papéis significativos, cheia de problemas de saúde. Deve lutar para conquistar, para si próprio e para os outros, o direito de viver plenamente cada dia, cada momento, ter a oportunidade de viver em pleno o seu potencial de saúde e desempenhar um papel social ativo.

1.3.2. O idoso e o seu estatuto social

“A categoria dos indivíduos considerados como idosos é uma construção social, que é abstrata e normativa, isto é, varia conforme “o ponto de vista das formas e modos do envelhecimento humano, quer sob o ponto de vista do estatuto que é atribuído aos velhos

consoante os indivíduos, os grupos, as sociedades, as culturas e segundo as épocas e as gerações sucessivas” (Pimentel, 2001, citado por Martins, 2012:4).

A imagem que a sociedade tem sobre a velhice foi criada ao longo dos tempos, de acordo com os contextos históricos pelos quais a sociedade já passou. De acordo com Faia, Oliveira e Simões (2008), no século XVIII, a imagem da velhice era positiva e estava associada à sabedoria. No entanto, esta imagem foi sofrendo alterações e começou a ser vista como um problema social. Apesar de se apresentarem fisicamente aptos os indivíduos, são desvalorizados e colocados à margem da vida profissional ativa.

Atualmente, na nossa sociedade, torna-se cada vez mais difícil determinar o momento a partir do qual os indivíduos são considerados idosos. Momentos como a entrada na reforma já não são critérios que se apliquem a todos os indivíduos, uma vez que assistimos, por vezes, a antecipações desse momento e, também, cada vez mais os indivíduos vivem mais anos, fazendo com que, dentro da própria categoria de idoso, surjam perfis de indivíduos cada vez mais distintos

Para Martins (2012), a designação velho possui características negativas para esta categoria social. Em consequência, surgem então os mitos e estereótipos associados ao grupo da terceira idade. Preconceitos e mitos esses que podem levar a uma imagem negativa, ainda maior acerca dos idosos, podendo originar, nestes, crises de identidade, autoestima e motivação. Através da sua sabedoria, maturidade e experiência, a sociedade e próprio idoso deviam dar mais valor e significado à vida do mesmo.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a pessoa velha como aquela que já alcançou os 65 anos de idade. Na nossa sociedade, a designação de pessoa idosa está associada a uma norma negativa, pois o idoso é visto como o indivíduo que pouco tem para dar à sociedade. Apesar de quem é considerado idoso, ser ainda muito novo para ficar inativo. Vivemos, assim, numa sociedade em que os mais idosos não são tidos em conta e tende-se a esquecer que estes indivíduos deram o seu contributo laboral para o

enriquecimento e crescimento da sociedade, enquanto estiveram ativos profissionalmente.

“O lugar social do idoso está dependente da forma como a sociedade organiza e estrutura as funções e os papéis de cada grupo etário específico. Consoante a disposição, o sujeito pode, ou não, ser visto como um encargo social e/ou económico, tanto para a família como para a sociedade. Em resultado destas posições, a pessoa idosa é afastada da vida social e da escolha do seu próprio destino, sofrendo com o cenário que a sociedade lhes quer traçar.” (Rodrigues, 2010:27)

De acordo com Pimentel [2001, citado por Martins, 2012:5)], *“nas sociedades pré-industriais, o idoso era encarado como alguém bastante culto, experiente e, como tal, ocupava cargos importantes na comunidade, desempenhando as funções mais elevadas, em que tomava decisões.”* Nesta época, o idoso era respeitado, integrado e apoiado no seio da família, visto que era quem detinha uma longa experiência de vida e mais sabedoria. O estatuto social e lugar que são dados ao idoso têm evoluído, à medida que a sociedade evolui também, sendo que as grandes alterações sofridas ocorreram após a Revolução Industrial

1.4. Qualidade de vida na terceira idade

“A busca por uma boa qualidade de vida é um dos principais objetivos da vida humana, especialmente nos anos de vida mais avançados. O aumento da longevidade é valioso à medida que oferece oportunidades para o prolongamento de uma vida saudável e produtiva. Com a chegada da velhice, a debilidade física, a dependência, a perda de papéis, os estereótipos e preconceitos, enfim as inevitáveis perdas decorrentes

do processo de envelhecimento podem levar a diminuição da qualidade de vida dos idosos” (Costa, 2011:35).

A OMS [1994, citado por Azeredo, 2011:120)] definiu o termo qualidade de vida como “ *a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, considerando o contexto cultural e os valores, ao nível dos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações*”. Já Ferreira (2009) refere que a qualidade de vida em gerontologia está relacionada com a maneira como o sujeito experiencia o seu próprio envelhecimento e vive a sua velhice.

Azeredo (2011) considera que a qualidade de vida interligada com o envelhecimento do indivíduo é bastante importante, no sentido em que a qualidade de vida permite avaliar as condições de vida no processo de envelhecimento.

“Para se envelhecer com qualidade é preciso ser criativo, responder às pressões mobilizando a sabedoria e o relativismo que a experiência ensinou, alterando as prioridades e os percursos, numa luta interna com o corpo e externa com a sociedade. O sucesso desta tarefa depende da capacidade psicológica de cada um, em encontrar o seu caminho de envelhecimento ótimo ou bem- sucedido” [Paúl e Fonseca (2001, citado por Moreno, 2013:43)].

Para Jacob (2005), o sujeito é agente ativo, no seu processo de envelhecimento, na sua qualidade de vida neste momento. Os seniores traçam objetivos e lutam para os alcançar. Ferreira (2009), na mesma linha de pensamento, refere que manter ativos os indivíduos, para além do processo de reforma, é fundamental, pois a capacidade da pessoa permanecer ativa é uma das condições fundamentais para o êxito no envelhecimento.

Segundo Varela (2012), a qualidade de vida é o processo usado para avaliar as condições da vida de um ser humano. Envolve o bem-estar físico, mental, psicológico e

emocional, além de relacionamentos sociais, com família e amigos e também a saúde, educação, poder de compra e outras circunstâncias da vida.

Para Paúl e Fonseca [2001, citado por Azeredo, 2011:121)], a qualidade de vida afeta também o estado de saúde do idoso, pois se não existir saúde torna-se mais difícil ter qualidade de vida. Surge, assim, uma necessidade de intervenções médicas para a promoção de bem-estar do utente. Estas intervenções têm como principal objetivo desmistificar a ideia de que o envelhecimento não tem que estar unicamente associado a doenças ou incapacidades. É a nível biológico que os idosos estão mais suscetíveis a possíveis problemas de saúde que poderão influir no seu bem-estar e, por consequência, na sua qualidade de vida.

Segundo Azeredo (2011), existem um conjunto de variáveis que influenciam a qualidade de vida do idoso: as variáveis individuais, que incluem a saúde física e mental, capacidades cognitivas, afetividade, qualidade de vida, autoeficácia e controle de si e do meio; e variáveis ambientais, que incluem o espaço de residência, o ambiente social e as relações com os outros.

Para Moreno (2013), não podemos deixar de lembrar que a qualidade de vida do idoso não se define, somente, por fatores relacionados com a saúde, mas também, por fatores sociais, económicos e ambientais, que devem ser também tidos em conta, de igual modo.

A qualidade de vida dos indivíduos idosos, para Costa (2011), não é tarefa fácil. Por isso, é necessário adotar elementos como a longevidade, a saúde biológica, a saúde mental, a satisfação, a produtividade, a atividade, o estatuto social, a continuidade de papéis familiares e ocupacionais e a continuidade de relações informais, uma vez que são estes os indicadores mais favoráveis para o bem-estar na terceira idade.

Torres e Marques (2008) afirmam que os estilos de vida surgem como um dado importante neste processo e podem influenciar, positiva ou negativamente, a qualidade de vida dos indivíduos. Nesta faixa etária o que pode influenciar a qualidade de vida do indivíduo, está muitas vezes relacionado com as perdas. Daí que os novos desafios da

saúde pública passem pela aposta em mecanismos capazes de atuar ao nível do bem-estar mental e social, onde os fatores psicológicos e psicossociais associados a fatores de ordem social assumem um papel fundamental.

Silva (2010) refere que o envelhecimento, sendo um fenómeno global, é um processo gradual acompanhado pelas alterações fisiológicas, psicológicas e comportamentais.

Quanto menos sedentarismo existir, melhor será a qualidade de vida do idoso. Neto (2012) afirma que atividades, como o desporto, a expressão plástica ou a dança, podem ser muito benéficas para os idosos que as frequentam, dando-lhe satisfação e contribuindo para um envelhecimento ativo e saudável. Existem, no nosso país respostas sociais, nas quais os idosos podem ocupar o seu tempo, ou parte do mesmo, com atividades que lhes permitem um envelhecimento ativo e bem-sucedido, como os centros de dia, centros de convívio, centros comunitários, entre outros.

1.5. Envelhecimento ativo

Segundo Torres e Marques (2008), o envelhecimento despoleta problemas devido à mudança de papéis que daí decorre, sobretudo na fase da passagem da vida ativa para a reforma, porque significa que o idoso não é mais produtor de bens e serviços, resultando por isso, em insatisfação. Neste contexto, quanto mais ativo o indivíduo se mostrar na velhice, maior será o seu grau de satisfação ou ajustamento social.

Para Costa (2012), a noção de envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos como a grupos populacionais e existem várias formas de participação ativa dos idosos na sociedade.

O envelhecimento ativo, introduzido pela Organização Mundial de Saúde, em 2002, é definido como “ o processo pela qual se optimizam as oportunidades de bem-estar físico, social e mental durante toda a vida com o objectivo de aumentar a esperança de vida saudável, a produtividade e a qualidade de vida na velhice”. É um conceito inovador que reflete a importância que os fatores psicológicos e psicossociais associados a fatores de ordem social assumem na formulação de intervenções promotoras da adaptação face ao envelhecimento, já que os estilos de vida e a autoeficácia, entre outros fatores, podem influenciar e determinar um maior bem-estar.

Paúl (2013), utilizando o conceito da OMS, refere que o envelhecimento ativo surge associado não só à saúde mas a aspetos socioeconómicos, psicológicos e ambientais. Não se pode olhar para um envelhecimento ativo e bem-sucedido sem se englobar todas as envolventes sociais nas quais os idosos atuam. Para o envelhecimento ser ativo, o idoso tem que participar e estar envolvido nas várias questões sociais, culturais, económicas e não apenas na dimensão fisiológica. Esta nova perspetiva de encarar o envelhecimento dá importância à forma como as pessoas percebem o seu potencial para a promoção do seu bem-estar e da sua qualidade de vida, nesta idade. Por exemplo, quando se chega à idade da reforma, não quer dizer que se esteja idoso e sem capacidades para continuar a ser ativo. Envelhecer corresponde antes a um processo que se estende ao longo de toda a vida.

Como é referido por Mota (2010), a promoção de um envelhecimento ativo insere-se numa perspetiva de educação ao longo da vida, pois não podemos descurar o facto de que o envelhecimento, como acontece com outras fases da vida do indivíduo, constitui, de igual modo, importância para a pessoa, na medida em que se torna um ciclo marcante e ainda repleto de aprendizagens e descobertas, tanto a nível pessoal como social. Estas aprendizagens podem transformar o envelhecimento numa fase de enriquecimento na vida da pessoa, de forma a aumentar a sua qualidade de vida e o seu bem-estar. Assim, através das atividades que lhe são propostas pelas instituições ou pelos grupo, os idosos continuar aprender, tendo um envelhecimento ativo.

A OMS [2005, citada por Paúl, 2013:3)] indica que o envelhecimento ativo depende de uma diversidade de fatores, designados por “*Determinantes do envelhecimento ativo*”, que são as seguintes:

- **Ordem pessoal** – associada aos fatores biológicos, psicológicos e genéticos;
- **Ordem comportamental** – comportamentos tomados para um estilo de vida saudável;
- **Ordem económica** – oportunidades de trabalho, rendimentos;
- **Ordem do meio físico** – toda a envolvente (transportes, vizinhança, poluição do ar, entre outros);
- **Ordem social** – apoio social que lhe é prestado, modalidades de educação, que frequenta;
- **Ordem da saúde** – orientada para a promoção da saúde e prevenção de doenças.

Estas determinantes, segundo Paúl (2013), têm sido impulsionadoras de políticas para a pessoa idosa, a implementar pelos governos e por instituições. Sendo que o envelhecimento ativo deve ser fomentado junto das pessoas, para que estas tomem consciência acerca do poder e controlo que continuam a ter sobre a sua vida.

A palavra ativo, para a OMS [2002, citada por Paúl, 2013:2)], refere-se à participação contínua nas questões sociais, económicas, culturais, espirituais e civis. O idoso tem que continuar a participar na sociedade de forma útil, e é importante que sinta que continua a fazer parte dela, intervindo e contribuindo para o seu desenvolvimento.

Por envelhecimento bem-sucedido ou ativo, entende-se o conjunto de fatores que fazem com que o indivíduo continue a funcionar ativamente, tanto do ponto de vista físico, como mental. Ao contrário do que se pensa, a velhice pode ser vivida de forma saudável, através da prevenção e da redução dos riscos que muitas doenças acarretam. Do ponto de vista físico, é importante que o indivíduo consiga manter a autonomia e a

independência em relação aos outros para o auxílio nos cuidados quotidianos. Para que os idosos estejam ativos socialmente, é importante que estabeleçam uma rede de relações sociais. Quanto maior for o número destas relações sociais e a sua respetiva qualidade de vida, maior será a esperança de vida da pessoa idosa e menor o risco de contrair doenças.

O lazer, o ócio e outras formas de ocupação dos tempos livres podem otimizar a vivência da reforma. Cada pessoa envelhece de maneira única e singular, há várias maneiras de vivenciar a transição entre a vida laboral e a reforma.

É importante que a sociedade esteja consciencializada acerca do trajeto de vida dos indivíduos idosos, e que a mesma lhes possibilite um envelhecimento ativo e bem-sucedido. O idoso é o principal sujeito e guia do seu envelhecimento, mas a sociedade tem que lhe criar as condições necessárias neste momento da sua vida. Assim, Mota (2010) refere que, com o aumento da esperança de vida dos indivíduos, é-lhes permitido viver mais anos mas será importante que o possam fazer com qualidade de vida e dignidade. Daí, não só cabe ao Estado e à sociedade proporcionarem aos idosos as estruturas e os mecanismos necessários, mas também dotá-los de capacidades e responsabilidades para que possam desfrutar de um envelhecimento mais ativo e participativo.

No entanto, temos de ter em conta que o processo de envelhecimento não ocorre da mesma forma em todos os indivíduos. É um processo individual, singular e a forma como nos desenvolvemos nas diferentes fases da vida pode ditar a forma como vamos envelhecendo.

Paúl (2013), neste sentido, refere que uma idade avançada bem-sucedida possui vários critérios interligados, tais como a longevidade, a saúde física, biológica e mental, a aptidão intelectual e social, a manutenção da autonomia, do bem-estar e da qualidade de vida. Então, quando falarmos num envelhecimento ativo não poderemos descurar importantes conceitos que lhe são inerentes e que fazem com que este processo seja

mais enriquecedor. Esses conceitos dizem respeito à autonomia, à qualidade de vida e ao bem-estar.

Por autonomia, entendemos a capacidade do indivíduo controlar, lidar e tomar decisões pessoais que considera serem as mais adequadas sobre o modo como quer e deve viver o seu quotidiano, sempre tendo em conta as suas preferências, regras e expectativas. Neste sentido, é importante que a pessoa idosa tome consciência da sua responsabilidade pessoal e social, para que possa conduzir a sua velhice de uma forma mais agradável, podendo viver os últimos anos da sua vida com mais dignidade e interesse pelas atividades e assuntos que a motivam.

Para Neto (2012), pensar na reforma é planear o que poderá ser realizado na nova fase da vida do indivíduo, desde que as pessoas saibam aquilo que pretendem e como querem realizá-lo. Durante a reforma, a disponibilidade passa a ser maior e, por consequência, há mais oportunidade e hipóteses para ocupar o tempo. Assim o idoso poderá manter-se ativo.

A par do processo de envelhecimento, não poderíamos deixar de refletir sobre a questão da institucionalização. De facto, o aumento exponencial da longevidade da população permitiu que os indivíduos vivessem mais anos. No entanto, viver mais não significa, necessariamente, viver melhor. Viver mais, traduz-se também numa maior probabilidade de ocorrência de doenças. Sendo que, a família não tem condições para ter os mais velhos em casa e com a atividade profissional não tem tempo para os mesmos, torna-se uma necessidade os idosos irem para uma instituição.

1.6. A Institucionalização do indivíduo idoso como uma resposta social

De acordo com o Instituto da Segurança Social (2015), existem diversas respostas sociais para os idosos, no nosso país, como por exemplo:

- **Serviço de apoio domiciliário:** nesta resposta, são prestados cuidados e serviços a famílias e ou pessoas que se encontrem no seu domicílio. Estes serviços podem ser temporários ou permanentes;
- **Centro de convívio:** resposta social onde se organizam atividades socioculturais;
- **Centro de dia:** resposta social, que funciona durante o dia, prestando um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção do meio social e familiar;
- **Centro de noite:** visa o acolhimento noturno de pessoas idosas com autonomia que, durante o dia, permaneçam no seu domicílio e que, por vivenciarem situações de solidão, isolamento e insegurança, necessitam de acompanhamento durante a noite.
- **Centro de lazer e férias:** esta resposta destina-se a todas as faixas etárias para satisfação de necessidades de lazer e de quebra da rotina, essencial ao equilíbrio físico, psicológico e social dos seus utilizadores. Sendo que, os idosos não são alheios a esta resposta, podendo assim participar na mesma.
- **Acolhimento familiar para pessoas idosas:** resposta social que consiste em integrar, temporária ou permanentemente, pessoas idosas em famílias capazes de lhes proporcionar um ambiente estável e seguro.
- **Estrutura residencial para pessoas idosas:** visa o alojamento coletivo, temporário ou permanente, para pessoas idos. Aqui, são desenvolvidas atividades de apoio social e prestados cuidados de enfermagem, oferecendo aos idosos as condições de vida necessárias nesta fase da sua vida.

É na última resposta que nos vamos debruçar, neste subcapítulo, sendo a institucionalização nos dias de hoje bastante procurada.

Silva (2010) diz-nos que, tendo em conta que o número de idosos tem aumentado cada vez mais e que a estrutura familiar tem sofrido grandes mudanças, torna-se fundamental dar uma atenção especial à institucionalização. A sociedade defronta-se com um novo desafio: o de conciliar o aumento da longevidade com a qualidade de vida.

Cardão (2009) refere que a institucionalização do idoso representa uma mudança bastante significativa na vida no mesmo, na medida em que se vai acentuando a vivência de uma série de perdas. Para a autora, a perda mais visível no idoso institucionalizado, está relacionada com a vida ativa que sempre teve, sendo que a perda dos laços familiares e de amizades são também visíveis.

A institucionalização prenuncia-se num conjunto de regras a que o idoso não estava habituado, regras essas que por vezes consideram o idoso individualmente e muitas funcionam de igual modo para todos os clientes da instituição. Neste sentido, Encarnação [1995, citado por Cardão, 2009:12)] refere que a institucionalização ao *“espartilhar a vida do homem em inúmeras “prateleiras” estanques, preconizadoras da indiferença civil e das relações íntimas de solidariedade, provocam profundas censuras nos modos de vida do indivíduo, uma vez que os organiza administrativamente e de forma extremamente atomizada”*.

Oliveira (2011) abrange a temática do familismo tradicional, como uma alteração em que os avós, pais, filhos e netos se congregavam na mesma sofreu grandes alterações. A família, entendida como o mais marcante espaço de realização, desenvolvimento e consolidação, diferenciou-se e separou-se funcionalmente, tornando incompatível a coabitação com os mais velhos e, por isso, surgem as instituições vocacionadas para acolhimento dos idosos. Com as referidas alterações demográficas que têm ocorrido e as consequentes modificações familiares, a nível de estrutura e organização, surgem associadas também as alterações a nível das relações e solidariedades familiares.

Associados também a outros fenómenos, como um ritmo de vida dos sujeitos e das famílias, cada vez mais ativo, e a participação das mulheres no mercado do trabalho, verificam-se alterações a nível das relações de cuidado aos idosos.

Para Guedes (2012), é importante perceber a forma como funcionam as instituições com trabalho orientado para a terceira idade, a forma como preservam a autonomia de cada idoso, como o deixam participar nas atividades diárias e na definição de regras, na criação de laços tanto com os outros clientes, direção e família. Acredita-se que deixar o idoso participar ativamente na vida da instituição o favorece e lhe dá um sentimento de utilidade.

“Atualmente, institucionalização eleva-se a um patamar de protecção. Ao falar de institucionalização, falamos de um equipamento social fortemente demarcado a fim de dar resposta às necessidades, biopsicosociais de um determinado grupo. Como se trata de um grupo, este rege-se por normas e procedimentos padronizados socialmente, aceites ou sancionados pela sociedade, em que a sua importância visa o estabelecimento da ordem e da organização do grupo a que se destina. A nível da terceira idade, esta institucionalização visa dar resposta às necessidades patológicas ou físicas da pessoa idosa, protegendo-a e apoiando-a nos patamares que a família não consegue ou prescinde” (Rodrigues, 2010:30).

Atualmente, viver na própria casa pode não ser a opção mais viável, pois, frequentemente, a família consegue assegurar as necessidades básicas do sujeito idoso. Noutra perspetiva, a institucionalização ou permanência nos lares de terceira idade depende da capacidade de adaptação das pessoas, do apoio familiar e das condições que a instituição comporta. Quando a pessoa idosa está inserida na instituição, o ambiente e a vida familiar são cruciais, visto que o contato com a família permite que o sujeito se mantenha próximo do seu meio natural de vida e preserve o seu autoconhecimento e valores. A institucionalização, para muitos, é vista como uma pré-fase da morte, um reforço da separação dos filhos, perda da privacidade e dos seus bens adquiridos a longo prazo.

Para Jacob (2007), nestes espaços, o serviço prestado deverá providenciar equipamentos sociais através do apoio social e do apoio sanitário, de forma a promover os cuidados com a saúde, alimentação, higiene e lazer dos seus utentes. Será uma nova etapa e um novo desafio para o idoso. Neste sentido, apesar de se ter em conta as necessidades básicas do idoso, também se torna importante ressaltar outras necessidades que, certamente, o indivíduo irá sentir após a sua integração numa instituição. Essas necessidades são de carácter social e afetivo e deverão ser valorizadas pelos profissionais da instituição.

As instituições que recebem idosos ainda são vistas, pela maioria destes, com desconfiança, um local onde reina a solidão, onde são “depositados” à espera da morte e abandonados pelos filhos. Quando as perturbações funcionais limitam o funcionamento autónomo do idoso, recorre-se a outras soluções de apoio. Prevê-se que seja a família a prestar auxílio ao idoso, nomeadamente os filhos, assegurando a permanência do mesmo na sua própria casa, ou, então, levando-o para viver junto deles. Contudo, tendo em conta as transformações que a família tem vindo a sofrer, nem sempre esta opção é possível. Quando isto acontece, verifica-se o recurso à institucionalização, ou a outro tipo de assistência, como o centro de dia, centro de noite, apoio ao domicílio. O idoso deixou de ser visto como uma referência ao conhecimento, uma figura de respeito dando lugar, muitas vezes, a um peso para a sua família.

Os lares tinham uma conotação de carácter negativo, pois são associados a uma imagem de falta de higiene, onde os indivíduos são deixados, esperando o fim das suas vidas. No entanto, esse cenário mudou e tomou uma evolução mais positiva, sendo estes espaços, atualmente, denominados de Lar de Idosos ou Lares da Terceira Idade, com condições agradáveis e com vista a satisfazer as necessidades básicas e os interesses deste grupo etário, contando com o trabalho de profissionais de várias áreas.

Não é por se entrar na reforma, ou por estarem institucionalizados que os idosos deixam de ser válidos e têm que estar um dia inteiro parados sem fazer nada, é necessário que os mesmos tenham um quotidiano com atividades, para que se sintam úteis.

1.6.1. Transição casa – lar

A entrada num equipamento com respostas sociais para a terceira idade, pressupõe, segundo Guedes (2012), um conjunto de alterações na vida do indivíduo. Deixar a casa e os seus hábitos de vida conduz, na maioria dos casos, a grandes problemas de adaptação, associados à rutura total do seu quadro de vida. A autora associa não só o momento da entrada no lar a um momento de perda, mas também a uma fase de descoberta, conquista, novas amizades e aprendizagens.

Neste sentido, Moreno (2013) refere que, para a integração numa instituição seja eficaz, é fulcral ter em atenção dimensões como a continuação do estabelecimento de relações sociais, tanto na instituição, como perante a comunidade local.

Muitas vezes, a institucionalização é vista como um momento de angústia na vida do indivíduo por representar um corte com a sociedade envolvente, mas por outro lado, os mesmos poderão considerar que o facto de estarem institucionalizados lhes garante alguma estabilidade, pois sabem que terão sempre o apoio que precisarem.

Ribeiro & Paúl (2011) consideram que, para a velhice ser bem-sucedida após a institucionalização, é importante que técnicos especializados proporcionem apoio social, acompanhamento psicológico e desenvolvam atividades de animação, uma vez que este tipo de intervenção desenvolve efeitos muito positivos. Como os indivíduos institucionalizados passam a ter muito tempo livre, quando não se sentem úteis e ocupados, poderão surgir situações de isolamento, *stress*, aborrecimento e apatia, o que terá um efeito negativo para a saúde e bem-estar geral.

1.7. Políticas Sociais para a Terceira Idade em Portugal

“As políticas públicas devem incorporar a dimensão ética da responsabilidade de modo a permitir ao idoso o exercício da cidadania e contribuir para sustentabilidade dos sistemas de protecção e acção social” (Faria, et. al. 2008:68).

De acordo com Lynn [1980, citado por Faria et. al., 2008:72)], as políticas públicas são um conjunto de ações dos estados que atuam numa determinada realidade social, produzindo efeitos específicos.

O fenómeno do envelhecimento legitimou-se como problema social, o que levou a uma ação por parte do Estado, para a criação de medidas orientadas para a terceira idade, que segundo Fernandes (1997) estas medidas passaram a designar-se por políticas de velhice, entendendo-se estas como um conjunto de ações públicas, com o objetivo de estruturar a velhice.

Para Lima (2013), a política de velhice constitui-se, como um ramo da política social que fornece instrumentos de apoio essenciais ao bem-estar dos indivíduos.

1.7.1. Evolução das Políticas Sociais para Terceira Idade

Entre 1974 e 1976, Portugal sofreu abundantes alterações políticas e sociais, sendo que as políticas sociais para a terceira idade também foram influenciadas por essas alterações sentidas no nosso país. Nesse sentido, Cardoso et. al. (2012) referem que a evolução das políticas sociais destinadas à terceira idade, surgem principalmente no direito generalizado à reforma.

Depois do 25 de Abril de 1974, existia, em Portugal, um número considerável de pessoas que, não tendo chegado a contribuir, ou não tendo contribuído o tempo

suficiente para qualquer caixa de pensões, viria a usufruir de uma pensão social de montante muito baixo. Assim, o programa do I Governo Provisório de 1974 permitiu o acesso à pensão social para todos os que tivessem mais de 65 anos, ou fossem inválidos e não beneficiassem de qualquer reforma.

De acordo com Veloso (2011) para além destas modificações na legislação, foi alterada, ainda que lentamente, a forma de tratar a velhice, sendo que o II Governo Provisório, no seu programa, faz referência a essa nova visão de tratar a velhice, através da criação de pequenas unidades residenciais para o acolhimento dos idosos sem família e a total remodelação dos asilos de terceira idade. A partir deste momento, verifica-se que a proteção social dos idosos, por parte do Estado, não se restringe apenas ao apoio económico e às reformas. Começa a revelar-se uma preocupação, em desenvolver infraestruturas de apoio ao idoso que favorecessem a sua integração e participação na sociedade.

É com a Constituição de 1976 que se consagram as condições para a universalização do direito a uma reforma de velhice e se reconhece socialmente esta fase da vida como a Terceira Idade.

De acordo com o artigo 63.º da Constituição de 1976: *“O Estado promoverá uma política da terceira idade que garanta a segurança económica das pessoas idosas e a política da terceira idade deverá ainda proporcionar condições de habitação e convívio familiar e comunitário que evitem e superem o isolamento ou a marginalização social das pessoas idosas e lhes ofereçam as oportunidades de criar e desenvolver formas de realização pessoal através de uma participação activa na vida da comunidade”*.

É, então, na década de 80, como refere Fernando Maia [1985, citado por Cardoso et. al., 2002:615]), que o Estado assume o grande papel que lhe é confiado, pelos indivíduos idosos, constatando-se uma crescente “humanização” das políticas sociais da velhice através da criação de novos mecanismos, que valorizam a independência e autonomização do idoso.

É necessário admitir que o papel ativo destes indivíduos é fundamental, e que é necessário dar-lhes condições para isso, através das propostas que visavam desenvolver um conjunto de medidas de sensibilização. O idoso não pode ser visto como um encargo para a sociedade, não é por ter 65 anos que se torna inválido, foi então nesta linha de pensamento, que se reconheceu um novo estatuto, a estes indivíduos, que passava por possibilitar-lhe um papel mais ativo e participativo na sociedade.

Segundo Cardoso et. al., (2002) a tendência para, valorizar socialmente os idosos continua presente em toda a década de 80. É no IX Governo, que a proposta de flexibilização da idade da reforma antecipada e de pré-reforma se traduz já numa tentativa de gerir o final da carreira ativa dos trabalhadores de idades mais avançadas em função das necessidades do mercado de trabalho. Com esta medida, na transição para o século XXI, começa a existir um condicionamento, bastante acentuado, no que se refere à sustentabilidade do sistema de pensões, pois o número de pensionistas cresce em consequência da medida proposta na década de 80. As políticas sociais direcionadas para os mais velhos tendem a ser mais caras, tendo em conta o aumento dos seus beneficiários e a sua maior longevidade vital.

Segundo Faria et. al. (2012), apesar de existir um maior alargamento da taxa de cobertura de pensões, os idosos continuam apresentar sinais de risco social, pela tendência ao isolamento e pelos escassos rendimentos, sendo definidos, em 1991, pelo Decreto-Lei n.º 391/91, de 10 de Outubro, como grupo de risco.

Em 2001, entrou em vigor a Lei de Bases da Solidariedade e da Segurança Social, Lei n.º 17/2000, de 8 de Agosto, onde a proteção social se reorganiza em três subsistemas: o subsistema de proteção social de cidadania, o subsistema de proteção à família e o subsistema previdencial.

De acordo com Faria et. al. (2012), é no subsistema de proteção social de cidadania e no subsistema previdencial que se enquadra a velhice.

No primeiro, inserem-se as pensões sociais de invalidez, velhice e de sobrevivência financiadas exclusivamente através de transferências do Orçamento Geral

do Estado, mas as mesmas pensões são financiadas pelas cotizações dos trabalhadores e pelas contribuições das entidades empregadoras.

De acordo com o Instituto Segurança Social (2015), as pensões referidas anteriormente são:

- **De invalidez** - É uma prestação em dinheiro atribuída, mensalmente, aos beneficiários em situação de incapacidade permanente para toda e qualquer profissão;
- **De velhice** - É uma prestação, atribuída mensalmente, a partir da idade normal, destinado a proteger os beneficiários do regime geral de Segurança Social, na situação de velhice, substituindo as remunerações de trabalho;
- **De sobrevivência** - Prestação, atribuída mensalmente, que se destina a compensar os familiares do beneficiário da perda de rendimentos de trabalho resultante da morte deste.

Em suma, existem medidas de política inclinadas a responder às necessidades da terceira idade, estas estão associadas a equipamentos, pensões, programas e projetos de cuidados aos idosos, mas é necessário responder a outras necessidades.

No nosso país, o envelhecimento continua a crescer e os serviços de cuidados na terceira idade ainda são em número insuficiente para responder às necessidades dos indivíduos. Os serviços, que existem, respondem à satisfação de algumas necessidades básicas, mas ficam ainda aquém da satisfação das necessidades humanas relativas a uma participação ativa na sociedade, por parte destes indivíduos.

Existe a necessidade de se continuar a trabalhar nesta questão das políticas sociais para a terceira idade, visto não se conseguir combater o fenómeno do envelhecimento, é fundamental criar-se medidas que o tornem um problema social bem-sucedido.

A sociedade tem que estar atenta às diversas necessidades deste grupo, construindo respostas vocacionadas a satisfazer as mesmas. Para além de se satisfazer as

necessidades básicas dos indivíduos é necessário dar ênfase a todas as outras necessidades, na presente investigação destaca-se a necessidade da aprendizagem ao longo da vida, sendo que esta é essencial no que diz respeito a um envelhecimento ativo e bem-sucedido.

Capítulo II - A educação no âmbito da promoção do envelhecimento ativo

Neste capítulo irá ser apresentada, a evolução da educação, deixando, esta, de ser vista como, uma educação dentro do sistema ensino, para passar a ser uma aprendizagem ao longo da vida. Após esta análise, pretende-se dar ênfase, à educação como uma ferramenta essencial para a promoção de um envelhecimento ativo, percebendo de que forma atua, a mesma, através da animação sociocultural como método de aprendizagem ao longo da vida.

2.1. As CONFITEAS- da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida

Segundo Aníbal (2013), foi na segunda metade do século XX, que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) mostrou que havia uma necessidade de se evoluir e de redefinir as prioridades da educação e formação de adultos.

A UNESCO desenvolve, assim, a grande tarefa de evolução da educação de adultos, utilizando as seis Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFITEAS), para combater a linha de pensamento da educação permanente.

<i>Designação</i>	<i>Local</i>	<i>Ano</i>
I CONFITEA	Elseneur (Dinamarca)	1949
II CONFITEA	Montreal (Canadá)	1949
III CONFITEA	Tóquio (Japão)	1972
IV CONFITEA	Paris (França)	1985
V CONFITEA	Hamburgo (Alemanha)	1997
VI CONFITEA	Belém do Pará (Brasil)	2009

Quadro 1 - Conferências Internacionais da UNESCO sobre a Educação de Adultos (CONFITEAS)
(Fonte: Nico (2011:34))

Segundo Nico (2011), das seis CONFINTEAS, destacam-se as III, IV e V, no que se refere à evolução de uma educação permanente e em consequência o aparecimento da visão de uma aprendizagem ao longo da vida.

Iremos, de seguida, fazer uma breve síntese do que foi cada uma das CONFINTEAS.

A I conferência, realizada em 1949, ficou marcada pelo reconhecimento da necessidade e importância da educação de adultos, existindo uma enorme carência de clarificar a mesma.

Na II conferência, é reivindicado um lugar para a educação de adultos, não sendo esta um apêndice, mas parte integrante dos sistemas educativos.

A III conferência, realizada em 1972, no Japão (Tóquio), teve por tema “A Educação do Adulto num Contexto de Educação Permanente”. Esta é a conferência que institui a educação permanente como responsabilidade dos Estados e ficou marcada pela visão de que a escola deve preparar para a educação ao longo da vida.

A IV conferência ficou assinalada, segundo Silvestre [2003, citado por Nico, 2011:36)], pela alteração do conceito de educação permanente: *“o conceito de Educação/ Educação Permanente começa a perder a sua originalidade e a diluir-se, começando a ser confundido mais com o conceito de educação ao longo da vida (ALV)”*.

Na quinta conferência, realizada na Alemanha (Hamburgo), em 1997, a educação de adultos (sob o tema A Educação das Pessoas Adultas, Uma Chave para o Século XXI) passa a ser encarada, simultaneamente, como uma consequência da cidadania ativa e uma condição para a plena integração na sociedade.

A partir deste momento, a educação de adultos passa assim, a ser vista, como o conjunto de processos de aprendizagem (formal, não formal e informal), sendo que a aprendizagem é válida em qualquer contexto, no qual as pessoas adultas desenvolvem

as suas capacidades, enriquecem os seus conhecimentos e melhoram as suas qualificações técnicas e profissionais.

A educação na terceira idade, como em qualquer idade, acontece em três principais modelos: a educação formal, a não formal e a informal. Sendo que a educação não formal e informal nesta etapa, sejam as mais utilizadas.

Veloso (2011:135), define assim estas três dimensões:

- **A educação formal:** *“um modelo de educação ministrado, se é assim que se pode dizer, pelo Ministério da Educação e compreende o sistema educativo no que se refere às instituições escolares que se preparam na formação e orientação de um currículo”;*
- **A Educação não-formal:** *“é toda e qualquer forma de educação que opera fora das directrizes do Ministério da Educação, é uma forma que vários intervenientes que colaboram no acto educativo encontram, de organizarem a educação de acordo com as necessidades e aspirações do público-alvo em questão. (...) Será uma forma de educação não- formal, uma vez que foi organizado, avaliado e sistemático, não seguindo nenhum modelo de ensino do Ministério da Educação”;*
- **A educação informal:** *“é toda aquela educação recebida no dia-a-dia de cada individuo, pelos grupos sociais que está inserido, pelas actividades de tempos livres, pelo grupo religioso que está inserido, ou seja, pela experiência de vida, trata-se por isso, de um acto não intencional, ao contrário das anteriores.”*

Foi nesta quinta CONFITEA que se valorizou o contributo dos adultos idosos para o desenvolvimento da sociedade, reconhecendo e valorizando as suas competências e capacidades e dando-lhes direito a aprenderem, em condições de igualdade de oportunidades.

A sexta conferência realizou-se em 2009, em Belém do Pará, no Brasil, com o tema “Vivendo e Aprendendo para Um Futuro Viável: O Poder da Aprendizagem e da Educação De Adultos”. Com esta conferência, de acordo com Nico (2011), pretendeu-se promover o reconhecimento da educação e aprendizagem de jovens e adultos como um fator importante e condutor para a o reconhecimento da ALV. Nesta conferência, manteve-se a perspetiva, vinda da conferência anterior, segundo a qual a educação de adultos está inserida na aprendizagem ao longo da vida.

É possível, principalmente com as duas últimas conferências da UNESCO, identificar uma mudança de paradigma concretizado na crescente valorização da aprendizagem ao longo da vida, deixando a educação de adultos de ser encarada apenas como subsistema educacional, mas passando a ser assumida como parte de uma aprendizagem ao longo da vida.

2.1.1. A Aprendizagem ao longo da vida (ALV)

“Durante la anciedad puede continuar el proceso evolutivo de crecimiento personal, pues la educación se desarrolla a lo largo de toda la vida. Para ello son necesarias las relaciones sociales, la comunicación com los demás, la participación social, donde el papel de la educación sigue siendo crucial” (López et. al 2004:9).

A ALV, articula-se com duas dimensões das sociedades desenvolvidas que são: o rápido desenvolvimento da tecnologia e do conhecimento e o facto de a educação começar a ser, cada vez mais, perspetivada como um processo ao longo da vida, valorizando e envolvendo outros contextos e agentes educativos, ultrapassando a visão limitada e exclusivista da educação como educação escolar e como preparação para o mundo do trabalho.

Trigo [2002, citado por Nico, 2011:40)], utilizando o Memorando da União Europeia (2000), sobre a ALV, refere a importância da mesma através:

1. Da “ *importância de se dar a oportunidade a todos de dar continuidade aos percursos formativos;*
2. *A constatação de que parte significativa da população activa não tem os níveis de escolaridade essenciais a uma sociedade cada vez mais exigente e competitiva;*
3. *A mudança contínua do conhecimento, uma vez que este evolui a um ritmo tal que exige dos indivíduos uma preparação e uma capacidade de adaptação. (...);*
4. *As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação trazem, hoje, um novo tipo de exclusão que é a info-exclusão, relacionado com o uso do computador e Internet. É fundamental que se aposte na aprendizagem ao longo da vida e no desenvolvimento concreto de competências que aumentem a Literacia tecnológica;*
5. *Combater a exclusão escolar dos jovens pela aprendizagem e o exemplo dos próprios adultos. (...)*
6. *Questão de sobrevivência dos próprios sistemas de educação. (...).”*

A ALV, de acordo com a Comissão das Comunidades Europeias (CEE) [2001, citado, por Nico, 2011:41)], são “*todas as actividades de aprendizagem intencional desenvolvidas ao longo da vida, em contextos formais, não formais ou informais, com o objetivo de adquirir, desenvolver ou melhorar conhecimentos, aptidões e competências no quadro de uma perspectiva pessoal e ou profissional.*”

Segundo Pires [2005, citado por Rodrigues, 2012)] a ideia de aprendizagem ao longo da vida, pode ser entendida como um processo que ocorre em fases diferentes do ciclo de vida dos indivíduos e em diferentes espaços, reconhecendo, desta forma, a

relevância de espaços e tempos educativos que estão para além dos habituais, de natureza escolar.

Para Rodrigues (2012), a ALV, deve constituir um direito de todas as pessoas, independentemente da sua idade, habilitações, origem étnica, percurso profissional, entre outros, à aquisição de saberes e competências, que lhe permitam participar na construção contínua do seu desenvolvimento pessoal e profissional, proporcionando-lhes instrumentos para a compreensão das mudanças da sociedade em rápida evolução, instrumentos para identificar os seus interesses e direitos e desenvolvimento de capacidades para intervir e agir adequadamente.

Se a ALV é destinada para todos os indivíduos, Jacob (2002) refere que os idosos também têm direito à educação. Sendo que a educação para idosos tem sido objeto de numerosos estudos. Atualmente, são aceites duas perspetivas:

- Uma que concebe a educação como estratégia de promoção e estimulação da integração social dos seniores, assim a educação é nesta perspetiva considerada como um instrumento de promoção social;
- E outra que perspetiva um envelhecimento melhor para aqueles que mantêm a mente mais ativa através de atividades educativas.

A aprendizagem ao longo da vida, de acordo com Jacob (2012), é nos dias de hoje, um conceito enraizado na sociedade e assenta na ideia que a formação/educação não termina na escola, mas que acompanha a vida da pessoa até ao seu término.

Se as aprendizagens estão presentes em todos os momentos da vida dos indivíduos, então a educação ao longo da vida assume um papel importante na sociedade. A ALV surge associada, *“à aquisição de competências estratégicas que permitam aprender a aprender, bem como a aquisição de um conjunto de conhecimentos gerais...”* Canário (2000, citado por, Nico 2009:39). Esta é vista como uma atividade de aprendizagem com objetivos definidos na melhoria de conhecimentos e competências por parte de quem frequenta essas atividades.

“ (...) la educación de las personas mayores resulta un ámbito de actuación destacado y en expansión, que por otra parte tiene una repercusión directa en el aumento de su calidad de vida” (López et. al 2004:9-10).

De acordo com Azeredo (2012), à medida que os indivíduos vão envelhecendo a capacidade de aprender vai-se alterando, exigindo assim um maior esforço por parte do indivíduo que envelhece e por parte da sociedade que o rodeia, de modo a que este se sinta motivado para aprender, para se manter ativo e socialmente integrado. A educação pode mudar o contexto desprivilegiado dos idosos, podendo ser útil e eficaz no combate à negatividade estereotipada para a terceira idade.

Respeitado o tempo que é necessário para os idosos aprenderem, os mesmos são capazes de adquirir e dominar os novos conhecimentos que lhes são apresentados, uma vez que:

“O idoso é capaz de aprender, como também de se adaptar às novas condições e exigências de vida. Apenas deve ser respeitado o seu próprio ritmo individual que, muitas vezes, pode evidenciar-se mais lento do que nos jovens. Ritmo diferenciado não significa incapacidade. Para muitas pessoas de idade, o que falta é uma técnica de aprendizagem e não a capacidade da mesma” (Oliveira, 2011:19).

A educação tem que ser vista como um processo contínuo que se realiza em todas as etapas da vida do indivíduo e não apenas num determinado momento da vida. O importante é a criação de um ambiente alegre, acolhedor e prazeroso. Porém, não nos devemos preocupar em manter os idosos ocupados, mas sim em torná-los produtivos e incentivando-lhes a criatividade e o desenvolvimento do potencial individual.

Ao se difundir o ensino para idosos, pretende-se promover a participação cívica e cultural dos mesmos. São cada vez mais necessárias atividades que valorizem os indivíduos e seus saberes e lhes permitam manter a autoestima e encarar a reforma

como, mais um estágio da sua vida e não como o último patamar. Através de atividades educativas, é pontual a promoção de um melhor envelhecimento.

Azeredo (2012) refere que uma educação ao longo da vida torna-se fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos, pois assim tornam-se mais ativos, humanizados e com mais qualidade de vida.

De acordo com Mota (2010), a promoção de um envelhecimento ativo insere-se numa perspetiva de educação ao longo da vida, pois não podemos descurar a dimensão educativa só pelo facto dos indivíduos envelhecerem. Como acontece com outras fases da vida do indivíduo, tem que se dar importância a este ciclo vital, na medida em que se torna um ciclo marcante e ainda repleto de aprendizagens e descobertas, tanto a nível pessoal como social. Estas aprendizagens podem transformar o envelhecimento numa fase de enriquecimento na vida da pessoa, de forma a aumentar a sua qualidade de vida e o seu bem-estar. Estas aprendizagens ocorrem nos, contextos formais, não-formais e informais, através de situações onde há uma integração e participação por parte do indivíduo. Nesta lógica, estamos a falar, naturalmente, de uma educação permanente, que considera que o homem, ao longo de toda a sua vida, deve ter oportunidade de usufruir das diferentes formas e variados processos educativos, com vista ao seu crescimento. Esta educação, entendida como um processo permanente, é encarada também como um processo comunitário, apelando-se a uma intervenção dentro das comunidades, na qual a educação de adultos possuirá um papel indispensável neste processo de interação de ideias, conhecimentos e valores entre os indivíduos.

2.2. As Universidades de Terceira Idade (UTIS) na promoção de Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV)

Segundo Correia (2010), olhando para a pirâmide demográfica, verificamos que a população está cada vez mais envelhecida, com um número crescente de idosos que necessitam de apoio, o que constitui uma forte preocupação na construção de

infraestruturas que consigam dar resposta a este fenómeno, as UTIS são um exemplo dessas estruturas.

A Universidade da Terceira Idade ou Universidade Sénior *“é a resposta socioeducativa, que visa criar e dinamizar regularmente atividades sociais, educacionais, culturais e de convívio, preferencialmente para e pelos maiores de 50 anos”* (Jacob, 2012, citado por Rodrigues 2012:32).

Segundo Jacob (2012), as UTIS são um modelo de educação/formação de seniores com sucesso a nível mundial. Estas instituições proporcionam aos seus alunos através das atividades propostas:

- Uma maior aproximação à sociedade;
- Incentivam a participação dos seniores na mesma;
- Divulgam os direitos e oportunidades que existem para esta população;
- Reduzem o risco de dependência;
- São um polo de convívio.

As atividades educativas propostas por esta instituição são em regime de educação não formal, sem fins de certificação e no contexto da formação ao longo da vida.

As UTIS surgiram em França em 1973, na Universidade de Toulouse, através do Dr. Pierre Vellas (Médico e investigador), como movimento específico de ensino para os adultos ou seniores. O Dr. Pierre Vellas realizou diversas pesquisas e visitas a instituições para seniores e chegou à conclusão que as oportunidades e recursos existentes não eram os suficientes para as necessidades dos mesmos. Então, em 1973 nascia no Departamento da Unidade de Ensino e de Pesquisas da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Toulouse o primeiro curso destinado unicamente aos reformados daquela localidade.

Os princípios básicos destas universidades consistia no desenvolvimento do convívio benéfico e útil entre os seniores, combater a exclusão social e proporcionar-

lhes a possibilidade de aprenderem ou ensinarem (promovendo a arte e ciência de ajudar os adultos a aprender), sendo que estes princípios ainda hoje se mantêm.

A primeira UTI chegou a Portugal, em 1976, com a criação da Universidade Internacional da Terceira Idade de Lisboa (UITIL). Seguiram-se a Universidade Popular do Porto, a Universidade de Lisboa da Terceira Idade (ULTI) e a Universidade do Autodidata e da Terceira Idade do Porto (UATIP).

Para Brasseur [1981, citado por Jacob, 2012:22)], a forma como se vive a reforma e a velhice, tem vindo a alterar-se. É então neste contexto que se explica o aumento da participação dos reformados/idosos na vida cultural e a necessidade de se sentirem inseridos social e culturalmente, querem continuar ativos em diferentes áreas do conhecimento, o que, por sua vez, explica o sucesso das UTIS e a sua elevada procura social.

Segundo Jacob (2012), os objetivos das UTIS são:

- Incentivar a participação e organização dos seniores, em atividades culturais, de cidadania, de ensino e de lazer;
- Divulgar a história, as ciências, as tradições, a solidariedade, as artes, a tolerância, os locais e os demais fenómenos socioculturais entre os seniores;
- Ser um polo de informação e divulgação de serviços, deveres e direitos dos seniores;
- Desenvolver as relações interpessoais e sociais entre as diversas gerações;
- Fomentar a pesquisa sobre os temas gerontológicos.

Já para Veloso (2002, citado por Jacob, 2012), os objetivos da UTIS são:

- A promoção, valorização e integração do idoso;
- O contato com a realidade e a dinâmica social local;
- A ocupação dos tempos livres;
- Evitar o isolamento e a marginalização.

De forma geral, as UTIS destinam-se a maiores de 50 anos, não exigem nenhum grau de habilitações especial (exceto algumas UTIS da escola francesa) para que os indivíduos as possam frequentar. É de salientar que são as mulheres que mais frequentam as UTIS, sendo que, muitos dos homens que as frequentam são levados pelas suas esposas que já estão integradas.

As UTIS ministram cursos e disciplinas, dando preferência à divulgação cultural e científica. As aulas são complementadas com outras atividades recreativas, tais como teatro, coros, atividade física, grupos de dança e de música, conferências, exposições, desporto, pintura, edição de livros ou revistas e visitas de estudo.

Existem quatro modelos de organização das UTIS, dos quais se destacam dois, como sendo os mais utilizados:

- O modelo francês ou continental que associa as UTIS às Universidades Tradicionais
- O modelo britânico ou inglês desenvolve-se tendo por base as associações auto-organizadas sem fins lucrativos.

O modelo francês, como já vimos, tem por base logística (professores, salas, equipamento, organização) uma Universidade Tradicional, este modelo privilegia a pesquisa e investigação e pode criar cursos superiores e de pós-graduação para seniores. O modelo britânico é mais independente e menos formal que o francês aproxima mais os alunos e professores, há uma maior participação dos alunos na gestão da UTI. Em Portugal o modelo utilizado é o britânico, pois as nossas UTIS funcionam todas fora do sistema escolar, mantendo-se fidedignas aos princípios da aprendizagem informal.

Os outros modelos, menos utilizados, são o modelo misto ou híbrido, que associam o modelo francês ao modelo britânico, e o modelo norte-americano associado aos institutos de aprendizagem para reformados.

A designação do termo Universidade não tem sido pacífica, no que diz respeito à sua utilização para designar estas organizações, é esse o motivo de umas se designarem por Universidades de Terceira Idade, outras Universidades Seniores ou ainda Clubes, ou Academias.

Segundo Jacob (2012), existiam nesse mesmo ano mais de duzentas as UTIS, com mais de 29.250 alunos. Estas universidades estão distribuídas por todo o país, sendo que as zonas urbanas são as que mais quantidades têm.

Podemos afirmar que as UTIS são um modelo bastante atraente para os seniores, uma vez que lhes permitem ter uma participação ativa na comunidade, ocupando-lhes os tempos livre de uma forma útil, interessante e ativa, pondo-os em contacto entre si e com novas gerações.

Para Monteiro e Neto [2008, citado por Rodrigues 2012:38)], as UTIS representam uma estratégia de prevenção da solidão ao criarem espaços para o lazer e convívio, mantendo os idosos acompanhados e ativos, promovendo um envelhecimento bem-sucedido.

As UTIS contribuem para o bem-estar dos idosos, oferecendo aos mesmos a oportunidade de obter informação e suporte emocional, ajudando a enfrentar problemas típicos do processo de envelhecimento. Para além de ocuparem os tempos livres dos idosos, apresentam diversas vantagens, permitindo a integração na sociedade, estimulando a aprendizagem ao longo da vida, transmitindo conhecimentos, desenvolvendo atividades e favorecendo a autoestima.

As UTIS são, assim, uma forma de ocupar os tempos livres dos idosos e têm tido um papel crucial neste sentido. Apresentam diversas vantagens, permitindo a integração na sociedade da população idosa, estimulando a aprendizagem ao longo da vida, transmitindo conhecimentos e favorecendo a autoestima dos idosos.

Nas UTIS, existe a preocupação de se realizarem aprendizagens e de se criarem espaços de convívio e diversão, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos

idosos. Após a reforma, os seniores começam a sentir necessidade de ocupação, então procuram ocupar os seus tempos livres. Muitos procuram atividades que durante a sua vida não tiveram oportunidade de realizar.

Além de um projeto educativo e formativo, são igualmente um projeto social e de saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos seniores e prevenindo o isolamento e exclusão social.

Os indivíduos procuram as UTIS pela vontade de aprender, pela partilha de conhecimentos, pelo convívio com outras pessoas; pelo combate ao isolamento, pela entrada em novos projetos de vida, norteados pelas atividades lúdicas, culturais e de lazer intelectual. As UTIS oferecem aos seniores a autoestima e um sentimento renovado de importância e força, para lutar nomeadamente contra a doença e conquistar novas esperanças. Estas servem assim como um novo projeto de vida para os seniores num momento em que eles se sentem mais isolados, projeto esse que lhes dá coragem para encarar esta etapa de uma forma mais positiva.

2.2.1. O caso Português: A Associação – Rede das Universidades de Terceira Idade (RUTIS)

A RUTIS é uma instituição Particular de Solidariedade Social fundada a 21 de novembro de 2005, com sede em Almeirim. Esta associação tem como objetivos:

- Promover o envelhecimento ativo;
- Apoiar, unir, promover, representar e reconhecer as UTIS;
- Fomentar a educação e o ensino, a formação e a aprendizagem ao longo da vida;
- Incentivar a investigação académica na área do envelhecimento e cidadania;

- Fomentar a cooperação para o desenvolvimento, para a defesa dos direitos humanos, para a cidadania e igualdade;
- Atuar na prevenção e promoção da saúde;
- Estimular o voluntariado, na e para a sociedade;
- Ajudar a criar uma identidade europeia e estreitar laços com as comunidades portuguesas no mundo;
- Promover outras atividades de solidariedade e desenvolvimento comunitário que se achar conveniente.

Segundo Jacob (2012), a visão da RUTIS prende-se por criar novos projetos de vida para os seniores e tem como missão promover o envelhecimento ativo, defender, representar e dinamizar as UTIS e incentivar a participação social dos mais velhos.

A RUTIS, para além de ajudar a criar novas UTIS, desenvolve várias atividades para as mesmas, como festivais de teatro, música, dança, o concurso de cultura geral, a reunião magna e encontros nacionais de UTIS.

2.3. A animação na terceira idade como abordagem à Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV)

“A animação sociocultural concebe a ideia de progresso das pessoas idosas através da sua integração e participação voluntária em tarefas colectivas (...)[Elizsu 2001, citado por Lopes, 2010:128)].

Para Tilla (2004:26), a Animação Sociocultural (ASC) é um *“conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade e dentro do âmbito*

de um território concreto, com o objectivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação activa no processo do seu próprio desenvolvimento que social quer cultural”.

A ASC para a terceira idade surge como âmbito concreto da ASC, pois, com o envelhecimento da população, tende a crescer a necessidade de se programarem atividades direcionadas para a terceira idade. Para Lopes (2010:128), a animação para a terceira idade cresce com os princípios de *“uma gerontologia educativa, promotora de situações optimizastes e operativas, com vista a auxiliar as pessoas idosas a programar as evolução natural do seu envelhecimento, a promover-lhes novos interesses, novas atividades, que conduzam à manutenção da sua vitalidade física e mental (...).Com a diminuição da atividade dos seniores, surge a preocupação, de os manter ativos, pois é importante que estes se sintam valorizados.*

Segundo Osório (2004), as principais funções da ASC, consistem no facto de as pessoas se transformarem em protagonistas do seu próprio desenvolvimento. É importante criarem-se processos de participação e de convivência, adaptados, neste caso, à terceira idade e às suas características.

A animação revela-se, por permitir, através de uma intervenção participativa e motivadora, uma velhice mais digna e valorizada pelo indivíduo, podendo contribuir para a prevenção, no que diz respeito às doenças degenerativas da terceira idade, como o exemplo do Alzheimer e do Parkinson.

Na animação para a terceira idade, Jacob (2008) refere que devem ser desenvolvidas atividades como:

- Exercício físico;
- Expressão dramática, plástica e corporal;
- Trabalhos manuais;
- Convívios entre idosos e intergeracionais;
- Passeios e visitas;
- Voluntariado;

- Apoio à família;
- Torneios de vários jogos; dinâmica de grupo que ajude o idoso a lidar com sentimentos relacionados com a morte, o luto, a interação com os outros, solidariedade, autoconfiança, autoestima;
- Atividades que impliquem o contacto com novas realidades, como o uso das novas tecnologias;
- Entre outras.

Jacob (2008) fala-nos, ainda, do papel fundamental do animador, pois este deve fazer com que os idosos não se autoexcluam, ajudando-os a ser participativos e ativos no seu processo de envelhecimento. Concedendo aos idosos um maior controlo sobre as suas próprias vidas, tendo um papel ativo e dinâmico na tomada de decisões. A animação deve, assim, criar ações para que o individuo seja o agente do seu próprio desenvolvimento. Por outro lado, a animação não deve servir exclusivamente para dar vida aos idosos ou para os manter ocupados. A animação contribui para a aprendizagem e desenvolvimento individual e coletivo e, por isso, é um meio para se conseguir desenvolver a educação de adultos e a educação ao longo da vida, valorizando as experiências que o indivíduo adquire nos seus ciclos de vida.

A educação nos adultos idosos toma, assim, como referência o envolvimento dos indivíduos em atividades de aprendizagem, numa dinâmica de exploração de novas competências, capacidade e novos desafios.

2.3.1. A Animação nas instituições de terceira idade

A animação para a terceira idade, no contexto destinado às instituições, está regulamentada por legislação, pelo Despacho Normativo nº12/98, de 25 de fevereiro e no Decreto-Lei nº 133-A/97, de 30 de maio, onde se pode encontrar que os lares têm que realizar atividades de animação sociocultural com cariz recreativo, social,

educativo, cultural e desportivo, que visem contribuir para a interação entre os indivíduos e para a manutenção das capacidades cognitivas, físicas e psíquicas dos mesmos. Estas instituições estão destinadas a promover a animação sociocultural, sendo esta fundamental para uma velhice participativa, motivadora, mais digna.

Neste contexto Lopes (2008) refere que os lares e os centros de dia são estruturas destinadas a promover, juntos dos seus utentes, um conjunto de atividades e de ações de carácter cultural, recreativo, social, educativo, desportivo. Já para Jacob (2008), o trabalho de animação em instituições de terceira idade é importante, para desmitificar a ideia que Lopes (2008) apresenta acerca destas instituições, pois refere-se às mesmas como um depósito, mas como o mesmo autor refere é uma imagem desadaptada acerca das instituições e de quem as frequenta.

Ir para o lar não significa ficar parado o dia todo, sem ter nada para fazer. É necessário e pertinente o papel de um animador nas instituições de forma a criar animação que não seja só para passar o tempo, mas sim para animar e aprender. É importante que a animação praticada nas instituições para a terceira idade, não seja difusa, sem ter em conta as necessidades e interesses dos idosos, pois estes têm que se sentir úteis e fazerem aquilo que gostam.

Para inverter a ideia, errada, de que os lares de idosos são meramente um depósito é necessário promover programas de ASC que ofereçam atividades diárias aos idosos, atividades variadas, desde ginástica, música, cinema, leitura e escrita, passeios.

Para Lopes (2008), a ASC é um meio para praticar atividades de intervenção assente na ALV. Com o objetivo de partilhar saberes, aprendizagens, experiências. A animação torna-se assim um momento de aprendizagem para os idosos que frequentam atividades desenvolvidas nas instituições para a terceira idade. Quanto menos sedentarismo existir, maiores são as hipóteses dos indivíduos viverem com mais qualidade de vida, na parte final das suas vidas.

Parte II - Metodologia

Capítulo III - Metodologia de investigação

“Os planos evoluem à medida que se familiarizam com o ambiente, pessoas e outras fontes de dados, os quais são adquiridos através da observação directa. (...) Quando iniciam um trabalho, ainda que os investigadores possam ter uma ideia do que irão fazer, nenhum plano detalhado é delineado antes da recolha de dados.” (Bogdan e Biklen, 2013:83)

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992), a metodologia pretende descrever as diferentes etapas percorridas durante todo o processo de investigação, desde a definição inicial dos objetivos gerais e específicos, passando pela definição da população e da amostra, pela escolha do método mais indicado para operacionalizar os objetivos do estudo, pela recolha efetiva de informações e respetiva análise, pela apresentação dos resultados e, finalmente, pela interpretação dos mesmos. Assim, neste capítulo, é realizada a apresentação da metodologia de estudo utilizada.

Apresenta-se, de novo, a pergunta de partida e os objetivos da investigação de forma a enquadrar os mesmos com a metodologia utilizada.

A nossa pergunta de partida foi definida da seguinte forma: o que aprendem os seniores no seu quotidiano e quais os significados dados às aprendizagens adquiridas pelos mesmos?

Posteriormente, foram articulados objetivos para que se consegue-se responder à mesma, tendo-se delimitado os seguintes:

Objetivo Geral:

Identificar, na vida dos indivíduos seniores, as aprendizagens adquiridas no seu quotidiano.

Objetivos Específicos:

- Identificar as aprendizagens dos indivíduos seniores;

- Avaliar a eventual influência do contexto nas aprendizagens adquiridas pelos indivíduos seniores;
- Avaliar de que forma contribui a institucionalização nas aprendizagens dos indivíduos seniores;
- Identificar as diferenças das aprendizagens, de acordo com o meio cultural e social em que os idosos se inserem.

Pretende-se, com esta pergunta de partida e este objetivos, conhecer e divulgar de que forma o meio de residência e a institucionalização influenciam as aprendizagens adquiridas pelos idosos.

3.1. O desenho da investigação

3.1.1. O paradigma qualitativo

Este estudo de âmbito exploratório privilegia uma metodologia de investigação de natureza qualitativa, onde se pretendem valorizar a investigação em ambiente natural.

Segundo Carmo e Ferreira (2008), o paradigma qualitativo pretende substituir as noções de explicação, previsão e controlo do paradigma quantitativo pelas de compreensão, significação e ação em que se procura entrar no mundo pessoal dos sujeitos. Enquanto o paradigma quantitativo se preocupa em controlar e prever os fenómenos, o paradigma qualitativo interessa-se em compreender e intervir na situação.

O paradigma qualitativo pressupõe o recurso ao método qualitativo. Neste, a informação é analisada de forma indutiva e não é utilizada para verificar hipóteses.

Considera as situações na sua globalidade, interagindo os investigadores com os indivíduos de forma natural.

O método qualitativo, segundo Carmo e Ferreira (2008), serve para apurar o comportamento humano a partir das referências do próprio indivíduo, num carácter subjetivo e é considerado, pelos autores, um método “*humanístico*”.

Para a compreensão deste método, é importante referir algumas das suas principais características. Segundo Carmo e Ferreira (2008), estas são:

- **Indutiva:** forma como os investigadores tendem a analisar a informação, pois fazem-no de uma forma indutiva
- **Holística:** os investigadores tendem a analisar a realidade num todo, estudando o passado e o presente dos indivíduos
- **Naturalista:** interação direta e natural que existe entre o investigador e os investigados, o primeiro tende a relacionar-se com o segundo para que possa compreender melhor determinadas situações.

<i>Paradigma Qualitativo</i>
Advoga o emprego dos métodos qualitativos
Fenomenologismo e <i>verstehen</i> (compreensão) “interessado em <i>compreender</i> a conduta humana a partir dos próprios pontos de vista daquele que atua”.
Observação naturalista e sem controlo
Subjetivo
Próximo dos dados; “perspetiva a partir de dentro”.
Fundamentado na realidade, orientado para a descoberta, exploratório, expansionista, descritivo e indutivo.
Orientado para o processo.
Válido: dados “reais”, “ricos” e “profundos”.
Não generalizável: estudo de casos isolados.
Holístico.
Assume uma realidade dinâmica.

Quadro 2 - Paradigma Qualitativo [Fonte: Adaptado de Reichardt e Cook (1986 citado por Carmo e Ferreira, 2008:195)]

Bogdan e Biklen (2013) referem que a investigação qualitativa é descritiva, pois os dados que são recolhidos, em formas de palavras e os resultados da investigação são apresentados em citações feitas. Os investigadores tendem a analisar os dados de forma a respeitar o que foi dito e posteriormente transcrito. A descrição deve ser rigorosa e resultar dos dados obtidos, não devem existir alterações a este nível.

3.1.2. O instrumento utilizado

Para Albarello, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy e Saint-Georges (1997), a escolha do instrumento de recolha de dados deve ser adaptado ao tipo de dados que se quer investigar. No caso da presente investigação, a escolha do instrumento recai no uso do inquérito por entrevista. Esta para Morgan [1988, citado por Bogdan e Biklen, 2013:134], consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, o entrevistador e o entrevistado e onde uma tem por objetivo saber informações acerca da outra.

“Uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan e Biklen, 2013:134).

O inquérito por entrevista não é uma conversa solta, pois visa-se apreender dados que possam ser interpretados mediante o problema formulado a partir do objeto da pesquisa.

Para Quivy e Campenhoudt (2003), nas suas diferentes formas, os métodos de entrevista distinguem-se pela apresentação dos processos fundamentais de comunicação e interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e

matizados. Assim sendo, esta é vista como um método onde o investigador reúne dados através da comunicação direta com os indivíduos.

Segundo Carmo e Ferreira (2008), a questão chave no inquérito por entrevista decorre da interação direta, sendo que esta deve ser beneficiada ao longo da sua realização. No início de uma entrevista, a interação entre entrevistador e entrevistado é muito reduzida, pois o investigador partilhou ainda pouca informação com o entrevistado. Carmo e Ferreira (2008) referem-se a três tipos de áreas para explicar a evolução da interação entre os dois interlocutores, são então:

- A **área livre** que no início é bastante pequena, pois existe pouca informação partilhada, o investigador sabe pouco sobre o entrevistado e vice-versa;
- Estando assim, presente a **área cega** do entrevistador e a **área secreta** do entrevistado e vice-versa. As áreas referidas tendem a alterar-se, normalmente, no decorrer da entrevista.

“Em termos globais o objetivo de qualquer entrevista é abrir a área livre dos dois interlocutores no que respeita à matéria da entrevista, reduzindo, por consequência, a área secreta do entrevistado e a área cega do entrevistador” (Carmo e Ferreira, 2008:142).

A realização de entrevistas deve ser feita em situações em que o investigador quer recorrer a informadores privilegiados na população alvo que pretende aferir. Sendo assim, é uma técnica privilegiada que nos permite interagir diretamente com informadores importantes para a investigação, neste caso concreto os indivíduos institucionalizados e não institucionalizados, em meio rural e urbano.

Para Moreira (1994), o grau de estruturação da entrevista é o meio pelo qual se difere o tipo de entrevista:

- **Entrevistas estruturadas**, onde a sequência do guião de entrevista, por norma, é estático, isto é, o que se tem planeado no guião raramente é alterado com o decorrer da entrevista;
- **Entrevistas semiestruturadas**, o guião está sempre presente mas para uma questão de orientação do entrevistador, pois as perguntas podem ser feitas noutra momento mais oportuno do que aquele que se tinha pensado inicialmente, existindo ainda a possibilidade de acrescentar novas perguntas, existe a possibilidade de adaptação da entrevista ao entrevistado.

3.1.2.1. Processo de construção, validação e descrição do instrumento

Carmo e Ferreira (1998) referem que o planeamento da entrevista é uma situação que se impõe como em qualquer outra tarefa de investigação. Para este estudo, foram planeados os seguintes procedimentos:

- A definição de objetivos que se pretendem alcançar;
- A construção do guião com a operacionalização de categorias adequadas à investigação em curso.

Segundo Guerra (2014), a construção do guião da entrevista é geralmente estruturada em grandes categorias, desenvolvendo-se depois as perguntas, conforme os objetivos que decorrem do problema em estudo. Quem constrói o guião, muitas vezes, quando o vai aplicar, já o tem minimamente memorizado e a entrevista acaba por fluir com maior naturalidade, sendo este um ponto positivo neste método.

Guerra (2014) refere que, para uma melhor captação da informação, normalmente é utilizada a gravação (áudio), previamente autorizada. É de realçar que a gravação depende muito com quem se está a investigar, pois pode haver grupos que não o permitem, ou se sentem desconfortáveis com o mesmo, sendo isso uma desvantagem.

Mas, como vantagem, temos a maior atenção do entrevistador, pois este não perde tanto tempo com anotações. No nosso caso, foi utilizada a gravação, com autorização dos entrevistados.

Guerra (2014) faz referência ainda ao tempo e lugar da entrevista como fatores importantes, pois as entrevistas devem ter um tempo estimado para que o entrevistado e entrevistador não se cansem. A nossa entrevista estava prevista para durar 15 a 20 minutos. Em relação ao lugar, deve ser um sítio neutro onde o entrevistado se sinta à vontade para que a entrevista flua de uma forma mais agradável.

A primeira fase na construção do inquérito por entrevista constitui na realização de conversas exploratórias realizadas com idosos institucionalizados e não institucionalizados, nas quais se tentou averiguar algumas informações relevantes e úteis, para a investigação e para a elaboração do guião de entrevista.

Com as conversas exploratórias, foi possível chegar aos objetivos da entrevista, sendo estes:

- Recolher dados acerca da do percurso de vida dos indivíduos;
- Descrever o quotidiano atual dos indivíduos;
- Perceber os relacionamentos sociais dos indivíduos idosos;
- Averiguar o processo de institucionalização;
- Caracterizar as atividades desenvolvidas pelos indivíduos entrevistados e as aprendizagens que delas advém.

Após as conversas exploratórias e a definição dos objetivos da entrevista, surge o guião de entrevista A, que se submeteu à avaliação do orientador Professor Doutor José Bravo Nico. Com a validação do mesmo, surge o guião B que foi submetido a um painel de especialistas composto por três elementos:

- Professora Doutora Lurdes Nico (Universidade de Évora);
- Professora Doutora Marília Cid (Universidade de Évora),

- Professora Doutora Luísa Carvalho (Escola Superior de Educação de Portalegre).

Foi enviado, juntamente com o guião, uma breve síntese da investigação para que este pudesse estar enquadrado na temática de uma forma mais contextualizada. Surgindo o guião C, após alterações propostas pelo painel de especialistas.

Foi realizado um pré teste com o guião C, onde foram testadas perguntas do mesmo a um indivíduo institucionalizado e a outro não institucionalizado. Só após o pré teste é que surge o último guião, a versão D (**Apêndice 1**).

O guião da entrevista encontra-se estruturado em quatro grandes blocos:

- O primeiro destina-se à legitimação da entrevista, onde se faz uma apresentação do estudo, motivando o entrevistado para a participação do mesmo;
- No segundo bloco, pretende-se realizar uma caracterização do entrevistado, recolher informações sobre o percurso de vida dos idosos, a sua situação profissional, como é quotidiano dos mesmos, como são os relacionamentos com os outros utentes e com a própria família e caracterizar o processo de institucionalização dos mesmos. Este bloco tem trinta e sete questões orientadas para identificação do entrevistado e caracterização do seu quotidiano;
- O terceiro bloco destinou-se à caracterização das atividades desenvolvidas pelos idosos e conseqüentemente quais as aprendizagens adquiridas com as mesmas, percebendo de que forma as novas rotinas criadas decorrentes da participação nas atividades envolvem aprendizagens. O presente bloco conta com catorze questões;
- O último bloco direciona-se para as notas finais, onde se agradece a disponibilidade do entrevistado.

Após todo o processo de construção e validação do guião, o mesmo foi aplicado em quatro momentos diferentes:

- O primeiro momento foi dedicado aos idosos institucionalizados em Évora, que na semana de 5 a 9 de janeiro de 2015, nos tiveram com eles durante algumas horas para a realização das entrevistas;
- De 12 a 17 de janeiro de 2015, idosos não institucionalizados em Évora;
- No fim-de-semana de 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 2015 foram realizadas as entrevistas com os idosos institucionalizados em Mourão;
- Com os idosos não institucionalizados em Mourão, as entrevistas foram realizadas dia 7 e 8 de fevereiro de 2015.

Para a aplicação das entrevistas, foi combinado previamente com os responsáveis pelos indivíduos que estão institucionalizados e com aqueles que estavam em casa, o local, a data e a hora em que se iriam realizar as entrevistas.

Após terminada a aplicação das entrevistas procedeu-se à sua transcrição. Moreira (1994) refere dois tipos de transcrição: a integral e a seletiva. A primeira tem a vantagem de permitir qualquer tipo de análise, pois, ao transcrever todos os dados não se corre o risco de perde informação. A transcrição na íntegra apresenta a desvantagem de ser demorada, mas tem a vantagem de permitir que o investigador fique mais familiarizado com o conteúdo das entrevistas se as transcrever na íntegra.

Na investigação foi realizada a transcrição na íntegra, o que nos possibilitou estabelecer um maior envolvimento com o conteúdo e identificar temas para análise.

3.1.3. Processo de análise de informação

Quivy e Campenhoudt (2005) consideram que, em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo. Deste modo, a análise de conteúdo foi o instrumento escolhido para analisar as entrevistas semiestruturadas.

Segundo Albarello, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy e Saint-Georges (1997), o investigador que utiliza a análise qualitativa na sua investigação utiliza frequentemente o seu próprio método de análise, em função do seu objeto de estudo. Consequentemente, os métodos de análise são múltiplos e o investigador guia-se por um, neste caso a análise baseia-se na teoria de Bardin sobre a análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é *“uma técnica de investigação que através de uma descrição objectiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”* (Bardin, 2010:20). Esta técnica propõe analisar o que é explícito no texto para obtenção de indicadores que permitam fazer deduções. Sendo que Bardin (2009:44) refere, também, que a análise de conteúdo é:

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Já Stone [1966, citado por Carmo e Ferreira, 2008:269)] refere que a análise de conteúdo é *“uma técnica que permite fazer inferências, identificando objectiva e sistematicamente as características específicas da mensagem.”*

A análise de conteúdo prende-se, segundo Aranha e Gonçalves (2007), com a avaliação, interpretação e categorização ou codificação de um entrevista, tratando-se,

assim, não só codificar informações expressas, mas também de identificar e descobrir informações ocultas, através da análise do que foi dito.

Segundo Bardin (2010), o material recolhido na entrevista deve ser codificado, sendo que esse processo corresponde a uma transformação dos dados que foram recolhidos numa agregação e enumeração, o que permite atingir uma representação do conteúdo, uma vez que:

“A codificação é o processo pelo qual os dados em bruto são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo” (Bardin, 2010:129)

A categorização, segundo Bardin (2010), é uma operação de classificação de elementos integrantes de um conjunto. Os elementos objetivos previamente delineados na entrevista e posteriormente codificados vão agora ser categorizados em categorias que, por sua vez, se dividem em subcategorias e, para uma melhor compreensão das mesmas, são utilizadas as unidades de registo.

Segundo Ghiglione e Matalon (2001), depois de o investigador dividir e subdividir as categorias inicialmente predefinidas, pois estas podem sofrer alterações ao longo da entrevista, como já foi referido a entrevista utilizada na pesquisa pode sofrer alterações por ser semiestruturada, analisa-se a entrevista e para esta tarefa vão utilizar-se unidades.

No seguimento da ideia de Ghiglione e Matalon (2001), Bardin (2010) orienta-nos para três tipos de unidades:

- **As de registo**, que são as unidades que correspondem ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base (podem também utilizar-se o termo os indicadores que nos orientam nas unidades de registo);
- **As de contexto**, que servem para compreender a codificação das unidades de registo, é o conteúdo que se coloca nas categorias depois de analisado;

- **As de enumeração**, que correspondem ao número de pessoas que se referem a determinada unidade de registo. A escolha da unidade de registo depende dos objetivos traçados e do quadro teórico orientador da investigação.

As categorias são indicações que reúnem um grupo de elementos, as unidades de registo, tendo cada categoria uma temática, existem posteriormente as subcategorias para melhor compreensão das categorias e os indicadores servem para nos orientar nas unidades de registo.

Em suma, para Guerra (2014), a análise de conteúdo é uma técnica e não um método. Neste sentido, a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do investigador face a um objeto de estudo. Sendo esta um procedimento mais intuitivo, mais maleável e mais adaptável a índices não previstos.

Aranha e Gonçalves (2007) utilizam quatro fases, na análise de conteúdo:

- Preparação do material (formulação das questões, aplicação e recolha dos inquéritos);
- Leitura flutuante e leitura pormenorizada das respostas, fazendo a transcrição;
- Identificação das categorias nas quais se enquadram as respostas;
- Tratamento dos resultados.

Na investigação, foram também utilizadas as fases referidas por Aranha e Gonçalves (2007):

- Começámos por preparar o material, onde foi formulado e aplicado o inquérito por entrevista;
- Num segundo momento, foi realizada a transcrição e leitura gerais onde se identificaram e assinalaram as unidades de registo;

- Na terceira fase, foram codificadas com os indicadores as unidades de registo;
- Por último, realizou-se a análise, distribuindo as unidades de registo por grelhas de análise divididas por categorias e subcategorias.

Apresenta-se, de seguida, a descrição das tabelas de análise de conteúdo **(Apêndice 2)**.

Na coluna Categoria, foram agregados os oito grandes temas da entrevista:

1. Dimensão profissional
2. Quotidiano
3. Relacionamentos
4. Institucionalização/ Participação no grupo
5. Vida ativa dos idosos
6. Atividades desenvolvidas
7. Benefício das atividades
8. Novas Aprendizagens

Na coluna subcategoria, encontram-se apontamentos para uma melhor compreensão das categorias. Na coluna conteúdo dos indicadores, aparecem também anotações para melhor compreender as unidades de registo. Nos indicadores (unidades de registo) encontram-se os segmentos de texto, que correspondem às categorias, contextualizando assim a respetiva unidade de registo no decurso da entrevista.

3.1.4. O contexto geográfico do estudo (concelho de Évora e Mourão)

De acordo com a Plataforma Territorial Supraconcelhia do Alentejo Central (2009), o distrito de Évora é o segundo maior distrito de Portugal, caracterizando-se por uma densidade populacional muito baixa. Contando com uma área territorial de 7393 km², abrange 14 concelhos (Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas, Viana do Alentejo e Vila Viçosa). Encontra-se limitado a norte com os distritos de Santarém e de Portalegre, a leste com a província de Extremadura (Espanha), a sul com o distrito de Beja e a oeste com o distrito de Setúbal.

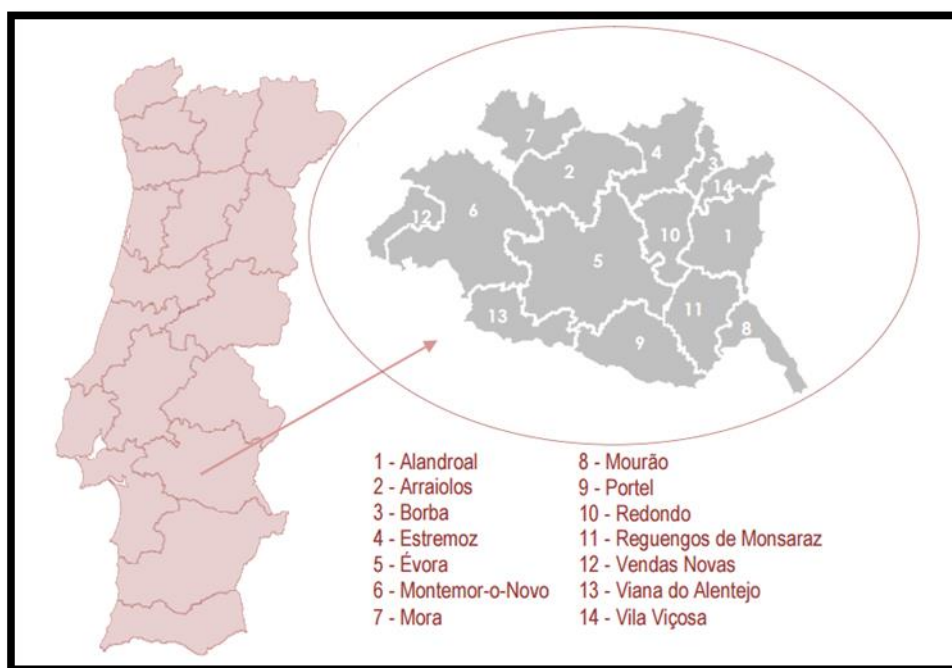


Figura 2- Distrito de Évora (Fonte: Diagnóstico Social Alentejo Central)

“Em termos demográficos, estamos perante uma região caracterizada pelo envelhecimento, o qual começou a sentir-se com maior intensidade nos anos 60 (...)” Plataforma Territorial Supraconcelhia do Alentejo Central (2009:11).

O envelhecimento deste território surge como resultado dos processos de migração dos mais jovens procurando melhores condições de vida, do aumento da esperança média de vida e da diminuição dos níveis de fecundidade.

3.1.4.1. O Concelho de Évora

Segundo o Diagnóstico Social (2013), o concelho de Évora localiza-se na Região Alentejo, Sub-Região Alentejo Central, integrando a Unidade Territorial NUT III. O mesmo faz fronteira a Norte com o concelho de Arraiolos, a Nordeste com Estremoz, a Leste com Redondo, a Sueste com Reguengos de Monsaraz, a Sul pelo concelho de Portel, a Sudoeste Viana do Alentejo a Sudoeste e Montemor-o-Novo a Oeste.

O concelho de Évora tem uma área total de 1309,0 Km² e nela tem instalado um total de 12 Freguesias.

A população residente no Concelho de Évora, em 2011, era de 56 596 habitantes.

Segundo a Carta Social (2013), o concelho de Évora conta com 21 equipamentos com a tipologia de Lar de Idosos, dando resposta a 529 utentes.

3.1.4.2. O Concelho de Mourão

De acordo com o Diagnóstico Social (2007)¹, o concelho de Mourão localiza-se na região Alentejo, faz parte do distrito de Évora e tem, por limites, a Norte o concelho do Alandroal, a Nascente a Espanha, a Sul os concelhos de Barrancos e Moura, e a Poente o concelho de Reguengos de Monsaraz.

¹ Último realizado neste Concelho

Este concelho conta com 3 freguesias: a Granja, Luz e Mourão.

O concelho, segundo o INE (2012) tem uma população residente de 2633. É o concelho do distrito de Évora, que tem sofrido muitas alterações demográficas relativas ao crescente envelhecimento da população mouranense, pois dos 2633 habitantes, 683 são idosos.

Segundo o Diagnóstico Social (2007), ao nível da Proteção Social, na área da terceira idade, existem, no concelho de Mourão, existem três Instituições Particulares de Solidariedade Social: a Associação de Proteção Social à População da Granja, a Associação de Proteção Social à População da Luz, e a Santa Casa da Misericórdia de Mourão, sendo que a única que tem a resposta social de Lar de Idosos é a Santa Casa da Misericórdia de Mourão.

3.1.5. A população considerada e a amostra construída

3.1.5.1. População Alvo

Na presente investigação, selecionou-se a população segundo um critério, considerado fulcral para a pesquisa de acordo com os objetivos e o problema de estudo. Para Carmo e Ferreira (2008), a população são todos os elementos constituintes de um determinado grupo.

A população utilizada para a realização da presente investigação, é a população idosa (a partir do 65 anos) residente nos concelhos de Évora e Mourão. Foram escolhidos estes dois concelhos por conveniência da investigadora, visto ser natural de Mourão e residir atualmente em Évora.

	População residente no distrito de Évora	População residente no concelho de Évora	População residente no concelho de Évora com mais de 65 anos	População residente no concelho de Mourão	População residente no concelho de Mourão com mais de 65 anos
2011	166706	55339	11167	2612	683

Quadro 3 - População Residente (Fonte: INE/PORDATA)

3.1.5.2. Amostra

“ (...) toda a investigação social recorre à construção de amostras (...)”
(Moreira, 1994:75).

Moreira (1994) refere que a amostragem é construída com o objetivo de saber algo sobre um grupo muito grande, quando a população alvo da investigação, que não pode ser investigada na sua totalidade.

Existem duas grandes técnicas de amostragem, as probabilísticas e as não probabilísticas. A segunda técnica foi a utilizada na presente investigação. Este tipo de amostras, segundo (Carmo e Ferreira, 2008), são selecionadas tendo como suporte critérios de escolha intencional, isto é, a dimensão da amostra e os elementos escolhidos para a mesma dependem dos objetivos da investigação. Os métodos de amostragem não probabilísticos são métodos de carácter intuitivo e são utilizados, na maioria das vezes, por possibilitarem um estudo mais rápido e com menores custos.

Das várias técnicas não probabilísticas, a utilizada foi a amostragem de conveniência. Esta utiliza um grupo de indivíduos que esteja disponível ou que seja voluntário e os elementos são escolhidos por conveniência ou por facilidade.

Uma vez que, se trata de um estudo exploratório os resultados obviamente não podem ser generalizados, à população à qual pertence o grupo de conveniência. No entanto segundo Carmo e Ferreira (2008) pode retirar-se algumas informações importantes acerca da população.

A amostra utilizada considerou dois grupos: os idosos institucionalizados e os idosos não institucionalizados. Foram escolhidos 8 indivíduos, por cada grupo, dando um total de 16 indivíduos na nossa amostra.

No que se refere ao primeiro grupo, foram escolhidas duas instituições: uma no concelho de Évora e outra, no concelho de Mourão. Ambas foram escolhidas por conveniência, visto a primeira ser onde a investigadora trabalha e a segunda ser uma a instituição da sua terra de origem.

A instituição escolhida em Évora, Legado do Caixeiro Alentejano, é uma associação mutualista sem fins lucrativos, que presta auxílio aos seus associados. Para além dos serviços mutualistas, possui um sector social com diversas valências tais como, Jardim de Infância, Centro de Dia, Apoio Domiciliário e Lar de Idosos. Foi esta última valência que se utilizou para a recolha de dados.

No que se refere à instituição escolhida em Mourão, foi o Lar Nossa Senhora das Candeias, pertencente à Santa Casa da Misericórdia. Esta instituição disponibiliza três valências, Centro de Dia, Apoio Domiciliário e Lar de Idosos, de apoio aos idosos.

Foram enviadas cartas de pedido de colaboração no estudo (**Anexo 1**) para as instituições. Após as respostas positivas, começaram os contatos com os responsáveis pelas mesmas, de forma a prosseguir-se com a investigação. Foi então neste momento, que se deixou ao critério das diretoras técnicas a escolha dos indivíduos da nossa amostra, pois elas, melhor que ninguém, têm conhecimento das capacidades de cada indivíduo, nesta fase da sua vida.

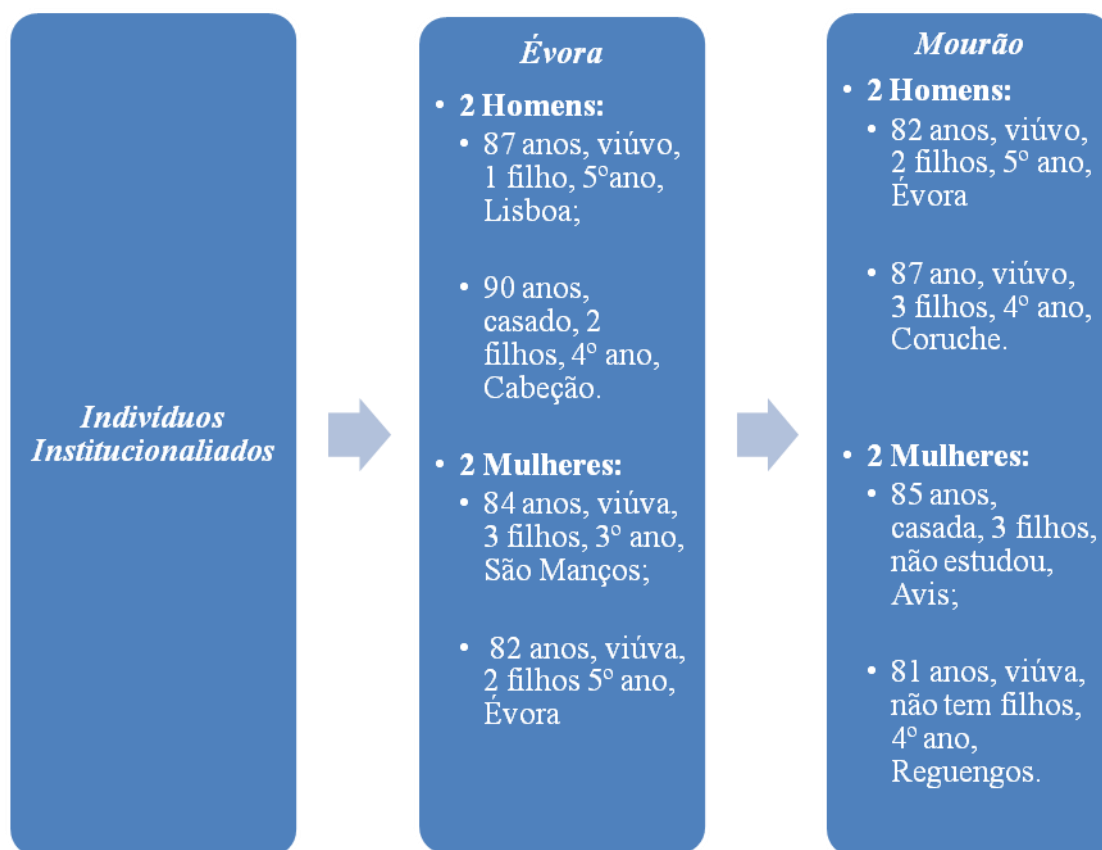


Figura 3 - Amostra Indivíduos Institucionalizados

No que diz respeito ao segundo grupo, os idosos não institucionalizados, tanto em Évora como em Mourão a escolha da amostra foi realizada através de indivíduos com mais de 65 anos conhecidos da investigadora.

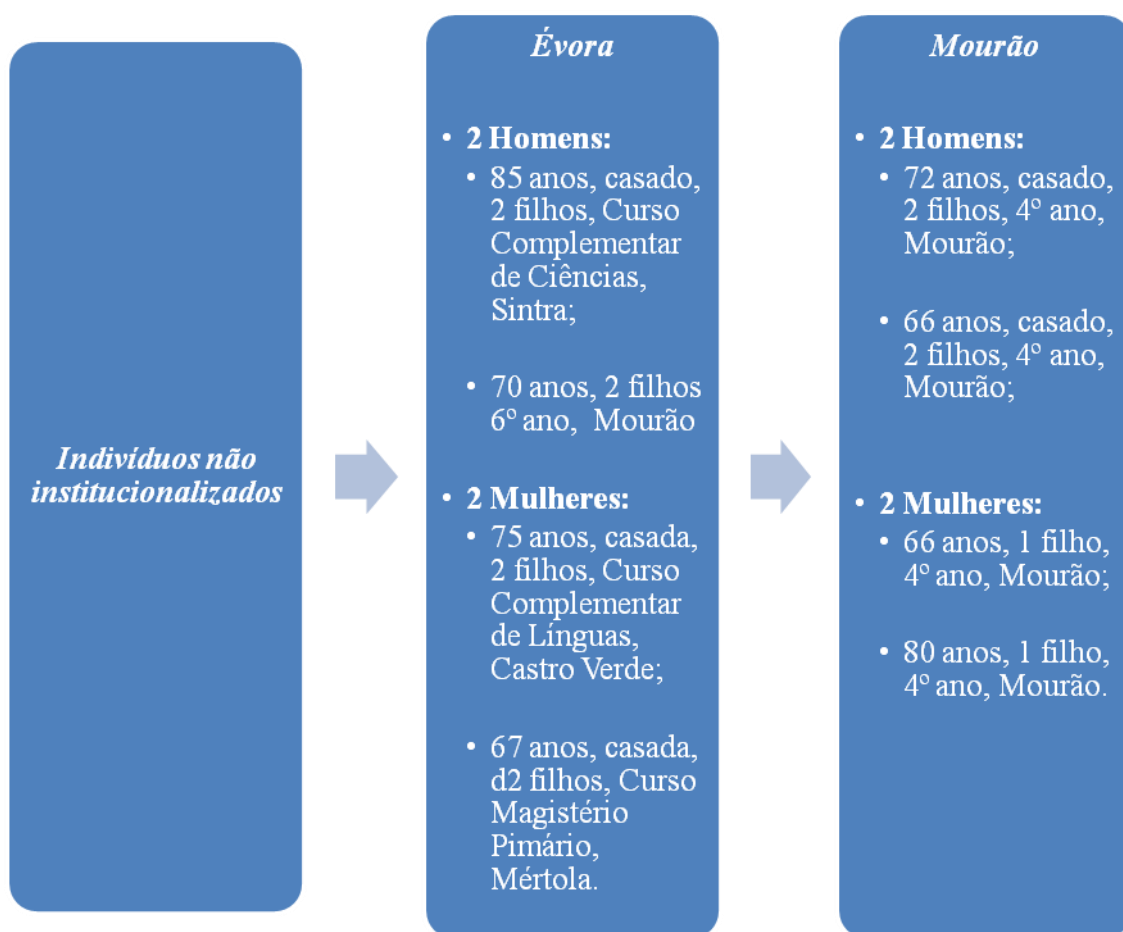


Figura 4 - Amostra Indivíduos Não Institucionalizados

Capítulo IV – Resultados

Neste capítulo, analisam-se e interpretam-se os resultados obtidos através do inquérito por entrevista realizados aos idosos, institucionalizados e não institucionalizados, residentes em Mourão e Évora.

4.1. Apresentação e Análise dos resultados

4.1.1. Indicações prévias

Iremos, de seguida, analisar o conteúdo das entrevistas realizadas, sendo que estas se determinaram 8 categorias de análise, sendo elas:

- A- Dimensão Profissional
- B- Quotidiano
- C- Relacionamentos
- D- Institucionalização/ Participação no grupo
- E- Vida ativa dos idosos
- F- Atividades Desenvolvidas
- G- Benefício das atividades
- H- Novas Aprendizagens

Cada categoria, vai ser apresentada e analisada individualmente.

No sentido de uma melhor compreensão da informação constante nos quadros que se seguirão, iremos proceder a uma breve explicação acerca da forma de como

realizámos a análise e interpretação da informação recolhida. Para efeitos práticos de leitura, optámos por utilizar o formato:

- Itálico quando nos referimos aos *Idosos Institucionalizados no meio urbano*;
- Negrito para os **Idosos Institucionalizados no meio rural**;
- Sublinhado para os Idosos não institucionalizados no meio urbano;
- Sem nenhum tipo de formação para os Idosos não institucionalizados no meio rural.

Em todas as tabelas, se utilizará o mesmo esquema de diferenciação entre os entrevistados.

Nas tabelas, a sigla UR refere-se às Unidades de Registo, UE indica Unidades de Enumeração e UR/EU refere-se ao quociente entre a totalidade das unidades de registo e as unidades de enumeração da subcategoria.

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código dos indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
A.1. Nome da subcategoria	Dimensões representadas nas unidades de registo	<i>E1.1.1.-</i> E.5.1.1. - <i>E.9.1.1. -</i> <i>E.13.1.1. -</i>			
		Total			

Tabela 1 - Exemplo: Tabela Tipo

4.1.2. Discussão dos Resultados

Categoria A – Dimensão Profissional

Esta categoria diz respeito à dimensão profissional dos idosos, quando começaram a trabalhar, como, o que faziam, pretende-se caracterizar a forma como antigamente se entrava na vida profissional e como se conseguia meter na mesma. Da categoria dimensão profissional surgiram 4 subcategorias:

- A.1. - O momento do início do percurso profissional;
- A.2. - A função profissional;
- A.3. - Os episódios significativos na sua vida profissional;
- A.4. - O momento de entrada na reforma.

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
A.1. Momento do início do percurso profissional	Quando ocorreu:				
	Antes de ir para a tropa;	<i>E2.1.10</i>	1	1	1
	Quando comecei a trabalhar	<i>E9.1.5 - E14.1.5 – E14.1.6 – E15.1.4 – E15.1.5</i>	5	3	1.6
	Onde ocorreu:				
	Évora;	<i>E2.1.11</i>	1	1	1
	Em casa;	<i>E3.1.4</i>	1	1	1
	Escritório Particular.	<i>E4.1.4</i>	1	1	1
	Marinha	<i>E1.1.5</i>	1	1	1
	Reguengos de Monsaraz	<i>E12.1.3</i>	1	1	1
	Portugal	<i>E5.1.4</i>	1	1	1
	Com quem ocorreu:				
Mestre;	<i>E2.1.9</i>	1	1	1	

	Pessoas mais velhas;	E13.1.4 – E13.1.5 – E14.1.7 - E14.1.8	5	2	2.5
	Familiares	E6.1.1	1	1	1
	Como ocorreu:				
	Através de concursos;	<u>E1.1.6 – E4.1.5 – E4.1.6 – E4.1.7 – E4.1.8 – E4.1.9 – E11.1.4</u>	7	3	2.3
	Empregado;	<u>E2.1.4 – E13.1.6 – E13.1.7 – E14.1.9 – E14.1.10 – E14.1.11 – E14.1.12- E14.1.13 – E14.2.14 – E14.2.15 – E14.2.16</u>	11	3	3.6
	Patrão;	<u>E2.1.5- E16.1.5 – E16.1.6 – E16.1.7 – E16.1.8 - E16.1.9 – E16.1.10 – E16.1.11 – E16.1.12</u>	9	2	4.5
	Escolas de profissão;	<u>E9.1.6 – E9.1.7 – E9.1.8 – E10.2.7 – E10.2.8 – E11.1.5 – E12.1.4 – E12.1.5 – E12.1.6 – E12.1.7</u>	10	4	2.5
	Aprendiz	<u>E2.1.7 – E2.1.8 – E2.1.12 – E2.1.13 – E2.1.14 – E2.2.15 – E3.1.2 - E13.1.3</u>	8	3	2.6
Total			63	13	4.8

Tabela 2 - Análise Categoria A – Dimensão profissional - Subcategoria A.1.

O momento de entrada no mundo do trabalho aconteceu na maioria das vezes muito cedo, principalmente para os entrevistados do meio rural:

- “Quando comecei trabalhar era muito novo” (**E14.1.5**);
- “comecei aos 14 anos na Portucel em Mourão. ” (**E15.1.4**).

Este momento era marcado pelo aprender fazendo e pela ajuda dos mestres que ensinavam os mais novos nas suas profissões:

- “ (...) o meu mestre era um mestre bom (...) ” (**E2.1.9**);
- “Eu aprendi a ser moleiro com o meu pai e assim continuei.” (**E6.1.1**);
- (...) andava com homens (...).” (**E14.1.7**).

Para aqueles que seguiam outro tipo de profissões, as que não estavam ligadas ao artesanato ou à indústria, tinham uma carreira profissional onde evoluíam através de concursos, pois era mais fácil evoluir-se dessa forma. Este assunto foi referido maioritariamente pelos entrevistados do meio urbano:

- “ (...) enquanto lá estava, abriu concurso para enfermeiro eu concorri e fui admitido (...) ” (E1.1.6);
- “ (...) com muitos concursos sempre a concorrer consegui entrar no quadro (...) ” (E4.1.7);
- “ (...) depois fui subindo (...) ” (E4.1.8);
- “ (...) sempre através de concursos. ” (E4.1.9).

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Código dos indicadores	UR	UE	UR/UE
A.2. Função Profissional	Artesanato	E2.1.1 – E16.1.4	2	2	1
	Agricultura	E8.1.1	1	1	1
	Indústria	E13.1.1 – E14.1.1 - E15.1.1 – E15.1.2	4	3	1.3
	Função Pública	E1.1.1 – E1.1.3 – E4.1.1 – E4.1.2 - E9.1.1 – E9.1.2 – E10.1.1 - E10.1.2 – E11.1.1	9	5	1
	Outros	E3.1.1 – E5.1.1 – E7.1.2 - E12.1.1	4	4	1
	Total		20	15	1.3

Tabela 3 - Análise Categoria A – Dimensão profissional - Subcategoria A.2.

Os entrevistados que trabalharam na função pública são todos do meio urbano. Já os indivíduos do meio rural tiveram profissões mais ligadas ao artesanato, indústria e agricultura:

- “Era funcionária pública.” (E4.1.1);
- “Sempre trabalhei no campo” (E8.1.1).

Os entrevistados referiram que tiveram a oportunidade de escolher a sua profissão, o que nos dias de hoje se torna quase impossível, “ (...) tive dois empregos à escolha (...) ” (E9.1.6); “ (...) *o banco ou a polícia (...)* ” (E9.1.7); “ (...) *na altura o banco não tinha reforma, a polícia tinha eu fui para a polícia (...)* ” (E9.1.8).

Outros indivíduos referiram que existiam mais possibilidades de acesso aos empregos, “ (...) *como naquele tempo havia possibilidade de se entrar, fui para a segurança social (...)* ” (E10.2.7); “*Comecei a trabalhar, na altura era fácil as colocações e fiquei logo colocada na minha terra.*” (E11.1.4).

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código dos indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>EU</i>	<i>UR/UE</i>
A.3. Episódios Significativos	Emigração	E6.1.4 – E6.1.5 – E14.1.2	3	2	1.5
	Serviço Militar	<i>E2.1.12 – E14.1.9</i>	2	2	1
	Mobilidade Geográfica	E1.1.2 – E2.1.3 – E9.1.3 - E9.1.9 – E9.1.10 – E11.1.3 - E11.1.6 – E11.1.7 - E11.1.8 – E15.1.6 - E15.1.8	11	5	2.2
	Alteração profissional	E6.1.6 – E6.1.7- <u>E10.1.5 – E10.2.6</u> -E14.1.3 – E15.1.7 – E15.1.9 -E15.1.10 – E15.1.11	9	4	2.2
	Total	25	8	3.1	

Tabela 4 - Análise Categoria A – Dimensão profissional - Subcategoria A.3.

Com a análise das entrevistas, verificaram-se alguns episódios de mobilidade geográfica e de emigração, os entrevistados referiram, que era frequente estes casos, visto o país não lhes dar as condições necessárias, tinham que procurar soluções:

- “**Cá em Portugal as coisas foram sempre as mesmas (...)**” (E6.1.4);
- “ (...) **depois fui me embora para a Suíça (...)**” (E14.1.2).

Podemos verificar, numa das entrevistas, um caso que apresenta uma representação da mulher, na época em que os indivíduos eram jovens: “ Quando vim de Lisboa não

tinha colocação na polícia, porque em Lisboa no comando geral da PSP havia senhoras e senhores a trabalhar, mas nos comandos distritais só havia homens.” (E10.1.5).

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código dos indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>EU</i>	<i>UR/UE</i>
A.4. Momento da Reforma	Há quanto tempo aconteceu o momento da reforma				
	Menos 10 anos	E1.1.4 - E11.1.2 - E14.1.4 – E15.1.3	4	4	1
	Mais 10 anos	E13.1.2	1	1	1
	Mais de 20 anos	E4.1.3 – E5.1.2 – E5.1.3 – <u>E9.1.4</u> – <u>E10.1.3</u> – <u>E10.1.4</u> – <u>E12.1.2</u>	7	5	1.4
	Mais de 40 anos	E2.1.6 – E6.1.2 – E6.1.3	3	2	1.5
	Não se reformou	E3.1.3	1	1	1
		Total	16	13	1.2

Tabela 5 - Análise Categoria A – Dimensão profissional - Subcategoria A.4.

A maioria dos entrevistados encontram-se reformados há mais de 20 anos, sendo que, os trabalhadores da função pública foram os que se reformaram mais cedo, um dos entrevistados refere que se reformou bastante cedo: “(...) reformei-me com 42 anos.” (E2.1.6).

Existe, ainda o caso de um indivíduo entrevistado, que não teve o momento da reforma. Visto nunca ter descontado, trabalhou sempre em casa a cuidar da casa e dos filhos.

Em suma, com a categoria A “Dimensão Profissional” infere-se os indivíduos do meio rural entrevistados iniciaram a sua vida profissional muito cedo, o que na época, era muito frequente. Quando se começava a trabalhar, geralmente era com ajuda de mestres, e aprendia-se a profissão com a experiência própria e a demonstração dos mestres.

Verificou-se ainda, que os indivíduos do meio urbano tiveram mais oportunidades de evolução ao longo da sua carreira e que tinham profissões mais

ligadas à função pública. As profissões exercidas pelos indivíduos do meio rural estavam mais ligadas ao setor da agricultura, artesanato e indústria.

A alteração de profissão, causada pela emigração ou pela migração, também era frequente. Assim sendo, alguns dos entrevistados tiveram que aprender mais do que uma profissão, adquirindo assim aprendizagens variadas, no âmbito profissional.

Categoria B – Quotidiano

Nesta categoria, que diz respeito à dimensão do quotidiano atual dos idosos, pretende-se perceber o que fazem os idosos, no seu dia-a-dia, e com que frequência o fazem. Da categoria do quotidiano, surgiram 2 subcategorias:

B.1. - Dimensões do quotidiano atual do idoso;

B.2. - Rotinas diárias.

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código dos indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
B.1. Dimensões do quotidiano atual	O que fazem:				
	Higiene;	<i>E1.1.7 – E1.1.7 – E1.1.8 – E1.1.9 – E1.1.10 – E2.1.16 – E3.1.5 – E3.1.6 – E3.1.7 – E3.1.8 – E3.1.9 – E3.1.10 – E4.1.10 – E4.1.11 – E6.1.8 – E6.1.9 – E9.2.11 – E12.1.9 -</i>	18	7	2.5
	Passeios;	<i>E1.2.11</i>	1	1	1
	Atividades;	<i>E1.2.12 - E4.1.13 – E4.1.14 – E9.2.19 – E9.2.20 – E9.2.21 – E10.2.9 – E10.2.10 – E10.2.11 – E10.2.12 – E10.2.13 – E10.2.14 – E10.2.15 – E10.2.16 – E10.2.17 - E10.2.18 - E14.2.17 – E14.2.18 – E14.2.19 – E14.2.20 – E14.2.21 – E15.1.15</i>	22	6	3.6
	Televisão;	<i>E9.2.16 - E16.1.16</i>	2	2	1
	Leitura;	<i>E4.1.15 - E16.1.16</i>	2	2	1
	Tarefas de casa;	<i>E11.1.9 – E15.1.12 – E16.1.13 – E16.1.14</i>	4	3	1.3
	Refeições	<i>E2.2.17 – E2.2.20 – E3.1.11 – E4.1.12 – E5.1.6 – E5.1.7 – E5.1.9 – E12.1.8</i>	8	5	1.6

	Outros	<u>E10.2.24 – E10.2.25 – E10.2.26 – E10.2.27 – E10.2.28 – E10.2.29 – E10.2.30 – E10.2.31 – E10.2.32 – E10.2.33 – E16.1.16</u>	11	2	5.5
	Quando fazem:				
	Hora das refeições;	<u>E2.2.22 – E2.2.23 – E2.2.24 – E3.1.14 – E6.1.10 – E6.1.11 – E6.1.12 – E9.2.14 – E9.2.15</u>	9	4	2.25
	Quando há atividades no lar;	E8.1.5	1	1	1
	Quando há atividade no grupo	<u>E10.2.19 – E10.2.20 – E10.2.21 – E10.2.22 – E10.2.34</u>	5	1	5
	Onde fazem:				
	Na quinta	<u>E2.2.19 – E3.1.15</u>	2	2	1
	No lar;	<u>E2.2.18 – E2.2.21 – E3.1.12 – E3.1.13 – E5.1.8 – E5.1.10 – E5.1.11 – E8.1.6</u>	8	4	2
	No grupo;	<u>E9.2.12 – E9.2.13 – E9.2.17 – E9.2.18 – E10.2.23 – E11.1.13 – E11.1.14 – E15.1.13 – E15.1.14 – E16.1.15</u>	10	5	2
	Total		119	14	8.5

Tabela 6 - Análise Categoria B – Quotidiano - Subcategoria B.1.

A higiene pessoal é a principal tarefa na vida dos idosos. Esta dimensão está presente todos dias:

- “ (...) levanto me, faço a minha higiene (...) ” **(E1.1.7)**;
- “ (...) vou à casa de banho, lavar a cara, pentear, lavar os dentes (...) ” **(E3.1.6)**.

Um dos idosos institucionalizados no meio urbano ocupa parte do seu dia com as novas tecnologias, “ (...) enquanto não vem, agarro no Tablete vou ver o tempo (...) ” **(E1.1.8)**. Nos dias de hoje, uma parte dos idosos já tem acesso a este tipo de tecnologias, o que lhes permite ter acesso a novas coisas e à sociedade fora da instituição.

Os idosos institucionalizados no meio urbano passam o seu dia, de uma forma geral, a passear pela quinta “ (...) às vezes vou ali ver as ovelhas da quinta (...) ” **(E2.2.19)**, a fazer atividades organizadas pela instituição “ (...) depois fazem se umas

atividadezinhas (...) ” (E4.1.13) e a conversarem uns com os outros “*Converso com as amigas (...)* ” (E4.1.14).

Os idosos institucionalizados no meio rural referem que fazem muito pouco, “**Cá no lar nada (...)** ” (E7.1.3); “**(...) cá no lar não se faz nada.**” (E7.1.4); “**Estamos aqui o dia inteiro sem fazer nada.**” (E7.1.5)

No que se refere aos indivíduos que ainda estão em suas casas, tanto os meio urbano como os do meio rural, consideram que ainda têm uma vida ativa e ocupada com diversas atividades, “(...) faço muitas coisas (...)” (E10.2.9). Há sempre coisas que são necessárias e os mesmo sentem que são capazes de as fazer “*(...) depois entretenho me a fazer coisas que são precisas (...)*” (E14.2.19)

As mulheres continuam a realizar as suas atividades domésticas, “*As atividades de casa todos os dias (...)*” (E15.1.12)

Os indivíduos que não estão institucionalizados, referem que precisam de estar ocupados com atividades que os façam pensar. Pois de um momento para o outro deixaram de ter a sua atividade profissional que os permanecia ativos, referem ser necessário continuarem a ter atividade.

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Códigos de Indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
B.2. Rotinas diárias	Frequência:				
	Todos os dias	<i>E1.2.13 – E1.2.14 – E1.2.19 – E2.2.27 – E3.1.20 – E4.1.20 – E9.2.22 – E10.2.35 – E10.2.36 – E10.2.37 – E10.2.39 – E10.2.40 – E11.1.10 – E11.1.16 – E15.2.17</i>	15	8	1.8
Total			15	8	1.2

Tabela 7- Análise Categoria B – Quotidiano - Subcategoria B.2.

Os idosos por, estarem institucionalizados, não significa que deixem de fazer , o que sempre fizeram, eles continuam com uma rotina, “ (...) *tenho uma rotina (...)* ” (E1.2.13); “ (...) *não passo um dia sem as fazer.* ” (E1.2.19); “*Fazem parte do meu dia-a-dia.*” (E4.1.20).

Os idosos entrevistados, apesar de estarem reformados e alguns já em situação de institucionalização, continuam a ter um quotidiano com atividades da vida diária e rotinas, desde da sua higiene a atividades para ocupação do tempo livre.

Categoria C – Relacionamentos

A presente categoria diz respeito às relações que os idosos estabelecem uns com os outros e com as suas famílias. As relações sociais são importantes, na medida em que os idosos se sintam valorizados, pelos outros. As relações familiares são mais importantes que as que os idosos estabelecem uns com os outros, sendo estas também importantes, pois a família continua a ser o seu suporte. Desta categoria, surgiram 3 subcategorias:

C.1. - Relações que os idosos estabelecem entre si;

C.2. - Relações familiares;

C.3. - Saídas ao exterior com a família. Esta última surge no seguimento das relações familiares, para que se consiga perceber de que forma funcionam estas relações e qual a sua duração.

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Códigos de Indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
C.1. Relações que estabelecem uns com os outros	Relações com os restantes utentes:				
	Aprendizagens uns com os outros	<i>E1.2.20 – E1.2.21 – E1.2.22 – E1.3.54 – E2.2.28 – E2.3.48 – E2.3.49 – E3.1.21 – E3.1.22 – E3.3.48 – E3.3.49 – E4.1.21 – E4.1.22 – E4.3.50 – E4.3.51 – E6.2.35 – E6.2.36 – E7.1.6 – E7.1.7 – E7.2.21 – E8.2.22 – E8.2.23 – E9.2.23 – E9.2.24 – E10.2.38 – E10.2.55 – E11.1.17 – E13.1.17 – E14.2.24 – E14.2.25 – E15.2.18 – E16.2.29</i>	32	14	2.2
		Total	32	14	2.2

Tabela 8 -Análise Categoria C – Relacionamentos - Subcategoria C.1.

As relações que os idosos institucionalizados estabelecem uns com os outros é boa, e estão sempre aprender uns com os outros *“Somos todos amigos (...)” (E2.3.48); “ (...) nós estamos sempre aprender uns com os outros.” (E2.3.49)* Têm algumas atividades que realizam sozinhos, como a leitura, mas as outras estão sempre acompanhados e interação uns com os outros.

Tanto no meio urbano como no rural, no que se refere aos indivíduos institucionalizados, os mesmos, consideram-se como uma família, *“Nós estamos aqui todos juntos somos uma família” (E3.3.49)*

Dos indivíduos não institucionalizados temos as duas situações: há aqueles que realizam as suas atividades sozinhos e os que estão sempre acompanhados.

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Códigos de Indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
C.2. Relações com a família	Quantas vezes esteve com a família:				
	Todos os sábados	<i>E1.2.34 – E1.2.35</i>	2	1	2
	Frequentemente	<i>E3.2.29 – E4.2.33 – E4.2.34 – E4.2.35</i>	4	2	2
	Natal e Ano Novo	<i>E1.2.36 – E2.3.35</i>	2	2	1
	Todas as semanas	<i>E5.2.18 – E7.1.9 – E8.1.7 – E8.1.8 – E8.2.16</i>	5	3	1.6
Algumas vezes	<i>E6.2.18</i>	1	1	1	

	Todos os dias	E10.2.55 – E11.2.24 – E15.2.25 – E16.1.1	4	4	1
	Com quem está:				
	Filhos e netos	E1.2.30 – E1.2.31 – E1.2.32 – E1.2.33 – E2.3.34 – E3.2.28 – E4.2.30 – E4.2.31 – E4.2.32 – E5.2.15 – E5.2.16 – E5.2.17 – E13.2.38 – E13.2.39 - E16.1.2 – E16.1.3	16	7	2.2
	Sobrinhos	E6.2.17	1	1	1
	Amigos	E7.1.8	1	1	1
		Total	36	13	2.7

Tabela 9 - Análise Categoria C – Relacionamentos - Subcategoria C.2.

No que diz respeito às relações com a família, os idosos institucionalizados, todos as semanas têm contato com as mesmas, tanto no lar em Mourão como em Évora, “ (...) **elas vêm cá todas as semanas.**” (E5.2.18), alguns até estabeleceram momentos ao fim de semana para estarem juntos fora da instituição “ (...) *no sábado vamos sempre almoçar fora (...)* ” (E1.2.34). Os idosos institucionalizados estabelecem uma relação mais próxima com os filhos e netos, “ (...) *mais com o meu filho que é quem cá está.*” (E1.2.31).

Os indivíduos não institucionalizados têm uma frequência diária no contato com a família.

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Códigos de Indicadores	UR	UE	UR/UE
C.3. Saídas ao exterior	Quantas vezes foi ao exterior com a sua família:				
	Todas as semanas	E1.2.37	1	1	1
	Com alguma frequência	E2.3.36 – E3.2.30 – E3.2.31 – E4.2.36 – E4.2.37 – E5.2.19 – E7.1.10 – E7.1.11	8	5	1.6
	Quantas vezes saiu de casa:				
	Todos os dias	E9.2.41 – E10.3.56 – E10.3.57 – E11.2.25 – E12.1.10 - E12.1.11 – E13.2.40	8	6	1.3
Algumas vezes	E16.2.41				
		Total	17	12	1.4

Tabela 10 - Análise Categoria C – Relacionamentos – Subcategoria C.3

As saídas ao exterior com a família são muito habituais para os idosos que estão institucionalizados, “*Sempre que tive com o meu filho foi for do lar.*” (E1.2.37); “ (...) **3 ou 4 vezes.**” (E5.2.19); “ (...) **foram algumas (...)**” (E7.1.11).

Para os indivíduos não institucionalizados é mais habitual saírem de casa, pois fazem-no todos os dias.

O relacionamento que os idosos institucionalizados estabelecem entre si é muito importante neste momento da sua vida, pois alguns dos seus contatos habituais foram quebrados, sendo assim, necessário a existência de algum suporte neste sentido. Os indivíduos sentem que sua a relação com os restantes utentes é boa, referindo que são como uma família, onde aprendem uns com os outros todos os dias.

No que se refere, ao relacionamento com as famílias todos estabelecem contato com a mesma, praticamente, todas as semanas. Para os indivíduos não institucionalizados, o contato com a família acontece diariamente.

As saídas ao exterior, para os indivíduos institucionalizados ocorrem, com bastante frequência, sendo que, acontece quase sempre com os filhos e/ou netos.

Categoria D - Institucionalização/ Participação no grupo

A categoria D está direcionada para a interpretação dos dados acerca da institucionalização dos idosos, as razões pelas quais os mesmos foram para o lar, se gostam de lá estar, se sentiram melhorias na sua vida depois de terem entrado para o lar. E para os idosos que estão em casa, perceber se os mesmos frequentam algum tipo de grupo. Desta categoria surgiram 4 subcategorias:

D.1. - Momento de entrada para o lar;

D.2. - Gosto de estar na instituição;

D.3. - Melhorias depois de ter entrado no lar;

D.4. - Frequência em grupo.

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Código de indicadores	UR	UE	UR/UE
D.1. Momento de entrada no lar	Há quanto tempo está no lar:				
	Mais de um ano	<i>E1.3.42 – E2.3.38 – E3.2.33 – E3.2.34 – E4.2.39 – E4.2.40 – E5.2.20 – E6.2.20</i>	8	6	1.3
	Menos de um ano	E7.1.13 – E8.1.11	2	2	1
	Razões pelas quais foi para o lar:				
	Doença	<i>E1.3.43 – E1.3.44 – E2.3.39 – E2.3.40 – E7.1.14 – E7.1.15</i>	6	3	2
Para estar acompanhado	<i>E3.2.35 – E3.2.36 – E4.2.41 – E4.2.42 – E4.2.43 – E5.2.21 – E5.2.22 – E5.2.23 – E5.2.24 – E5.2.25 – E6.2.21 – E6.2.22 – E6.2.23 – E6.2.24 – E6.2.25 – E6.2.26 – E6.2.27 – E7.1.14 – E7.1.15 – E8.2.12 – E8.2.13 – E8.2.14 – E8.2.15</i>	24	6	4	
Total			40	8	5

Tabela 11 - Análise Categoria D - Institucionalização/ Participação no grupo - Subcategoria D.1.

Em ambos os contextos, a maioria dos idosos refere que foi para a instituição por doença, “*Nessa altura estava doente (...) (E2.3.39)*, alguns tinham algum receio de estar em casa sozinhos “ *(...) tinha receio pela minha saúde. “ (E4.2.43)*, e como não tinham quem cuidar deles, pois os filhos têm o seu trabalho, decidiram ir para o lar “ *(...) o segundo as minhas filhas estavam empregadas (...) ” (E5.2.22); “ (...) maneira que não havia assim muita disponibilidade.” (E5.2.23).*

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Código de indicadores	UR	UE	UR/UE
D.2. Gosto por estar no lar	Porquê:				
	Gosto	<i>E1.3.45 – E2.3.41 – E3.2.37 – E3.2.38 – E4.2.44 – E6.2.27 – E8.2.17</i>	7	6	1.1
	Porque estou acompanhado	E7.1.16	1	1	1
Total			8	7	1.1

Tabela 12 - Análise Categoria D - Institucionalização/ Participação no grupo - Subcategoria D.2

No que diz respeito ao gosto por estar na instituição, todos os idosos disseram que gostavam, e muito, mas que nada como a casa deles:

- **“Por acaso gosto, mas digo-lhe nada melhor que a nossa casa.” (E6.2.27).**

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Código de indicadores	UR	UE	UR/UE
D.3. Melhorias depois de ter entrado no lar	O que melhorou:				
	Mais convívio	<i>E1.3.47</i>	1	1	1
	Mais paz de espírito	<i>E1.3.46</i>	1	1	1
	Estar acompanhado	E6.2.30	1	1	1
	Mais saúde	<i>E2.3.42 – E2.3.43 – E2.3.44 – E4.2.45 – E4.2.46 – E4.2.47 – E6.2.29 – E7.1.15 – E7.1.17</i>	9	4	2.25
	Nada	<i>E3.2.39 – E3.2.40 – E3.2.41 – E5.2.26 – E5.2.27</i>	5	2	2.5
		Total	17	7	2.4

Tabela 13 - Análise Categoria D - Institucionalização/ Participação no grupo - Subcategoria D.3.

Para os idosos institucionalizados nas duas instituições, a entrada para as mesmas melhorou bastante a sua vida *“Melhoraram muito (...)” (E2.3.42)*, principalmente o seu estado de saúde *“ (...) eu vim para cá doente, estive doente durante algum tempo (...)” (E2.3.43)*; *“ (...) mas agora estou como um rapaz novo.” (E2.3.44)*.

Os mesmos referem estar mais descansados, pois têm sempre alguém por perto que os possa apoiar em qualquer situação, **“Fiquei mais descansado (...)” (E6.2.29)**.

No que diz respeito ao que mudou na sua vida, os idosos institucionalizados no meio rural dizem que não mudou muito, a não ser a sua saúde que melhorou bastante, **“Olhe a minha saúde.” (E7.1.17)**.

Os indivíduos institucionalizados no meio urbano referem que passaram a ter *“ (...) mais convívio (...)” (E1.3.47)*.

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código de indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
D.4. Frequência em grupo	Frequenta algum tipo de grupo:				
	Sim	<u>E9.2.37 – E9.2.38 – E9.2.39 – E9.2.40 – E11.2.23 – E12.1.18 – E13.2.27 – E13.2.28 – E13.2.30 – E13.2.31 – E13.2.32 – E13.2.33 – E13.2.34 – E13.2.35 – E13.2.36 – E13.2.37 – E15.2.22 – E15.2.23 – E15.2.24 – E16.2.34 – E16.2.35 – E16.2.36 – E16.2.37 – E16.2.38 – E16.2.39 – E16.2.40</u>	26	6	4.3
	Não	<u>E10.3.54 – E14.2.33</u>	2	2	1
Total			28	8	3.5

Tabela 14 - Análise Categoria D - Institucionalização/ Participação no grupo – Subcategoria D.4.

Os idosos não institucionalizados, na generalidade frequentam grupos, onde realizam atividades que os mantêm ativos:

- “Sim, cantares de Évora.” (E11.2.23);
- “(…) clube da pesca (…)” (E9.2.37);
- “(…) grupo da caça (…)” (E13.2.27);
- “(…) associação em Albarraque (…)” (E15.2.23).

Dos idosos não institucionalizados só dois é que referiram que não frequentavam qualquer tipo de grupo, sendo um do meio urbano e outro do meio rural.

Os indivíduos institucionalizados, tanto em Évora como em Mourão, gostam de estar na instituição, por se sentirem acompanhados e terem mais coisas para fazer, do que quando estavam em casa.

No que se refere, aos indivíduos não institucionalizados no meio urbano e no meio rural e que participam em grupos, referem sentir-se úteis e ativos com as atividades que lhes são propostas.

Categoria E – Vida ativa dos idosos

Com esta categoria, pretende-se perceber se a vida dos idosos continua ativa e se a entrada para o lar ou a frequência no grupo contribuíram/contribuem para os mesmos continuarem ativos. Desta categoria surge a subcategoria E.1., pretende-se com a mesma, perceber de que forma e como a vida dos idosos se tornou mais ativa, ou não, depois de ter entrado para a instituição ou começar a participar no grupo.

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código de indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
E.1. A vida ficou mais ativa depois de ter ido para o lar/grupo	Mais ativo desde que foi para o lar ou para o grupo	<i>E1.3.48 – E1.3.49 – E1.3.50 – E1.3.51 – E2.3.45 – E3.2.42 – E3.2.43 – E3.2.44 – E3.2.45 – E4.2.48 – E6.2.31 – E6.2.32 – E7.2.18 – E7.2.19 – E9.2.42 – E9.2.43 – E9.2.44 – E9.2.45 – E9.2.46 – E9.2.47 – E10.3.58 – E10.3.59 – E10.3.60 – E11.2.26 – E11.2.27 – E11.2.28 – E11.2.29 – E11.2.30 – E12.2.20 – E12.2.21 – E13.2.41 – E13.2.42 – E13.2.43 – E13.2.44 – E13.2.45 – E15.2.25 – E15.2.26 – E15.2.27 – E16.2.42 – E16.2.43 – E16.2.46 – E16.2.47 – E16.2.48 – E16.2.49</i>	44	13	3.2
	Em casa estava mais ativa	E5.2.28 – E5.2.29 – E8.2.19 – E8.2.20	4	2	2
Total			48	15	3.2

Tabela 15 - Análise Categoria E – Vida ativa dos idosos – Subcategoria E.1.

Os idosos institucionalizados no meio urbano referem que a sua vida se tornou mais ativa “ *No aspeto de andar, mexer (...)* ” (**E3.2.43**), depois de terem ido para a instituição.

Já os que estão institucionalizados no meio rural sentem-se mais parados:

- “ (...) estou mais parada.” (**E7.2.19**);
- “Olhe eu gostava mais de estar lá em casa (...)” (**E8.2.19**);
- “ (...) porque tinha sempre coisas para fazer e aqui é só às vezes.” (**E8.2.20**).

Os idosos não institucionalizados, em ambos os contextos, que participam em grupos sentem que a sua vida se tornou mais ativa depois de terem começado a participar nos mesmos:

- Muito mais ativa (...)” (E10.3.58);
- “Sem dúvida nenhuma.” (E9.2.42);
- “Se eu ficasse parado era um atrofiamento (...)” (E9.2.42);
- “(…) é um desanuviamento de ideias.” (E9.2.47);
- “(…) se não tivesse estas atividades, eu estava aqui parva sem nada para fazer.” (E10.3.59);
- “(…) temos sempre alguma coisa par fazer em prol do grupo e da associação (...)” (E13.2.44).

Categoria F- Atividades desenvolvidas

A categoria “Atividades desenvolvidas” pretende perceber quais são as atividades socioculturais realizadas pelos idosos no lar ou no grupo, como são, a frequência com que são realizadas, em quais os idosos gostam mais de participar. Pretende-se, assim, investigar se os idosos participam nas atividades realizadas pelas instituições. Desta categoria, surgem 7 subcategorias:

- F.1. – Atividades realizadas
- F.2. – Descrição das atividades
- F.3. – Frequência das atividades
- F.4. – Caráter das atividades
- F.5. – Voluntariado
- F.6. – Desafios encontrados nas atividades
- F.7. – Sugestões

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Código dos indicadores	UR	UE	UR/UE	
F.1 Atividades realizadas	Quais foram as atividades que realizou:					
	Passear pela quinta	<i>E1.2.16 – E1.2.17 – E1.2.18</i>	3	1	3	
	Ver televisão	<i>E2.2.25</i>	1	1	1	
	Tablet	<i>E1.2.15</i>	1	1	1	
	Bingo	<i>E3.1.16</i>	1	1	1	
	Dominó	<i>E3.1.18</i>	1	1	1	
	Cartas	E6.1.13 - E13.1.12	2	2	1	
	Decoração do lar	<i>E3.1.17 - E4.1.16 - E4.1.17 - E4.1.18</i>	4	2	2	
	Leitura e escrita	<i>E3.1.19</i>	1	1	1	
	Hidroginástica	<u>E11.1.15</u>	1	1	1	
	Ensaio do grupo	<u>E11.1.15</u>	1	1	1	
	Ginástica	<i>E15.1.16</i>	1	1	1	
	Caça	<i>E13.1.13</i>	1	1	1	
	Preparação festa Senhora das Candeias	<i>E16.1.19 – E16.1.20 – E16.1.21</i>	3	1	3	
	Nenhuma	E5.1.12 - E5.1.13 – E6.1.14	3	2	1.5	
	Atividades onde participa mais:					
	Cinema	<i>E1.2.38 – E1.2.39 – E1.2.40 – E1.2.41 – E1.3.55 – E1.3.56 – E1.3.57</i>	7	1	7	
	Música	<i>E1.3.56</i>	1	1	1	
	Ginástica	E1.3.56 - E6.1.15 - E6.2.37 - E6.2.38 – E7.2.22 - E7.2.23 - E8.1.9 - E8.1.10 - E8.2.24	9	4	2.25	
	Escrita/Matemática	<i>E3.2.32 - E3.3.50 - E3.3.51 - E4.1.19- E4.2.38 - E4.3.52 - E4.3.53 - E4.3.54</i>	8	2	4	
	Nenhumas	<i>E2.3.37 – E2.4.50 – E2.4.51 – E2.4.52 – E2.4.53 – E5.1.14 - E5.2.35 - E5.2.36 -</i>	8	2	4	
	Porquê:					
	Mais atentos	<i>E3.3.52 - E4.3.55 - E4.3.56</i>	3	2	1.5	
	Gosto por cantar e por fazer atividades manuais	<i>E4.3.57</i>	1	1	1	
	Total			61	12	5

Tabela 16 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.1.

Os idosos institucionalizados no meio urbano referem que realizam algumas atividades como por exemplo:

- “Jogamos ao bingo (...)” (**E3.1.16**);

- “ (...) dominó (...) ” (E3.1.18);
- “ (...) leitura e escrita. ” (E3.1.19).

Referindo ainda que no mês de dezembro estiveram muito ocupados com a “Preparação da festa de Natal (...) ” (E4.1.16), pois tiveram a atividade de “ (...) decoração do lar (...) ” (E4.1.17).

No que se refere aos idosos institucionalizados no meio rural, os mesmos dizem realizar algumas atividades como jogar às cartas “**Às vezes jogamos às cartas para distrair.**” (E6.1.13).

Os idosos não institucionalizados, tanto em Mourão como em Évora, participam todos eles em atividades, como por exemplo:

- “ (...) a hidroginástica e os ensaios do grupo. (...) ” (E11.1.15);
- “ (...) a caça. ” (E13.1.13);
- “Fui à ginástica porque estava em Albarraque.” (E15.1.16).

É de referir que na altura em que as entrevistas foram realizadas, haviam muitos idosos no lar de Mourão doentes, com gripe, que não tinham participado nas atividades, nas últimas semanas.

No que se alude às atividades onde os idosos participam mais, na instituição de Évora as mesmas prendem-se com atividades mais desportivas, de concentração e culturais:

- “ (...) mas quando participo é no cinema, na música ou na ginástica. ” (E1.3.56);
- “ (...) o português (...) ” (E4.3.55);
- “ (...) matemática (...) ” (E4.3.54).

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Estes idosos referem estas atividades *“Porque são coisas em que nos mantemos atentos.”* (E3.3.52).

Na instituição de Mourão a atividade onde os idosos participam mais é na *“ (...) ginástica (...) ”* (E6.2.37).

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Código dos indicadores	UR	UE	UR/UE	
F.2. Descrição das atividades	Como são:					
	Vamos em grupo	E1.3.58 – E1.3.59 – E3.3.53 - E3.3.54 -E3.3.55 -E3.3.60 - E4.3.58 - E4.3.59 - E4.3.60 - E4.3.61- E6.3.42 - E6.3.43 - E7.2.24 - E7.2.25 - E8.2.25 - E8.2.26 - E16.1.22 – E16.1.23 – E16.1.24 – E16.1.25 – E16.2.26 – E16.2.27 – E16.2.28 – E16.2.30		24	7	3.4
	Cada um faz o melhor sabe					
	Fazemos exercícios					
	Onde são realizadas:					
	Ginásio	E1.3.64 – E2.4.58 – E3.3.62		3	3	1
	Na rua	E1.3.65		1	1	1
	Quinta	E2.2.29 – E2.2.30 – E3.1.23		3	2	1.5
	Sala atividades	E2.4.57 – E3.1.23 – E3.3.61 – E4.2.23 – E4.2.24 – E4.3.66 – E7.2.28		7	4	1.75
	Rio	<u>E9.2.27</u>		1	1	1
	Café	E13.2.18		1	1	1
	Grupo	<u>E9.2.26</u> – E13.2.19 – E15.2.20		3	3	1
	Campo	E14.2.26 – E14.2.27 – E14.2.28		3	1	3
	Piscina	E15.2.19		1	1	1
	Satisfação:					
	Satisfeito	E1.3.63 – E2.4.56 – E4.3.65 - E6.3.41 - E7.2.27 - E8.2.28		6	6	1
	Responsável pelas atividades:					
Técnica Especializada	E1.4.68 – E1.4.69 – E2.4.60 – E3.3.64 – E4.3.69 – E6.3.44		6	5	1.2	
Total			59	12	4.9	

Tabela 17 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.2.

Quando se pediu aos idosos para descreverem as atividades que realizam, os idosos institucionalizados em meio urbano referiram que:

- *“Vimos em grupo (...)” (E4.3.58);*
- *“ (...) dividem se em grupos para não vir tudo a mesmo tempo (...)” (E4.3.59);*
- *“ (...) o trabalho sai melhor.” (E4.3.60);*
- *“Cada um faz o que sabe melhor (...)” (E4.3.61);*
- No cinema *“ (...) no cinema escolhemos o filme, a menina mete as cadeiras, o projetor, o computador com o filme (...)” (E1.3.58);*
- Na leitura e escrita *“ (...) fazemos cópias ou ditados.” (E3.3.55).*

Os idosos institucionalizados em meio rural, referem que:

- *“ (...) na ginástica fazemos exercícios.” (E4.3.61);*
- *“Vamos todos lá para cima e vá de fazer ginástica.” (E7.2.25).*

Existe em ambos os casos uma organização prévia da organização das atividades.

Todos os idosos referiram estar satisfeitos com as atividades socioculturais realizadas nos lares, **“Estou muito satisfeito até.” (E6.3.41).**

Nas duas instituições existem técnicos responsáveis pela organização e estruturação das atividades, **“Temos sim.” (E6.3.44);** *“ (...) está cá uma menina.” (E3.3.64).*

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código dos indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
F.3. Frequência das atividades	Quantas vezes há atividades:				
	Todos os dias	<i>E1.3.61 – E1.3.62 – E2.4.54 – E3.3.56 – E3.3.57 – E3.3.58 – E3.3.59 – E4.3.62 – E4.3.63 – E4.3.64</i>	10	4	2.5
	Às vezes	E5.2.34 - E6.1.19 - E6.2.39 - E6.2.40 - E7.2.26 – E8.2.27 – E11.1.11	7	5	1.4
Total			17	9	1.8

Tabela 18 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.3.

Na subcategoria F.3., a frequência em que as atividades são desenvolvidas, os indivíduos institucionalizados no meio urbano dizem que “ (...) *todos os dias há (...)* ” (**E1.3.61**), atividades, sendo que “ (...) *cada dia são diferentes.*” (**E1.3.62**). Na instituição de Mourão foi referido “ (...) **umas vezes por outras.**” (**E5.2.34**), para designar a frequência das atividades.

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código dos indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
F.4. Carácter das atividades	Tipo de atividades:				
	Desportivas	<u>E9.2.33 – E13.2.22 – E13.2.23 – E13.2.24 – E13.2.25</u>	5	2	2.5
	Mental	<u>E4.2.29 – E9.2.34 – E9.2.35 – E10.3.48 – E10.3.49 – E10.3.50 – E10.3.51</u>	7	3	2.3
	Todo	<u>E1.2.29 – E2.3.33 – E3.2.27 - E11.2.21 – E12.2.14</u>	5	5	1
Total			17	9	1.8

Tabela 19 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.4.

A maioria dos idosos referiu que as atividades que realizam “*Englobam tudo.*” (**E3.2.27**), quer isto dizer que são atividade de carácter físico, mental, cognitivo.

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Código dos indicadores	UR	UE	UR/UE
F.5. Voluntariado	Participa em algum tipo de voluntariado:				
	Sim	<u>E9.2.36 – E10.3.52 – E10.3.53 – E11.2.22 – E12.1.15 – E12.1.16 – E12.1.17 – E12.1.19 – E15.2.22 – E15.2.23 – E15.2.34</u>	11	5	2.2
	Não	E13.2.26 – E16.2.33	2	2	1
Total			13	7	1.8

Tabela 20 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.5.

A subcategoria voluntariado direcionada para os indivíduos não institucionalizados, os mesmos afirmaram que todas as atividades que realizam, como por exemplo a participação nos grupos é voluntariado, “ (...) faço é num grupo a que pertença (...)” (E12.1.17).

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Código dos indicadores	UR	UE	UR/UE
F.6. Desafios encontrados nas atividades	Desafios quando participa nas atividades:				
	Sinto-me desafiado, para diariamente ter um estímulo, para participar nas atividades e ir fazendo as coisas do dia-a-dia	<u>E1.2.23 – E2.2.31 – E2.2.32 – E3.2.24 – E3.2.25 – E3.2.26 – E4.2.25 – E4.2.26 – E4.2.27 – E4.2.28 – E5.1.16 – E9.2.28 – E9.2.29 – E9.2.30 – E9.2.31 – E9.2.32 – E10.2.41 – E10.2.42 – E10.2.43 – E10.2.44 – E10.2.45 – E10.3.46 – E10.3.47 – E11.1.18 – E11.1.19 – E11.2.20 – E12.1.12 – E12.1.13 – E13.2.20 – E13.2.21 – E14.2.29 – E14.2.30 – E14.2.31 – E14.2.32 – E16.2.31 – E16.2.32</u>	36	12	3
Total			36	12	3

Tabela 21 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas - Subcategoria F.6.

Os desafios encontrados nas atividades que realizam foi uma subcategoria a que se chegou, por alguns dos idosos referirem que as atividades que fazem ainda lhe proporcionam desafios. Por exemplo, um dos entrevistados, institucionalizado em meio urbano refere que “ (...) quando comecei a utilizar o Tablete foi um grande desafio, e ainda hoje é.” (E1.2.23), havendo uma força para quererem todos os dias enfrentarem esses desafios “ (...) porque tenho receio de não as conseguir fazer todos os dias (...) ” (E4.2.26);

Outro indivíduo, neste caso não institucionalizado em meio urbano diz que “ (...) nas atividades do grupo quando temos atuação é sempre um desafio querer fazer mais e melhor, para cantar bem.” (E11.1.19).

Os idosos referem que “ (...) há um estímulo (...)” (E9.2.30), para que possam continuar desafiados e ativos.

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código dos indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
F.7. Sugestões	Sugestões para novas atividades:				
	Nunca dei	E1.3.67 – E2.4.59 – E3.3.63 - E4.3.67 - E4.3.68	5	4	1.2
	Total		5	4	1.2

Tabela 22 - Análise Categoria F- Atividades desenvolvidas – Subcategoria F.7.

Quando se perguntou aos idosos que institucionalizados se alguma vez tinha sugerido algum tipo de atividades, todos responderam que “*Não não, nunca sugerida.*” (E1.3.67).

Os indivíduos institucionalizados em meio urbano, têm atividades todos os dias, e todas elas diferentes, vão em grupos e cada um faz o que sabe melhor. Já os que estão institucionalizados em meio rural referem terem atividades de vários tipos, mas só algumas vezes.

Os indivíduos entrevistados sentem-se desafiados a participar nas atividades propostas pelas instituições ou pelo grupo, para aprenderem mais e continuarem ativos. As atividades desenvolvidas são planeadas, pelas técnicas responsáveis pela animação da instituição, onde os idosos ajudam no que podem, dando sempre a sua opinião.

Em ambas as instituições, os indivíduos estão satisfeitos com as condições que têm, referindo que estão mais acompanhados.

Categoria G – Benefício das atividades

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Código de indicadores</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
G.1. Melhor qualidade de vida	Com as atividades que realiza:				
	Ocupar o tempo Pensar Mexer Aprender mais Mais ativo	<i>E1.4.70 – E1.4.71 – E2.4.61 – E2.4.62 – E2.4.63 – E2.4.64 – E3.3.65 – E3.3.66 – E3.3.67 – E3.3.68 – E4.3.70 – E4.3.71 – E4.3.72 – E5.3.37 – E5.3.38 – E5.3.39 – E6.3.45 – E6.3.46 – E6.3.47 – E6.3.48 – E7.2.29 – E7.2.30 – E7.2.31 – E7.2.32 – E9.3.52 – E9.3.53 – E9.3.54 – E9.3.55 – E10.3.64 – E10.3.65 – E10.3.66 – E10.3.67 – E11.2.33 – E11.2.34 – E11.2.35 – E11.2.36 – E11.2.37 – E11.2.38 – E11.2.39 – E12.2.26 – E12.2.27 – E12.2.28 – E12.2.29 – E12.2.30 – E12.2.31 – E13.2.50 – E13.2.51 – E14.2.40 – E14.2.41 – E15.2.31 – E15.2.32 – E15.2.33 – E15.2.34 – E15.2.35 – E15.2.36</i>	55	14	3.9
	Total		55	14	3.9

Tabela 23 - Análise Categoria G – Benefício das atividades – Subcategoria G.1.

Na categoria benefícios pretende-se compreender de que forma as atividades são benéficas na qualidade de vida dos idosos que as realizam. Em ambos os contextos, os indivíduos relataram, que as atividades realizadas são um benefício para a sua qualidade de vida:

- “ (...) obrigamos a pensar e a mexer.” **(E1.4.70)**;
- “Para ocupar o tempo (...)” **(E2.4.62)**;
- “ (...) se agente em vez de estar parada a olhar porque é que não devemos aproveitar o tempo.” **(E3.3.66)**.

Os idosos reconhecem que as atividades são benéficas na medida que os mantêm ocupados com novas aprendizagens e ativos “**Sempre vai aprendendo alguma coisa.**” (E5.3.39); “ (...) porque estou sempre ativa e aprender (...) ” (E10.3.65), aproveitando o tempo que têm livre, tempo esse que depois da reforma passou a ser maior.

Categoria H – Novas Aprendizagens

Subcategoria	Conteúdo dos indicadores	Código de indicadores	UR	UE	UR/UE
H.1. Aprendizagens adquiridas com as atividades desenvolvidas	Aprendizagens mais significativas:				
	Novas tecnologias	E1.2.24 – E1.2.25 – E1.2.26 – E1.2.27 – E1.2.28 – E1.3.52 – E1.3.53	7	1	7
	Festas do lar	E1.4.74 – E1.4.75 – E1.4.76	3	1	3
	A ver televisão	E2.2.26 – E2.3.46 – E2.3.47 – E2.4.65 – E2.4.66 – E2.4.67	6	1	1
	Quando estou a ler	E5.2.31 – E5.2.32 – E5.2.33	3	1	1
	Aprendizagens uns com os outros / Quando estamos em grupo	E3.2.46 – E3.2.47 – E3.3.69 – E3.3.70 – E3.3.71 – E3.4.72 – E3.4.73 – E3.4.74 – E4.3.49 – E4.4.73 – E4.4.74 – E4.4.75 – E6.2.33 – E6.2.34 – E6.3.49 – E6.3.50 – E6.3.51 – E6.3.52 – E10.3.61 – E10.3.62 – E10.3.63 – E10.4.69	22	4	5.5
	Coleção de selos/construção de boias para a pesca	<u>E9.2.48 – E9.2.49 – E9.2.50 – E9.2.51 – E9.2.56 – E9.2.57 – E9.2.58 – E9.2.59 – E9.2.60 – E9.2.61</u>	10	1	10
	Atuações do grupo	<u>E12.2.38 – E12.2.39</u>	2	1	2
	Caça	E13.2.46 – E13.2.47 – E13.2.48 – E13.2.49 – E13.3.52 – E13.3.53 – E13.3.54 – E13.3.55	8	1	
	Já não aprendo muito mais	E5.2.30 – E7.2.20 – E7.2.33 – E7.2.34 –	4	2	2
Outros	<u>E1.4.72 – E1.4.73 – E8.2.21 – E11.2.31 – E11.2.32 – E12.2.22 – E12.2.23 – E12.2.24 – E12.2.25 – E12.2.32 – E12.2.33 – E12.2.34 – E12.2.35 – E12.2.36 – E12.2.37 – E14.2.34 – E14.2.35 – E14.2.36 – E14.2.37 – E14.2.38 – E14.2.39 – E15.2.28 – E15.2.29 – E15.2.30 – E15.2.31 – E15.2.38 – E15.2.40 – E15.2.41 – E15.3.42 – E16.2.44 – E16.2.45</u>	31	7	4.4	
Total			96	16	6

Tabela 24 - Análise Categoria H – Novas Aprendizagens – Subcategoria H.1.

Na categoria “Novas Aprendizagens”, tenta-se investigar as aprendizagens dos idosos quando participam nas atividades desenvolvidas, percebendo se os mesmos adquirem algum tipo de aprendizagem quando participam nas atividades.

Os idosos institucionalizados no meio urbano e no meio rural esclarecem, então, que têm aprendido muito com as atividades que realizam, *“Tenho aprendido muito com isto.”* (E1.2.24), por exemplo o senhor que tem o Tablet fez enormes progressos e aprendizagens na área das novas tecnologias, o mesmo refere que *“(…) até já tenho um mail e um facebook.”* (E1.2.27); *“Vejo a minha neta pelo Skype.”* (E1.2.28).

“(…) estamos sempre aprender.” (E3.4.72), foi a expressão que a maioria dos idosos referiu para revelar se sentia que aprendia novas coisas nas atividades, em que participa. É de referir que alguns dos idosos reforçam a ideia de que aprendem muito com as atividades **“Aprendo muito mais que aquilo que sabia quando vim para cá.”** (E6.3.49); *“Eu não sei como há pessoas que não acham bem haver atividades.”* (E3.4.73).

De alguns exemplos concretos de aprendizagens dos idosos que foram entrevistados apresentamos uma, de um indivíduo não institucionalizado no meio urbano, visto o mesmo lhe ter dado bastante destaque *“(…) este mês fomos atuar o CCB (…)”* (E12.2.38); *“(…) aquilo foi uma grande aprendizagem, uma sala enorme, cheia de gente, foi muito gratificante.”* (E12.2.39)

É assim, possível evidenciar o papel da educação e da aprendizagem ao longo da vida, pois os indivíduos entrevistados referem continuar aprender não só com as atividades que lhe são propostas pelas instituições e pelo grupo, mas também com os outros. Para eles, é importante continuar aprender, para se manterem ativos, atentos, saudáveis, ocupados.

Conclusões

De forma a evidenciar os dados mais significativos obtidos nesta investigação e confrontá-los com as opiniões de autores que fizeram parte do enquadramento teórico seguidamente, apresentaremos reflexões críticas acerca dos resultados obtidos, cruzando e comparando os resultados da investigação. Tentando responder à pergunta de partida e aos objetivos propostos.

Visto existirem dois contextos de atuação da investigação, irá analisar-se de que forma contribuem esses contextos, para as novas aprendizagens na vida dos idosos, e em consequência se lhe proporcionam atividades para ocupação do tempo livre, dando assim uma melhor qualidade de vida e um envelhecimento ativo e bem-sucedido.

A nossa pergunta de partida era: *O que aprendem os seniores no seu quotidiano e quais os significados dados às aprendizagens adquiridas pelos mesmos?* No que se refere aos significados dados pelos idosos às novas aprendizagens adquiridas pelas atividades que realizam, a maioria dos idosos não referem em concreto quais são os significados dados às suas aprendizagens, referem que aprendem, muito, com as atividades que realizam, mas na maioria não consegue especificar a aprendizagem. Sendo que, um dos entrevistados o fez muito em concreto com a questão das novas tecnologias.

Os idosos referiram aprender com as atividades, não expondo concretamente o que realmente aprendiam, mas dois dos entrevistados deram uma maior ênfase às suas aprendizagens, ambos do meio urbano, mas um institucionalizado e outro não. No que respeita ao primeiro, as aprendizagens nos últimos tempos, estas estão ligadas às novas tecnologias; no segundo caso o indivíduo referiu que quando está atuar em público, aprende muito.

Os indivíduos do meio urbano – tanto os institucionalizados como os não institucionalizados – evidenciam mais a questão das aprendizagens adquiridas através das atividades que realizam. Foi notório a influência do meio e das instituições para as aprendizagens dos indivíduos, visto os idosos institucionalizados em meio rural referirem estarem mais parados e não realizarem muitas atividades. Os indivíduos não

institucionalizados possuem uma maior panóplia de atividades disponíveis à sua volta que lhes permite escolher o que mais gostam. Estando em suas casas têm a possibilidade de escolha, já os idosos institucionalizados apesar de poderem escolher o que querem fazerem a panóplia não é tão grande.

Pode-se concluir que a institucionalização e o meio contribui para as aprendizagens dos indivíduos na medida em que são dois contextos que proporcionam diversas atividades, de vários tipos aos indivíduos, participando assim no progresso de educação e aprendizagem ao longo da vida.

Foi evidente, no que se refere aos idosos institucionalizados, as diferenças entre o meio rural e meio urbano, na dimensão em que os idosos do meio rural estão menos ocupados. Já o cotidiano dos idosos, institucionalizados no meio urbano é mais ocupado, têm mais coisas para fazer.

Em relação aos indivíduos não institucionalizados, não existem diferenças notórias, entre os dois contextos, visto todos os entrevistados referirem ter atividades e participarem em grupos.

Os idosos não institucionalizados, em ambos os contextos, ainda têm uma vida ativa e ocupada com diversas atividades, continuam a realizar as suas atividades diárias, desde das lidas da casa, as compras, saídas com os amigos. Os mesmos referem que precisam de estar ocupados com atividades que os façam pensar. Pois de um momento para o outro deixaram de ter a sua atividade profissional que os permanecia ativos, então dizem ser necessário continuarem a ter atividade.

Considerando que, ao comparar a qualidade de vida dos idosos, tendo em conta o meio onde residem, evidenciam-se as diferenças mais nítidas relativamente às atividades que têm ao seu dispor na instituição. Os indivíduos institucionalizados no meio urbano têm assim mais possibilidades de aprendizagem, visto terem mais atividades. No que diz respeito aos idosos não institucionalizados em ambos os contextos, têm atividades onde participam ativamente.

Nas entrevistas realizadas notou-se uma discordância com a imagem negativa tida pelos indivíduos nesta fase da sua vida, pois os mesmos, principalmente os não institucionalizados, continuam a ter atividades bastante importantes para a sociedade como por exemplo a participação num grupo de cante alentejano que é, neste momento, Património Imaterial da Humanidade.

Cardão (2009) refere que muitas são as teorias que referem que, quando o idoso vai para a instituição, deixa de se relacionar com o resto da sociedade, com a sua família, na presente investigação não se verificou isso, pois os relacionamentos que os idosos mantêm uns com os outros ou mesmo com a sua família são de se realçar pelo lado positivo, todos referiram que têm um bom relacionamento com todos. A família visita frequentemente os idosos institucionalizados, preocupando-se com a sua saúde e qualidade vida. As relações familiares para os idosos não institucionalizados são mais frequentes, pois os mesmos estão igualmente perto das suas famílias, muitos deles vivem em casas pegadas.

De facto, para que os indivíduos tenham um envelhecimento com qualidade de vida, não basta a satisfação das suas necessidades básicas, é igualmente importante promover um conjunto de atividades socioculturais com o intuito de, por um lado, manter ou melhorar a sua capacidade física e mental, e por outro, evitar situações de isolamento. Ajudando assim os idosos aprenderem mais.

Apesar do agravamento das condições de saúde ser o principal motivo de institucionalização do indivíduo, em ambos os contextos, importa salientar que a solidão e o isolamento também contribuíram para a necessidade do indivíduo recorrer à institucionalização. A institucionalização é vista pelos idosos como uma forma de estarem acompanhados pois nas suas casas não tinham esta possibilidade, visto os filhos estarem a trabalhar, e não terem condições para os ter junto a si.

Associado ao processo de institucionalização dos indivíduos está a questão da promoção do envelhecimento ativo. Neste caso, uma estratégia de envelhecimento ativo em contexto institucional deve visar a manutenção da independência e autonomia do

idoso ao nível das atividades básicas e instrumentais da vida diária, a valorização e o desenvolvimento de novas competências e o aumento da qualidade de vida. No que diz respeito às instituições em estudo, observamos que possuem recursos humanos capacitados para promover o envelhecimento ativo, designadamente a diretora técnica e a animadora sociocultural, sendo estas as responsáveis pela manutenção das atividades socioculturais.

Ainda a propósito do envelhecimento ativo, foi nossa intenção analisar, particularmente, a promoção da animação sociocultural na terceira idade. Nos últimos anos, a animação de idosos tem vindo a fazer parte, cada vez mais, da realidade das instituições destinadas à terceira idade. Neste âmbito, observamos que na instituição do meio urbano são realizadas atividades físicas, atividades de expressão plástica, atividades lúdicas, atividades de expressão e comunicação, atividades cognitivas e atividades intergeracionais, já na instituição do meio rural foram apenas referidas atividades de carácter físico e intergeracionais.

Efetivamente, a animação sociocultural desempenha um importante papel na qualidade de vida dos idosos que estão institucionalizados, visto na instituição do meio urbano isso ser mais evidente, bem como para os idosos não institucionalizados.

Os indivíduos institucionalizados no meio urbano referiram que a sua vida se tornou mais ativa após terem ido para o lar, pois têm sempre coisas para fazer, relativamente aos idosos institucionalizados no meio rural dizem estar mais parados. Os indivíduos não institucionalizados referem em ambos os contextos que desde que começaram a participar em atividades dos grupos, tornaram-se muito mais ativos.

A animação revela-se, por permitir, através de uma intervenção participativa e motivadora, uma velhice mais digna e valorizada pelo idoso, podendo assim contribuir para a prevenção de doenças e sensação de bem-estar. Devem ser então desenvolvidas atividades como: exercício físico; expressão dramática, plástica e corporal; trabalhos manuais; convívios entre idosos e intergeracionais; passeios e visitas; voluntariado; torneios de vários jogos; dinâmica de grupo que ajude o idoso, a ter um envelhecimento

ativo. Atividades que impliquem o contacto com novas realidades, como o uso das novas tecnologias, entre outras.

É importante que o indivíduo sinta que continua a fazer parte da sociedade, intervindo e contribuindo para o seu desenvolvimento. O lazer, o ócio e outras formas de ocupação dos tempos livres podem otimizar a vivência este momento da vida dos mais velhos. Cada indivíduo envelhece de maneira única e singular, há várias maneiras de vivenciar a transição entre a vida laboral e a reforma.

Para Lopes (2008), a animação sociocultural é um meio para praticar atividades de intervenção assente na aprendizagem para a vida. Com o objetivo de partilhar saberes, aprendizagens, experiências. A animação torna-se assim um momento de aprendizagem para os idosos que frequentam atividades desenvolvidas nas instituições para a terceira idade, ou em grupos para aqueles que ainda não estão institucionalizados.

Tanto os indivíduos institucionalizados em contexto rural, como os institucionalizados em contexto urbano, partilham espaços semelhantes e cumprem algumas rotinas idênticas, estabelecidas pelas próprias instituições. Pensamos ter sido este, o principal motivo de verificarmos algumas práticas semelhantes no quotidiano dos indivíduos estudados em diferentes contextos de institucionalização, relativamente às estratégias que as instituições seguem para promover o envelhecimento ativo dos clientes. No entanto, a melhor aposta no envelhecimento ativo, verifica-se nas práticas desenvolvidas em contexto urbano.

Através da política de promoção do envelhecimento ativo, as instituições desenvolvem estratégias que visam na qualidade de vida e no envelhecimento saudável. Verificámos na investigação, que ambas as instituições revelaram práticas ao nível da atividade física, embora na instituição urbana o impacto seja maior, devido ao facto de os idosos terem a possibilidade de desenvolverem um maior número de atividades no dia-a-dia, como a ginástica, caminhadas pela quinta. Já em contexto rural, os idosos apenas referiram praticar ginástica, portanto dispõe de menor oferta de atividades físicas. Assim, a aposta da instituição urbana é melhor ao nível da atividade física. No

que se refere a outro tipo de atividades, na instituição urbana os idosos têm ao seu dispor mais atividades do que a instituição rural. Os idosos da instituição urbana referem fazer jogos como o bingo, cartas, leitura e escrita, cinema, enquanto os idosos da instituição rural só referiram a ginástica.

Apresenta-se, de seguida, um quadro síntese de forma a explicitar as conclusões a que chegámos:

Indivíduos institucionalizados		Indivíduos Não Institucionalizados	
Meio Rural	Meio Urbano	Meio Rural	Meio Urbano
Contato frequente com a família.	Contato frequente com a família.	Participação em grupos; Todos os dias estão com a sua família; Procura diária de atividades que os mantenha ativos, tendo assim uma vida bastante ativa; Novas aprendizagens com as atividades que realizam.	
Boa relação entre os utentes	Boa relação entre os utentes		
Maior qualidade de vida depois da institucionalização	Maior qualidade de vida depois da institucionalização		
Mais parados/ Menos vontade	Procuram estar ocupados/ Quotidiano mais ativo depois de terem ido para a instituição		
Menos atividades proporcionadas pela instituição, e sendo estas pouco frequentes	Mais atividades proporcionadas pela instituição, sendo que todos os dias são realizadas atividades diferentes		
Algumas aprendizagens	Maior evidência de aprendizagens		

Quadro 4 – Quadro Síntese Conclusões

A reduzida amostra de indivíduos estudados, sendo muito homogénea tanto em contexto rural, como em contexto urbano nos aspetos estudados, não nos permitiu chegar a conclusões generalizadas. Entretanto, conseguimos em parte, alcançar os objetivos propostos para esta investigação, sobretudo responder à nossa pergunta de partida, e os objetivos delineados, comparando contextos de institucionalização diferenciados.

Em síntese, concluímos que as diferenças estão mesmo nas atividades desenvolvidas pelos idosos porque, as restantes categorias analisadas não diferenciam muito, o que remete para a afirmação de que, na amostra em estudo, parecem existir bastantes aspetos comuns entre os indivíduos institucionalizados e não institucionalizados, nos dois contextos.

Termina-se esta dissertação com satisfação, uma vez que se alcançou a finalidade desta investigação. Contudo, como limitações do estudo menciona-se o facto de apenas se ter utilizado o inquérito por entrevista como método de recolha de dados, uma vez que seria uma mais-valia para a investigação a utilização de outro instrumento de natureza quantitativa que permitisse facultar informações complementares com a finalidade de aprofundar algumas questões, por exemplo a aplicação de um inquérito por questionário às diretoras técnicas e animadoras dos lar, e aos diretores dos grupos nos quais os idosos participam.

O tempo, a compatibilização entre a investigação e o trabalho, o facto de numa fase da investigação se ter parado devido a problemas de saúde de um familiar próximo, foram outras limitações sentidas no decorrer da mesma.

Assim, considera-se que o objeto de estudo não se esgotou nesta investigação, sendo pertinente continuá-la e, em simultâneo, adequar e complementar o instrumento de recolha de dados a futuras investigações, percebendo por exemplo porque há idosos que não querem participar nas atividades, perceber de outra forma quais os significados que os idosos dão às aprendizagens (observação direta), o que faz a instituição para proporcionar novas aprendizagens aos idosos.

Dar uma ênfase à questão da instituição e dos grupos enquanto promotores de um envelhecimento ativo através das atividades que propõem, o que fazem as instituições ou o meio para melhorar a educação destes indivíduos, limitam-se a proporcionar lhes atividades? O estado não deveria criar um modelo próprio de educação para estes indivíduos? Todas as atividades realizadas em instituições para a terceira idade têm como objetivo a aprendizagem? As atividades realizam-se, só porque ter um plano de atividades é obrigatório, ou porque os idosos necessitam de as realizar? Quando se faz o plano anual pensa-se nos idosos?

Deveria existir uma proposta de educação ao longo da vida, por parte de todas as instituições que trabalham com este público, para que todos tivessem a mesma oportunidade.

Como sugestão para próximas investigações deixamos esta questão: As atividades propostas pelas instituições de terceira idade consideram a educação ao longo da vida?, seria importante estudar esta questão na perspetiva das instituições e não dos indivíduos que as realizam.

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Bibliografia

Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J.P., Maroy, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Aníbal, A. (2013). *Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida e à Validação das aprendizagens informais e não formais: recomendações e práticas*. Lisboa: CIES

Aranha, Á. & Gonçalves, F. (2007). *Métodos de Análise de Conteúdo*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Azeredo, Z. (2011). *O idoso como um todo*. Viseu: PsicoSoma

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bogdan, R. & Biklen, S. (2013). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Cardão, S. (2009). *O idoso Institucionalizado*. Lisboa: Coisas de Ler

Cardoso, S., Santos, M., Batista, M, e Clemente, S. (2012). “Estado e Políticas sociais sobre a velhice em Portugal (1990-2008).” *Análise Social*, 204, XLVIIV, (3º), 2012, 606-630.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para Autoaprendizagem*. 2ª Edição. Lisboa: Universidade Aberta.

Correia, A. (2010). *A animação sociocultural: uma forma de educação permanente e ao longo da vida para um envelhecimento ativo*. [Relatório de estágio apresentado à Universidade do Minho tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Braga: Universidade do Minho.]

Costa, A. (2012). *Animação Sociocultural de Idosos: um modo de promover o envelhecimento ativo em contexto institucional*. [Dissertação apresentada à Universidade do Porto tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Sociologia. Porto: Universidade do Porto.]

- CLASE (2013).** *Diagnóstico Social de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora
- CLAS (2007).** *Diagnóstico Social do Município de Mourão*. Mourão: Câmara Municipal de Mourão
- Faria, D., Oliveira, M. & Simões, J. (2012).** “Políticas Públicas de Defesa e Promoção dos Direitos dos Idosos.” In *Revista Portuguesa de Bioética* nº 16 – pp:67- 79.
- Fernandes, A. (1997).** *Velhice e Sociedade*. Oeiras: Celta Editora.
- Fernandes, Ana. (2001).** “Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida.” *Sociologia, Problemas e Práticas* [online]. 2001, n.36, 39-52.
- Ferreira, A. (2009).** *A Qualidade de Vida em idosos em diferentes contextos habitacionais: A perspetiva do próprio e do seu cuidador*. [Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Lisboa: Universidade de Lisboa.]
- Fonseca, A. (2006).** *O envelhecimento – Uma abordagem psicológica*. Lisboa: Universidade Católica
- Galinha, S. (2010).** *Criar- Comunicar – Participar com Adultos e Idoso: Para uma Pedagogia dos Afetos*. Porto: Livpsic.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001).** *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras. Celta Editora.
- Gomes, C. & Viegas, S. (2007).** *A identidade na velhice*. Porto: Edições Ambar
- Guedes, J. (2012).** *Viver num Lar de Idosos – Identidade em risco ou Identidade riscada*. Lisboa: Coisas de Ler
- Guerra, I. (2014).** *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia Editora.

INE (2011). *Resultados provisórios censos 2011*. Lisboa: INE

Jacob, L. (2005). “A importância das Universidades da Terceira Idade na qualidade de vida dos seniores em Portugal.” *Revista Medicina e Saúde*, Agosto (92), 16-17.

Jacob, L. (2005). “As UTIs e a qualidade de vida dos seniores.” *Revista Medicina e Saúde* nº92, Agosto.

Jacob, L. (2007). *Animação de idosos: actividades*. Porto: Âmbar.

Jacob, L. (2012). “A aprendizagem ao longo da vida.” *Revista Portfolio 7* da Fundação Eugénio de Almeida.

Jacob, L. (2012). *Universidades Seniores: Criar Projectos de Vida*. Almeirim: RUTIS (Associação Rede de Universidades da Terceira Idade).

Lima, M. (2013). *Políticas e Respostas Sociais de Apoio à Terceira Idade em Portugal: o Caso do Concelho de Vila Verde*. [Dissertação apresentada à Universidade do Minho tendo em vista a obtenção do grau de Mestre Economia Social. Braga: Universidade do Minho.]

Lima, T. (2011). “Em(Velho)Sendo: Uma Experiência de Animação de Idosos. Animação Sociocultural – Voluntariado e Cidadania Ativa”. In Carlos Costa, C. (Coord.) *Âmbitos da Animação Sociocultural*. Porto: Livpsic.

Lopes, M. (2010). “Animação Sociocultural: Profissão e Profissionalização dos Animadores.” In Costa, C. (Coord.) *Âmbitos da Animação Sociocultural*. Porto: Livpsic.

Lopes, M., Galinha, S. & Loureiro, M. (2010). *Animação e Bem-Estar Psicológico – Metodologias e Intervenção Socioeducativa e Educativa*. Chaves: Intervenção.

Martins, E. (2012). *Qualidade de Vida de Acolhimento Familiar de Idosos*. [Dissertação apresentada à Universidade do Minho tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Sociologia – Cultura e Estilos de Vida. Braga: Universidade do Minho.]

Monteiro, H. & Neto, F. (2008). *Universidades da terceira idade da solidão aos motivos para sua frequência.* Porto: Livpsic.

Moreira, C. (1994). *Planeamento de Estratégias da Investigação Social.* Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Moreno, D. (2013). *Políticas Nacionais de Saúde para os idosos: Análise das Práticas Institucionais em contexto rural e urbano.* [Dissertação apresentada à Universidade Portucalense tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Educação Social. Porto: Universidade Portucalense.]

Moreno, M., López, M. & López, J. (2004). *Gerontagogía – Educación en Personas Mayores.* Granada: Univerdidade de Granada

Mota, C. (2010). *Dar mais à idade: a promoção de um envelhecimento ativo.* [Dissertação apresentada à Universidade do Minho tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Braga: Universidade do Minho.]

Neto, A. (2012). “A Educação para a Reforma: Por um Envelhecimento Activo e Bem-Sucedido.” In Eduardo Santos et al (Coords.) *Transição para a reforma/aposentação.* Viseu: Psicosoma.

Nico, L. (2011). *A Escola da Vida: Reconhecimento e validação dos adquiridos experienciais em Portugal – Fragmentos de uma década (2000-2010).* Mangualde: Edições Pedagogo

Oliveira, F. (2011). *Características psicológicas e solidão sentida em idosos do meio urbano.* [Dissertação apresentada à Universidade do Porto tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Psicologia do Idoso. Porto: Universidade do Porto.]

Osório, A. (2004). “Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos.” In James Trilla, . (Coords.) *Animação Sociocultural na Terceira Idade.* Lisboa: Instituto Piaget.

Paúl, C. & Fonseca, A. (2001). *Psicossociologia da Saúde*. ed. 1. Lisboa: Climepsi.

Paúl, C. & Fonseca, A. coords (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores

Pimentel, L. (2001). *O lugar do idoso na família*. Coimbra: Quarteto.

Pinto, M. (2003). “As Universidades de Terceira Idade em Portugal: das origens aos novos desafios do futuro.” *Revista da Faculdade de Letras “Línguas e Literaturas”*: 467-478. Porto.

Plataforma Territorial Supraconcelhia do Alentejo Central (2009). *Diagnóstico Social*. Évora: Instituto de Segurança Social

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, O. & Paúl, C. (2011). *Manual de Envelhecimento Ativo*. Lisboa: Lidel

Rodrigues, E. (2010). *(Con)viver: o envelhecimento bem-sucedido*. [Dissertação apresentada à Universidade do Minho tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Braga: Universidade do Minho.]

Rodrigues, R. (2012). *Universidades da Terceira Idade: Duas Décadas de Intervenção em Portugal*. [Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para a obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação Especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária. Instituto Politécnico de Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.]

Sequeira, A. & Silva, M. (2002). “O bem-estar da pessoa idosa em meio rural.” *Análise Psicológica*, 3, 505-516.

Sequeira, C. (2010). *Cuidar de Idosos com Dependência Física e Mental*. Lisboa: Lidel.

Silva, A. (2010). *Envelhecimento Ativo, Educação e Promoção da Saúde na população Idosa.* [Dissertação apresentada à Universidade do Minho tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Braga: Universidade do Minho.]

Teixeira, L. (2010). *Solidão, Depressão e Qualidade de Vida em Idosos.* [Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Lisboa: Universidade de Lisboa.]

Torres, M. & Marques, E. (2008). *Envelhecimento Ativo: um olhar multidimensional sobre a promoção da saúde.* Estudo de Caso em Viana do Castelo. In Atas VI Congresso Português de Sociologia de 25 a 28 de junho de 2008. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Trilla, J. (2004). *Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos.* Lisboa: Instituto Piaget.

Varela, C. (2012). *O Impacto dos Cursos TIC das Universidades Sénior na Inclusão Digital da Terceira Idade.* [Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação.]

Veloso, E. (2011). *Vidas depois das reformas. Políticas públicas no contexto português e práticas educativas numa Universidade da Terceira Idade em Portugal.* (1.^a ed). Lisboa: Coisas de Ler Edições.

Webgrafia:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main- Consultado em 8/10/2014

http://www4.segsocial.pt/documents/10152/161248/psc_diagnostico_social_alentejo_central - Consultado em 12/12/2014

http://www4.seg-social.pt/documents/10152/27202/apoios_sociais_idosos - Consultado em 5/2/2015

http://www4.seg-social.pt/documents/10152/15013/pensao_social_velhice - Consultado em 4/5/2015

<http://www.pordata.pt/> - Consultado em 12/12/2014

Legislação Consultada:

Constituição de 1976, Diário da República (10 de abril de 1976), I Série – Número 86

Decreto Lei 133-A/97, de 30 de 3º de maio;

Decreto-Lei n.º 391/91, de 10 de outubro;

Despacho Normativo nº12/98, de 25 de fevereiro;

Lei n.º 17/2000, de 8 de agosto.

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Anexos

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Anexo 1 – Carta de Colaboração



DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos efeitos, que a Licenciada Vanessa Reis Catronga, estudante do Curso de Mestrado em Ciências da Educação (Especialização em Educação Comunitária) da Universidade de Évora, se encontra a realizar, com a minha orientação científica, um projecto de investigação intitulado *A Influência do Meio e da Institucionalização na Aprendizagem dos Mais Velhos: o Caso de Évora e Mourão*.

Neste contexto, agradeço a melhor colaboração a todas/os as/os responsáveis institucionais e instituições contactadas pela Dra. Vanessa Reis Catronga, no sentido de lhes serem proporcionadas as melhores condições para a concretização do estudo referido, do qual teremos todo o gosto em entregar as respectivas conclusões ou disponibilizar quaisquer outras informações que se revelem úteis e necessárias.

Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, 7 de Outubro de 2014

O Orientador Científico

Bravo Nico

(Professor Auxiliar)

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Apêndices

“A aprendizagem no quotidiano dos indivíduos seniores: o contributo do meio e das instituições”

Apêndice 1 - Guião de entrevista semiestruturada – A Idosos Institucionalizados e Não Institucionalizados em Mourão e Évora

<i>Blocos</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Questões Orientadoras</i>
I – Informação/ Legitimação da entrevista	1. Apresentação / motivação do entrevistado	1.1. Apresentação do objeto de estudo/objetivo s do projeto de investigação em curso	Trata-se de um estudo, desenvolvido na Universidade de Évora, no mestrado em Ciências da Educação. Tema: Aprendizagens no quotidiano das pessoas idosas. Serve a presente entrevista, para adquirir informação acerca do tema.
	2. Explicar os objetivos da entrevista	2.1. Fornecer informação sobre a finalidade, os objetivos, os conteúdos e a duração da entrevista;	Agradecer; É confidencial; Posso gravar?
	3. Garantir os	2.2. Referir o contexto da investigação e as metodologias.	Tem direito a não responder, se assim o entender; Alguma dúvida pode

	<p>aspectos éticos e deontológicos</p> <p>4. Estimular a participação do entrevistado</p>	<p>3.1. Agradecimento;</p> <p>3.2. Assegurar a confidencialidade;</p> <p>3.3. Pedir autorização para gravar;</p> <p>3.4. Informar sobre o direito à não resposta;</p> <p>3.5. Assegurar o esclarecimento de dúvidas.</p> <p>4.1. Realçar a importância dos contributos do entrevistado para a investigação;</p> <p>4.2. Solicitar que responda a todas as questões e que manifeste a opinião, mesmo que a mesma não tenha sido objeto de questão.</p>	<p>interromper.</p> <p>Os seus contributos são uma mais-valia para os resultados do presente estudo;</p> <p>Pode sempre manifestar a sua opinião ou relacionar outros temas que não lhe sejam questionados.</p>
<p>II- Caracterização</p>	<p>1. Recolher dados</p>	<p>1.1. Identificar Idade; estado civil;</p>	<p>Para iniciarmos esta nossa conversa, gostaria de o/a</p>

<p>o do entrevistado</p>	<p>sociodemográficos e informações sobre o percurso de vida dos sujeitos</p> <p>2. Caracterizar a situação profissional anterior e atual</p> <p>3. Convidar à descrição do seu quotidiano</p>	<p>nº filhos; nível de escolaridade do entrevistado;</p> <p>1.2. Caracterizar o percurso de vida (pessoal, escolar, profissional)</p> <p>2.1. Caracterizar a situação profissional atual; última profissão; entrada na reforma, planeamento da mesma.</p> <p>3.1. Caracterizar todas as dimensões do quotidiano do entrevistado</p>	<p>conhecer um pouco e para isso gostaria que me falasse um pouco de si.</p> <p>Que idade tem?</p> <p>Estado Civil?</p> <p>Tem filhos?</p> <p>Onde nasceu?</p> <p>Qual o seu grau de escolaridade?</p> <p>Que profissão exercia antes de se reformar?</p> <p>Há quanto tempo se reformou?</p> <p>Quer falar um pouco do seu percurso profissional?</p> <p>Habitualmente como é o seu dia?</p> <p>Como passa o seu dia, desde o levantar ao deitar?</p> <p>Descreva as atividades que realizou nas últimas 3-4 semanas?</p> <p>Essas atividades fazem parte do seu quotidiano?</p> <p>Realizou-as sozinho ou</p>
---------------------------------	---	---	---

			<p>acompanhado? Onde foram realizadas? Envolveram algum desafio para si? Ou não envolveram qualquer desafio? Essas atividades foram de carácter mental, físico, cognitivo?</p> <p>No dia-a-dia, costuma estar com a sua família? E com os amigos? Nas últimas 3 - 4 semanas quantas vezes esteve com a sua família, amigos? Quantas vezes foi ao exterior? Quantas vezes participou nas atividades desenvolvidas no lar?</p>
	4. Descrever os relacionamentos sociais	4.1. Verificar a frequência e a qualidade das relações sociais	<p>Há quanto tempo está neste Lar? Quais foram os motivos que o/a trouxeram para o Lar. Gosta de estar na instituição?</p>

	<p>5. Caracterizar o processo da institucionalização</p>	<p>5.1. Conhecer as razões que levaram à institucionalização;</p> <p>5.2. Avaliar se a vida do idoso institucionalizado continua ativa;</p> <p>5.3. Caracterizar a vida diária dos idosos dentro da instituição e a vida dos idosos que ainda não estão institucionalizados.</p>	<p>O que melhorou na sua vida com a vinda para o Lar?</p> <p>Pode dizer-se que a sua vida se tornou mais ativa após a sua entrada neste Lar?</p> <p>Porquê?</p> <p>Quais as aprendizagens mais significativas no seu dia-a-dia na instituição?</p> <p>Acha que as relações que estabelece com os outros idosos são uma mais-valia para novas aprendizagens?</p>
<p>III- Atividades desenvolvidas / Aprendizagens adquiridas</p>	<p>1. Caracterizar as atividades, percebendo de que forma as novas rotinas criadas decorrentes da participação nas atividades envolvem aprendizagens, e quais foram essas</p>	<p>1.1. Identificar atividades que proporcionam aprendizagens diárias aos idosos, institucionalizados ou não.</p> <p>1.2. Caracterizar as atividades</p>	<p>Das atividades que costumam ser realizadas no lar, em quais participa mais? Porquê?</p> <p>Descreva algumas dessas atividades.</p> <p>Com que frequência este tipo de atividades são realizadas?</p> <p>Está satisfeito/a com as atividades propostas?</p> <p>Onde são essas atividades?</p>

	aprendizagens adquiridas.	que proporcionam aprendizagens diárias aos idosos, institucionaliza dos ou não.	<p>Com quem?</p> <p>Costuma sugerir algum tipo de atividades que gostasse de participar? Se sim, as suas sugestões são levadas em conta pelos profissionais do Lar?</p> <p>Que técnicos especializados existem na instituição, nas atividades lúdico-recreativas e educativas?</p> <p>Considera que a participação dos idosos neste tipo de atividades é benéfico?</p> <p>Acha que as atividades contribuem para melhorar a vossa qualidade de vida?</p> <p>Acha que as atividades desenvolvidas lhe trazem novas aprendizagens?</p> <p>Se sim, quais?</p> <p>Neste mês, por exemplo, que atividades lhe proporcionaram mais aprendizagens?</p>
IV– Notas finais	<p>1. Agradeci mento</p> <p>2. Sugestões</p>	<p>1.1. Agradecime nto aos idosos pela disponibilidade e</p>	

	e questões do entrevistado	pela colaboração no estudo;	
	3. Disponibilizar futuro acesso aos dados	1.2. Verificar se pretende acrescentar alguma informação, esclarecer alguma dúvida ou fazer comentários	
		1.3. Informar da possível disponibilização dos resultados finais do estudo, caso o entrevistado esteja interessado em conhecê-los.	

Apêndice 2 – Tabelas Análise de conteúdo

Legenda:

Idosos Institucionalizados meio urbano

Idosos Institucionalizados meio rural

Idosos não institucionalizados meio urbano

Idosos não institucionalizados meio rural

Categoria A- Dimensão Profissional

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Indicadores</i>
A.1. Momento do início do percurso profissional	Quando ocorreu	E2.1.2 – “ (...) até aos 36 anos (...) ” E2.1.10 – “Depois aos 19 anos (...) ” E9.1.5 – “Comecei em 55 (...)” E14.1.5 – “Quando comecei a trabalhar (...) ” E14.1.6 – “ (...) era novo (...) ” E15.1.4 – “Comecei aos 14 anos na Portucel em Mourão (...) ” E15.1.5 – “ (...) depois estive cá até aos 20 anos (...) ”
	Onde ocorreu	E1.1.5 – “ (...) fui para a marinha (...) ” E2.1.11 – “ (...) fui para Évora (...) ” E3.1.4 – “Foi sempre em casa a fazer as lidas da casa.” E4.1.4 – “Comecei num escritório particular (...) ” E5.1.4 – “Fiz a minha profissão corri Portugal e seca e meca e vale de Santarém (...) ” E5.1.5 – “ (...) ia lá para fora também.” E12.1.3 – “Eu trabalhei em Reguengos de Monsaraz à de um agrário (...)”
	Com quem ocorreu	E2.1.9 – “ (...) o meu mestre era um mestre bom (...) ” E6.1.1 – “Eu aprendi a ser moleiro com o meu pai e assim continuei.” E13.1.4 – “ (...) numa casa de ferreiro (...) ” E13.1.5 – “ (...) depois passei para o Medinas (...) ” E14.1.7 – “ (...) andava com homens (...)”

		E14.1.8 – “ (...) em vez de terem lá uma pessoa, um homem adulto lá a trabalhar para ir à água e fazer o lume (...) ”
	Como ocorreu	<p>E1.1.6 – “ (...) enquanto lá estava abriu concurso para enfermeiro eu concorri e fui admitido (...) ”</p> <p>E2.1.4 – “ (...) como empregado (...) ”</p> <p>E2.1.5 – “ (...) depois cheguei a patrão (...) ”</p> <p>E2.1.7 – “ (...) comecei aprender a sapateiro (...) ”</p> <p>E2.1.8 – “ (...) aprendi 4 anos (...) ”</p> <p>E2.1.12 – “ (...) quando vim da tropa (...) ”</p> <p>E2.1.13 – “ (...) comecei a trabalhar em casa de colegas sapateiros e fui desenvolvendo (...) ”</p> <p>E2.1.14 – “ (...) foi aos 22 anos que comprei umas ferramentas de outro senhor que já tinha sido sapateiro (...) ”</p> <p>E2.2.15 – “ (...) dali ergui a trabalhar na minha casa. ”</p> <p>E3.1.2 – “Trabalhei sempre em casa a fazer as lidas da casa.”</p> <p>E4.1.5 – “ (...) tive lá por volta de 4 anos (...) ”</p> <p>E4.1.6 – “ (...) depois fui para o estado (...) ”</p> <p>E4.1.7 – “ (...) com muitos concursos sempre a concorrer consegui entrar no quadro (...) ”</p> <p>E4.1.8 – “ (...) depois fui subindo (...) ”</p> <p>E4.1.9 – “ (...) sempre através de concursos.”</p> <p>E9.1.6 – “ (...) onde tive dois empregos à escolha (...) ”</p> <p>E9.1.7 – “ (...) o banco ou a polícia (...) ”</p> <p>E9.1.8 – “ (...) na altura o banco não tinha reforma, a polícia tinha eu fui para a polícia (...) ”</p> <p>E10.2.7 – “ (...) como naquele tempo havia possibilidade de se entrar, fui para a segurança social (...) ”</p> <p>E11.1.4 – “Comecei a trabalhar, na altura era fácil as colocações e fiquei logo colocada na minha terra.”</p> <p>E13.1.3 – “Comecei como aprendiz (...) ”</p> <p>E10.2.7 – “ (...) como naquele tempo havia possibilidade de se entrar, fui para a segurança social (...) ”</p> <p>E10.2.8 – “ (...) onde estive o resto do tempo até me reformar.”</p> <p>E11.1.5 – “ (...) estive lá dois anos (...) ”</p> <p>E12.1.4 – “ (...) depois fizeram me o convite de ir para o banco (...) ”</p> <p>E12.1.5 – “ (...) estudei (...) ”</p>

		<p>E12.1.6 – “ (...) porque se não não podia aceitar (...)”</p> <p>E12.1.7 – “ (...) deixei logo o senhor lá de <u>reguengos.</u>”</p> <p>E13.1.6 – “ (...) tive lá 4 ou 5 anos (...)”</p> <p>E13.1.7 – “ (...) depois passei para a Portucel.”</p> <p>E14.1.9 – “ (...) fui para a tropa (...)”</p> <p>E14.1.10 – “ (...) quando vim exerci a pintura (...)”</p> <p>E14.1.11 – “ (...) fui para a fábrica aqui em Mourão trabalhar (...)”</p> <p>E14.1.12 – “ (...) depois chegou ao fim dos 3 anos era para ficar (...)”</p> <p>E14.1.13 – (...) terminou o tempo (...)”</p> <p>E14.2.14 – “ (...) lá arranjei para ir para a Suíça (...)”</p> <p>E14.2.15 – “ (...) o resto dos anos foram lá na Suíça (...)”</p> <p>E14.2.16 – “ (...) quando voltei foi para me reformar.”</p> <p>E16.1.5 - “ (...) fazia bolos para fora (...)”</p> <p>E16.1.6 – “ (...) só há dois anos é que deixei de fazer.”</p> <p>E16.1.7 – “ (...) abri um pronto-a-vestir cá em Mourão (...)”</p> <p>E16.1.8 – (...) estive lá durante muitos anos (...)”</p> <p>E16.1.9 – “ (...) vendia roupa boa.”</p> <p>E16.1.10 – “Depois aquilo deixou de dar (...)”</p> <p>E16.1.11 – “ (...) dediquei me aos doces (...)”</p> <p>E16.1.12 – “ (...) até dei formação de doçaria.”</p>
A.2. Função Profissional	Artesanato	<p>E2.1.1 – “ (...) <i>sapateiro</i> (...)”</p> <p>E16.1.4 – “Era doceira.”</p>
	Agricultura	E8.1.1 – “Sempre trabalhei no campo.”
	Indústria	<p>E13.1.1 – “Empregado geral conservação da mecânica da Portucel. ”</p> <p>E14.1.1 - “A minha profissão de sempre era a pintura.”</p> <p>E15.1.1 – “ (...) operária fabril.”</p> <p>E15.1.2 – “46 anos.”</p>
	Função Pública	<p>E1.1.1 – “ <i>Era enfermeiro. Na marinha</i> (...) ”</p> <p>E1.1.3 – “ (...) <i>tive duas profissões</i> (...) ”</p> <p>E4.1.1 – “<i>Era funcionária pública.</i>”</p> <p>E4.1.2 – “ (...) <i>administrativa na direção geral dos edifícios e monumentos nacionais.</i>”</p>

		<p><u>E9.1.1 – “Funcionário público (...)”</u> <u>E9.1.2 – “ (...) na PSP (...)”</u> <u>E10.1.1 - “Funcionária pública.”</u> <u>E10.1.2 – “ (...) na segurança social.”</u> <u>E11.1.1 – “Era professora do primeiro ciclo.”</u></p>
	Outros	<p><i>E3.1.1 – “Fui doméstica.”</i> E5.1.1 – “Motorista.” E7.1.2 - “Era doméstica.” <u>E12.1.1 – “Empregado Bancário.”</u></p>
A.3. Episódios Significativos	Emigração	<p>E6.1.4 – “Cá em Portugal as coisas foram sempre as mesmas (...)” E6.1.5 – “ (...) mas eu tive na Suíça (...)” E14.1.2 – “ (...) mas depois fui me embora para a Suíça (...)”</p>
	Serviço Militar	<p><i>E2.1.12 – “ (...) quando vim da tropa (...)”</i> <i>E14.1.9 – “ (...) fui para a tropa (...)”</i></p>
	Mobilidade Geográfica	<p><i>E1.1.2 – “ (...) depois de me reformar da marinha, continuei a exercer no centro de saúde da Cruz de Pau (...)”</i> <i>E2.1.3 – “ (...) vim para Évora vim para o café Alentejo (...)”</i> <u>E9.1.3 - “ (...) em Lisboa e em Évora (...)”</u> <u>E9.1.9 – “ (...) estava cá em Évora destacado (...)”</u> – <u>E9.1.10 – “ (...) não me deixavam abalar daqui e eu também não queria (...)”</u> <u>E11.1.3 - “ Acho que corri o distrito todo.”</u> <u>E11.1.6 – “ (...) depois casei e vim para Beja (...)”</u> – <u>E11.1.7 – “ (...) de Beja viemos para Évora (...)”</u> <u>E11.1.8 – “ (...) corri aqui as terras todas a dar aulas.”</u> E15.1.6 - “ (...) casei e fui para Albarraque (...)” E15.1.8 – “ (...) depois quando a minha filha nasceu (...)”</p>
	Alteração profissional	<p>E6.1.6 – “ (...) primeiro quando fui, fui para a agricultura (...)” E6.1.7- “ (...) depois mudei para a construção (...)” <u>E10.1.5 – “ Quando vim de Lisboa não tinha colocação na polícia, porque em Lisboa no comando geral da PSP havia senhoras e senhores</u></p>

		<p>a trabalhar, mas nos comandos distritais só havia homens.”</p> <p><u>E10.2.6</u> – “ (...) então fui para o desemprego (...) ”</p> <p>–</p> <p>E14.1.3 – “ (...) lá trabalhava com máquinas de alcatrão.”</p> <p>E15.1.7 – “ (...) tive um ano ainda na Portucel (...) ”</p> <p>E15.1.9 - “ (...) mudei me para a Tabaqueira (...) ”</p> <p>E15.1.10 – “ (...) a fábrica de tabaco (...) ”</p> <p>E15.1.11 – “ (...) e fiquei lá até me reformar.”</p>
<p>A.4. Momento da Reforma</p>	<p>Há quanto tempo aconteceu o momento da reforma</p>	<p>E1.1.4 – “Reformei me com 66 anos penso eu (...) ”</p> <p>E2.1.6 – “ (...) reformei me com 42 anos.”</p> <p>E3.1.3 – “não me reformei como não descontei.”</p> <p>E4.1.3 – “ (...) 21 anos.”</p> <p>E5.1.2 – “Tinha 65 anos.”</p> <p>E5.1.3 – “Há 27 anos.”</p> <p>E6.1.2 – “Reformei me em 65.”</p> <p>E6.1.3 – “Há 49 anos.”</p> <p>E8.1.2 - “Não sei.”</p> <p><u>E9.1.4 – “24 anos. ”</u></p> <p><u>E10.1.3 – “ Em 1993.”</u></p> <p><u>E10.1.4 – “Há 22 anos.”</u></p> <p><u>E11.1.2 – “Há 12 anos.”</u></p> <p><u>E12.1.2 – “21 ano.”</u></p> <p>E13.1.2 – “12 anos.”</p> <p>E14.1.4 – “Há 1 ano.”</p> <p>E15.1.3 – “7 anos.”</p>

Categoria B – Quotidiano

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Indicadores</i>
B.1. Dimensões do quotidiano atual	O que fazem	<p><i>E1.1.7 – “(...) levanto me, faço a minha higiene (...)”</i></p> <p><i>E1.1.8 – “(...) enquanto não vem agarro no Tablet vou ver o tempo (...)”</i></p> <p><i>E1.1.9 – “(...) primeiro é o tempo (...)”</i></p> <p><i>E1.1.10 – “(...) depois vou ver as notícias no correio da manhã, no diário de notícias.”</i></p> <p><i>E1.2.11 – “A seguir ao pequeno almoço vou dar um voltinha lá fora (...)”</i></p> <p><i>E1.2.12 – “(...)depois regresso vou ler um bocadinho (...)”</i></p> <p><i>E2.1.16 – “(...) levanto me faço as minhas necessidades (...)”</i></p> <p><i>E2.2.17 – “Depois venho tomar o pequeno almoço (...)”</i></p> <p><i>E2.2.20 – “ (...) e assim passo o meu tempo(...)”</i></p> <p><i>E3.1.5 – “(...) levanto me (...)”</i></p> <p><i>E3.1.6 – “(...) vou à casa de banho, lavar a cara, pentear, lavar os dentes (...)”</i></p> <p><i>E3.1.7 – “Depois visto me (...)”</i></p> <p><i>E3.1.8 – “(...) faço a minha cama (...)”</i></p> <p><i>E3.1.9 – “(...) arrumo o quarto (...)”</i></p> <p><i>E3.1.10 – “ (...) ponho a roupa em condições (...)”</i></p> <p><i>E3.1.11 – “(...) só depois é que vou tomar o pequeno almoço (...)”</i></p> <p><i>E4.1.10 – “(...) é levantar (...)”</i></p> <p><i>E4.1.11 – “(...) fazer a higiene (...)”</i></p> <p><i>E4.1.12 – “(...) tomar o pequeno almoço (...)”</i></p> <p><i>E4.1.13 – “(...) depois fazem se umas atividadeszinhas (...)”</i></p> <p><i>E4.1.14 – “Converso com as amigas (...)”</i></p> <p><i>E4.1.15 – “(...) ler (...)”</i></p> <p>E5.1.6 – “(...) levanto me da manhã(...)”</p> <p>E5.1.7 – “(...)bebo o café (...)”</p> <p>E5.1.9 – “(...) é assim que passo.”</p> <p>E6.1.8 – “(...) levanto me (...)”</p> <p>E6.1.9 - “(...) tomo banho (...)”</p> <p>E7.1.3 - “Cá no lar nada (...)”</p> <p>E7.1.4 – “(...) cá no lar não se faz nada.”</p> <p>E7.1.5 – “Estamos aqui o dia inteiro sem fazer nada.”</p>

E8.1.3 – “Olhe o que calhar na volta (...)”
E8.1.4 – “(...) eu não me nego a nada.”
E9.2.11 – “(...) não me levanto muito cedo (...)”
E9.2.16 – “(...) vejo televisão (...)”
E9.2.19 – “Faço parte da direção (...)”
E9.2.20 – “(...) sou o tesoureiro.”
E9.2.21 – “(...) já fui tesoureiro de vários clubes (...)”
E10.2.9 – “(...) faço muitas coisas (...)”
E10.2.10 – “(...)eu digo que sou a moça dos mandados (...)”
E10.2.11 – “(...) agora já não temos filhos pequenos(...)”
E10.2.12 – “(...) levanto me (...)”
E10.2.13 – “(...) não temos horas de deitar nem de levantar(...)”
E10.2.14 – “(...) quando há programas de televisão até tarde que nos agrada ficamos a ver (...)”
E10.2.15 – “(...) ficamos até mais tarde.”
E10.2.16 – “(...) de manhã raramente saio de casa(...)”
E10.2.17 - “(...) preparo o almoço (...)”
E10.2.18 – “ (...) arrumo as coisas aqui por casa.”
E10.2.29 – “(...) se tiver alguma coisa limpo (...)”
E10.2.30 – “(...) é muito engraçado porque entram lá um grupo de turistas franceses (...) falo francês (...) aparece um grupo inglês dou as indicações em inglês, a seguir vem um grupo espanhol falo espanhol, quer dizer falo as línguas todas.”
E10.2.31 – “ (...) dizem assim, nunca tínhamos visto uma empregada de limpeza a falar tantas línguas (...)”
E10.2.32 – “(...) como estou com a vassoura na mão (...)”
E10.2.33 – “(...) pensam que sou eu a empregada(...)”
E11.1.9 – “ (...) tenho serviço da casa para fazer (...)”
E12.1.8 – “ se tiver na minha casa faço o almoço, gosto muito de cozinhar (...)”
E12.1.9 - “ (...) tomo o banho (...)”
E14.2.17 – “De roda dos bichos (...)”
E14.2.18 – “Vou logo de manhã ver das cabras e das ovelhas (...)”
E14.2.19 – “(...) depois entretenho me a fazer coisas que são precisas (...)”

		<p>E14.2.20 – “(...) normalmente estou nos bichos (...)”</p> <p>E14.2.21– “ Faço o queijos.”</p> <p>E15.1.12 – “As atividades de casa todos os dias (...)”</p> <p>E15.1.15 – “(...) faço renda.”</p> <p>E16.1.13 – “(...) é ir para a cozinha fazer o almoço, para o meu marido, meu filho e meu neto .”</p> <p>E16.1.14 – “(...) arrumar a casa.”</p> <p>E16.1.16 – “(...) umas vezes a ler (...)”</p> <p>E16.1.17 – “(...) outras a ver televisão (...)”</p> <p>E16.1.18– “(...) e outras a dormir.”</p>
	Quando fazem	<p>E3.1.14 – “ (...) por volta das 12:30h vou para o refeitório.”</p> <p>E2.2.22 – “(...) às 4 horas venho tomar o chazinho das 4(...)”</p> <p>E2.2.23 – “ (...) às 7 volto outras vezes para o jantar (...) ”</p> <p>E2.2.24 – “(...)depois ficamos no salão a ver a televisão até me ir deitar.”</p> <p>E6.1.10 - “ (...) às 9h venho par baixo tomo o pequeno-almoço.”</p> <p>E6.1.11 - “Ao meio dia é o almoço (...) ”</p> <p>E6.1.12 - “ (...) às 6h o jantar.”</p> <p>E8.1.5 – “ Sabe o que fiz agora esfreguei os tachos de cobre (...) ”</p> <p><u>E9.2.14 – “ (...) regresso tomo o pequeno-almoço (...)”</u></p> <p><u>E9.2.15- “ (...) à tarde vou beber o cafezinho da tarde (...)”</u></p> <p><u>E10.2.19 – “(...) depois de almoço é que vou à rua(...)”</u></p> <p><u>E10.2.20– “(...) vou ao banco tratar de assuntos do clube da pesca (...)”</u></p> <p><u>E10.2.21 – “ (...) meter o Euro milhões (...) ”</u></p> <p><u>E10.2.22 – “(...) fazer compras(...)”</u></p> <p><u>E10.2.34 – “Quando lá vai o senhor Arcebispo e quando há lá festas ma igreja eu é que trato de tudo.”</u></p>
	Onde fazem	<p>E2.2.18 – “ (...) vou para cima para o salão azul estendo me lá numa cadeira que pareço um lorde (...) ”</p> <p>E2.2.19 – “ (...) às vezes vou ali ver as ovelhas da quinta (...) ”</p> <p>E2.2.21 – “ (...) depois almoço em acabando de</p>

		<p><i>almoçar vou novamente mais a minha senhora lá para o salão (...) ”</i></p> <p><i>E3.1.12 – “ (...) a seguir ao pequeno-almoço volto para o quarto e sento me no meu cadeirão com os pés ao sol.”</i></p> <p><i>E3.1.13 – “ (...) fico lá até à hora de almoço (...)”</i></p> <p><i>E3.1.15 – “A seguir ao almoço dou uma passagem à volta do prédio”</i></p> <p>E5.1.8 – “ (...) depois venho aqui para a mesa outras vezes vou ali para o café.”</p> <p>E5.1.10 – “ Às vezes vou a reguengos (...) ”</p> <p>E5.1.11 – “ (...) estou lá um dia, dois ou três, tenho lá casa (...) ”</p> <p>E8.1.6 – “ (...) fomos ali para o quintal que fizemos esse trabalho.”</p> <p><u>E9.2.12 – “ (...) vou ao café (...) ”</u></p> <p><u>E9.2.13 – “ (...) vou ao pingo doce (...) ”</u></p> <p><u>E9.2.17 – “ (...) vou até ali ao clube da pesca à segunda e à quinta (...)”</u></p> <p><u>E9.2.18 – “ (...) há lá reunião com os outros diretores.”</u></p> <p><u>E10.2.23 – “Vou à igreja ver como estão as coisas (...)”</u></p> <p><u>E10.2.24 – “(...) vejo o que é preciso fazer (...)”</u></p> <p><u>E10.2.25 – “(...) trato dos casamentos (...)”</u></p> <p><u>E10.2.26 – “(...) das limpezas (...)”</u></p> <p><u>E10.2.27 – “(...) vou ver se a senhora limpa ou não.”</u></p> <p><u>E10.2.28 – “Vou abrir a porta às floristas.”</u></p> <p><u>E11.1.13 – “ Muitos dias estou ocupada aqui com coisas do grupo (...) ”</u></p> <p><u>E11.1.14 – “ (...) venho para cá fazer a comida.”</u></p> <p>E15.1.13 – “(...) vou para a associação fazer ginástica quando sou em Albarraque (...)”</p> <p>E15.1.14 – “ (...) quando estou em Mourão vou à hidroginástica (...) ”</p> <p>E16.1.15 – “(...) da parte da tarde é aqui sentadinha (...)”</p>
<p>B.2. Rotinas Diárias</p>	<p>Frequência</p>	<p><i>E1.2.13 – “ (...) tenho uma rotina (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.14 – “ (...) de manhã faço todos os dias o mesmo (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.19 – “ (...) não passo um dia sem as fazer.”</i></p> <p><i>E2.2.27 – “ Sim.”</i></p> <p><i>E3.1.20 – “Sim, todos os dia faço isto.”</i></p> <p><i>E4.1.20 – “Fazem parte do meu dia-a-dia.”</i></p> <p><u>E9.2.22 – “Sim, sim.”</u></p>

	<p><u>E10.2.35 – “Fazem, fazem (...)”</u></p> <p><u>E10.2.36 – “ (...) o meu marido que o diga quando são os casamentos (...)”</u></p> <p><u>E10.2.37 – “ (...) então vou para lá de manhã e venho de lá à tarde.”</u></p> <p><u>E10.2.39 - “ (...) até inventei uma máquina para dobrar a carpete da igreja (...)”</u></p> <p><u>E10.2.40 - (...) porque sozinha não conseguia.”</u></p> <p><u>E11.1.10 – “De manhã normalmente vou ao ginásio (...)”</u></p> <p><u>E11.1.16 – “Exatamente.”</u></p> <p><u>E15.2.17 – “Sim, sim (...)”</u></p>
--	---

Categoria C – Relacionamentos

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Indicadores</i>
C.1. Relações que estabelecem uns com os outros	Relações com os restantes utentes	<p><i>E1.2.20 – “Normalmente é sozinho (...)”</i> <i>E1.2.21 – “ (...) às vezes vou com outros utentes mas eles não me conseguem acompanhar no passo (...)”</i> <i>E1.2.22 – “ (...) então vou sozinho.”</i> <i>E1.3.54 – “É, é acho que sim claro.”</i> <i>E2.2.28 – “ (...) minha esposa (...)”</i> <i>E2.3.48 – “Somos todos amigos (...)”</i> <i>E2.3.49 – “ (...) nós estamos sempre aprender uns mo os outros.”</i> <i>E3.1.21 – “As duas coisas (...)”</i> <i>E3.1.22 – “ (...) depende se as minhas amigas querem ir ou não.”</i> <i>E3.3.48 – “Sim é bom.”</i> <i>E3.3.49 – “Nós estamos aqui todos juntos somos uma família,”</i> <i>E4.1.21 – “A leitura sozinha (...)”</i> <i>E4.1.22 – “ (...) mas as outras acompanhadas (...)”</i> <i>E4.3.50 – “ (...) aprendemos uns com os outros (...)”</i> <i>E4.3.51 – “ (...) porque cada vida é uma vida.”</i></p> <p>E6.2.35 – “ (...) depende das situações (...)” E6.2.36 – “Mas normalmente sim.” E7.1.6 – “Tenho visitas de amigos (...)” E7.1.7 – “ (...) e de um sobrinho.” E7.2.21 – “Sim.” E8.2.22 – “São todas minhas amigas (...)” E8.2.23 – “ (...) aprendemos umas com as outras” <u>E9.2.23 – “Os amigos telefonam (...)”</u> <u>E9.2.24 – “ (...) quando é para a pesca às 5 da manhã vêm me buscar e vou aos concursos.”</u> <u>E10.2.38 – “Normalmente sozinha.”</u> <u>E10.2.55 – “Todos os dias.”</u> <u>E11.1.17 – “Quase sempre acompanhada.”</u> E13.1.17 – “Realizo as minhas atividades sempre acompanhado.” E14.2.24 – “Normalmente sozinho.” E14.2.25 - “ (...) a mulher às vezes vai mas é só para fazer companhia.”</p>

		E15.2.18 - “ (...) lá há mais pessoas.” E16.2.29 - “Sempre acompanhada.”
C.2. Relações com a família	Quantas vezes esteve com a família	<p><i>E1.2.34 - “ (...) no sábado vamos sempre almoçar fora (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.35 - “ (...) domingo almoçamos em casa do meu filho (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.36 - “Fui também passar o Natal e o Ano Novo (...) ”</i></p> <p><i>E2.3.35 - “ (...) fui passar o Natal a casa do meu filho e da minha filha (...) ”</i></p> <p><i>E3.2.29 - “ (...) eles vêm cá quase todos os dias. ”</i></p> <p><i>E4.2.33 - “Quase todos os dias (...) ”</i></p> <p><i>E4.2.34 - “ (...) todos os dias não digo (...) ”</i></p> <p><i>E4.2.35 - “ (...) mas quase sempre. ”</i></p> <p>E5.2.18 - “ (...) elas vêm cá todas as semanas.”</p> <p>E6.2.18 - “ (...) 3 vezes.”</p> <p>E7.1.9 - “Todas as semanas com os amigos, o sobrinho é que normalmente é só uma vez por mês.”</p> <p>E8.1.7 - “Tenho cá a visita deles todos.”</p> <p>E8.1.8 - “Não sei.”</p> <p>E8.2.16 - “Mas eles vêm cá todos (...) ”</p> <p><u>E10.2.55 - “Todos os dias.”</u></p> <p><u>E11.2.24 - “Todos os dias.”</u></p> <p>E15.2.25 - “Todos os dias.”</p> <p>E16.1.1 - “Todos os dias (...) ”</p>
	Quando e com quem está	<p><i>E1.2.30 - “ Sim, principalmente ao fim de semana (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.31 - “ (...) mais com o meu filho que é quem cá está. ”</i></p> <p><i>E1.2.32 - “As minha netas estão fora (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.33 - “Todos os fins-de-semana (...) ”</i></p> <p><i>E2.3.34 - “ (...) meus filhos, mulheres, minhas sobrinhas (...) ”</i></p> <p><i>E3.2.28 - “ (...) às vezes vou lá a casa (...) ”</i></p> <p><i>E4.2.30 - “Adoro estar com a minha família.”</i></p> <p><i>E4.2.31 - “Sempre que eles podem vêm sempre cá.”</i></p> <p><i>E4.2.32 - “Ultimamente eu tenho saído pouco por causa da minha saúde.”</i></p> <p>E5.2.15 - “Agora estou menos (...) ”</p> <p>E5.2.16 - “ (...) o rapaz está na suíça e os filhos dele estão na Inglaterra, as filhas é que cá estão.”</p> <p>E5.2.17 - “Às vezes vou lá passar fins-de-semana (...) ”</p>

		<p>E6.2.17 – “Só quando me vêm visitar.”</p> <p>E7.1.8 – “ (...) um sobrinho.”</p> <p>E16.1.2 – “ (...) o meu filho e o meu neto vêm cá almoçar todos os dias (...) ”</p> <p>E16.1.3 – “ (...) nora e a neta é só ao fim de semana.”</p> <p>E13.2.38 – “Com o meu filho estou todos os dias (...) ”</p> <p>E13.2.39 – “ (...) com a minha filha é que estou menos ela está ausente, trabalha fora.”</p>
C.3. Saídas ao exterior	Quantas vezes foi ao exterior com a sua família	<p><i>E1.2.37 – “Sempre que tive com o meu filho foi for do lar. ”</i></p> <p><i>E2.3.36 – “Só no Natal.”</i></p> <p><i>E3.2.30 – “ (...) 2/3 vezes (...) ”.</i></p> <p><i>E3.2.31 – “ (...), foi no Natal e no Ano Novo. ”</i></p> <p><i>E4.2.36 – “Sai no Natal (...) ”</i></p> <p><i>E4.2.37 – “ (...) fui almoçar com os meus filhos e com os meus netos a asa da minha filha. ”</i></p> <p>E5.2.19 – “ (...) 3 ou 4 vezes.”</p> <p>E7.1.10 – “Não sei bem (...) ”</p> <p>E7.1.11 – “ (...) foram algumas (...) ”</p>
	Quantas vezes saiu de casa	<p><u>E9.2.41 – “Todos os dias ai é que não falha.”</u></p> <p><u>E10.3.56 – “Todos os dias (...) ”</u></p> <p><u>E10.3.57 – “ (...) raramente há um dia em que não saio.”</u></p> <p><u>E11.2.25 – “Todos os dias.”</u></p> <p><u>E12.1.10 - “Todos os dias tenho que sair de casa (...)”</u></p> <p><u>E12.1.11 – “ (...) lá não sou capaz de me concentrar.”</u></p> <p>E13.2.40 – “Todos os dias.”</p> <p>E16.2.41 – “Nem por isso.”</p>

Categoria D – Institucionalização/ Participação no grupo

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Indicadores</i>
D.1. Momento de entrada no lar	Há quanto tempo está no lar	<p><i>E1.3.42 – “ (...) 3 anos (...) ”</i></p> <p><i>E2.3.38 – “ (...) 4 anos (...) ”</i></p> <p><i>E3.2.33 – “Se quer que lhe diga não sei.”</i></p> <p><i>E3.2.34 – “ (...) mas ai uns 3 anos.”</i></p> <p><i>E4.2.39 – “Dois anos (...) ”</i></p> <p><i>E4.2.40 – “ (...) fez dois anos no dia de Natal.”</i></p> <p>E5.2.20 – “ (...) 5 anos.”</p> <p>E6.2.20 – “Há 5 anos (...) ”</p> <p>E7.1.13 – “7 meses.”</p> <p>E8.1.11 – “Ainda não fez um ano.”</p>
	Razões pelas quais foi para o lar	<p><i>E1.3.43 – “ (...) a doença da minha mulher (...) ”</i></p> <p><i>E1.3.44 – “ (...) eu na altura não necessitava de cá estar.”</i></p> <p><i>E2.3.39 – “Nessa altura estava doente (...) ”</i></p> <p><i>E2.3.40 – “ (...) tinha condições financeiras para vir para cá (...) ”</i></p> <p><i>E3.2.35 – “Eu tinha uma mulher em casa e ela teve que sair, foi para a terra dela.”</i></p> <p><i>E3.2.36 – “Então a solução foi vir para o lar (...) ”</i></p> <p><i>E4.2.41 – “ (...) o meu marido faleceu (...) ”</i></p> <p><i>E4.2.42 – “ (...) e eu não podia estar sozinha (...) ”</i></p> <p><i>E4.2.43 – “ (...) tinha receio pela minha saúde. ”</i></p> <p>E5.2.21 – “O primeiro logo foi não ter mulher (...) ”</p> <p>E5.2.22 – “ (...) o segundo as minhas filhas estavam empregadas (...) ”</p> <p>E5.2.23 – “ (...) maneira que não havia assim muita disponibilidade.”</p> <p>E5.2.24 – “ (...) estava assim numa situação que não estava bem (...) ”</p> <p>E5.2.25 – “ (...) então elas trataram de tudo e vim para aqui.”</p> <p>E6.2.21 – “ (...) desde de dia 4 de janeiro de 2010.”</p> <p>E6.2.22 – “ (...) a minha mulher ficou doente (...) ”</p> <p>E6.2.23 – “ (...) e veio logo para cá.”</p> <p>E6.2.24 – “ (...) as minhas filhas não podiam cuidar de mim (...) ”</p>

		<p>E6.2.25 – “ (...) estava sozinho em casa (...) ”</p> <p>E6.2.26 – “ (...) comecei a ter problemas de saúde (...) ”</p> <p>E6.2.27 – “ (...) elas não queriam que eu lá estivesse sozinho.”</p> <p>E7.1.14 – “Porque tive um AVC (...) ”</p> <p>E7.1.15 – “ (...) não podia estar sozinha a perna esquerda não mexia (...) ”</p> <p>E8.2.12 – “ (...) era viúva (...) ”</p> <p>E8.2.13 – “ (...) estava sempre sozinha (...) ”</p> <p>E8.2.14 – “ (...) as minhas filhas iam trabalhar (...) ”</p> <p>E8.2.15 – “ (...) então vim para cá.”</p>
D.2. Gosto por estar no lar	Porquê	<p><i>E1.3.45</i> – “Gosto, gosto.”</p> <p><i>E2.3.41</i> – “Muito (...) ”</p> <p><i>E3.2.37</i> - “Gosto, gosto, gosto (...) ”</p> <p><i>E3.2.38</i> – “ (...) se não gosta se não tinha vindo para cá (...) ”</p> <p><i>E4.2.44</i> – “Gosto (...) ”</p> <p>E6.2.27 – “Por acaso gosto, mas digo-lhe nada melhor que a nossa casa.”</p> <p>E7.1.16 - “Gosto estou acompanhada.”</p> <p>E8.2.17 – “Gosto.”</p>
D.3. Melhorias depois de ter entrado no lar	O que melhorou	<p><i>E2.3.42</i> – “Melhoraram muito (...) ”</p> <p><i>E2.3.43</i> – “ (...) eu vim para cá doente, estive doente durante algum tempo (...) ”</p> <p><i>E2.3.44</i> – “ (...) mas agora estou como um rapaz novo.”</p> <p><i>E4.2.45</i> – “No princípio pensei que estava de férias (...) ”</p> <p><i>E4.2.46</i> – “ (...) desde que o meu marido ficou doente tinha noites que não dormia (...) ”</p> <p><i>E4.2.47</i> – “ (...) melhorou.”</p> <p>E6.2.29 – “Fiquei mais descansado (...) ”</p> <p>E7.1.15 – “ (...) agora já está melhor.”</p>
	O que mudou	<p><i>E1.3.46</i> – “ (...) mais paz de espírito (...) ”</p> <p><i>E1.3.47</i> – “ (...) mais convívio (...) ”</p> <p><i>E3.2.39</i> – “Não mudou nada.”</p> <p><i>E3.2.40</i> – “A minha vida ficou igual (...) ”</p> <p><i>E3.2.41</i> – “ (...) tudo o que fazia em casa faço cá. ”</p> <p>E5.2.26 – “Nada.”</p> <p>E5.2.27 – “Nada de nada.”</p> <p>E6.2.30 – “ (...) estou sempre acompanhado.”</p> <p>E7.1.17 – “Olhe a minha saúde.”</p>

D.4. Frequência em grupo	Frequenta algum tipo de grupo	<p><u>E9.2.37 – “ (...) clube da pesca (...) ”</u></p> <p><u>E9.2.38 – “ (...) ao 22.”</u></p> <p><u>E9.2.39 – “É um grupo que há aqui há casa do Gabriel (...) ”</u></p> <p><u>E9.2.40 – “ (...) grupo de caça e pesca.”</u></p> <p><u>E10.3.54 – “ (...) neste momento não.”</u></p> <p><u>E11.2.23 – “Sim, cantares de Évora.”</u></p> <p><u>E12.1.18 – “ (...) cantares de Évora (...) ”</u></p> <p>E13.2.27 – “ (...) grupo da caça (...) ”</p> <p>E13.2.28 – “ (...) é um passatempo na minha vida (...) ”</p> <p>E13.2.30 – “ (...) somos 20 (...) ”</p> <p>E13.2.31 – “ (...) amigos que passamos muitas horas juntos (...) ”</p> <p>E13.2.32 – “ (...) somos uma família (...) ”</p> <p>E13.2.33 – “ (...) divertimo-nos.”</p> <p>E13.2.34 – “Brincamos (...) ”</p> <p>E13.2.35 – “ (...) aprendemos uns com os outros (...) ”</p> <p>E13.2.36 – “A caça é até à 1 da tarde e nós ficamos no convívio até às 6 – 7 da tarde (...) ”</p> <p>E13.2.37 – “ (...) a comer e a beber.”</p> <p>E14.2.33 – “Não”</p> <p>E15.2.22 – “Sim (...) ”</p> <p>E15.2.23 – “ (...) associação em Albarraque (...) ”</p> <p>E15.2.24 – “ (...) em Mourão pertença ao Apostolado de Oração. (...) ”</p> <p>E16.2.34 – “ (...) pertença a tudo o que é da igreja (...) ”</p> <p>E16.2.35 – “ (...) sou cursista (...) ”</p> <p>E16.2.36 – “ (...) zeladora (...) ”</p> <p>E16.2.37 – “ (...) do apostolado de oração (...) ”</p> <p>E16.2.38 – “ (...) pertença a muita coisa.”</p> <p>E16.2.39 – “Mas às reuniões já não vou muito (...) ”</p> <p>E16.2.40 – “ (...) já não sou capaz.”</p>
---------------------------------	-------------------------------	---

Categoria E – Vida ativa dos idosos

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Indicadores</i>
E.1. A vida ficou mais ativa depois de ter ido para o lar/grupo	Porquê	<p><i>E1.3.48 – “Sim sim e muito.”</i></p> <p><i>E1.3.49 – “Depois de me ter reformado aos 66 anos nunca mais fiz nada (...)”</i></p> <p><i>E1.3.50 – “ (...) estava sempre em casa sem fazer nada.”</i></p> <p><i>E1.3.51 – “Às vezes lá ia às compras ou ao pão e pronto.”</i></p> <p><i>E2.3.45 – “Muito melhor (...)”</i></p> <p><i>E3.2.42 – “Sim.”</i></p> <p><i>E3.2.43 – “No aspeto de andar, mexer (...)”</i></p> <p><i>E3.2.44 – “ (...) lá em casa tinha lá a mulher para fazer as coisas (...)”</i></p> <p><i>E3.2.45 – “ (...) ela é que tratava da casa.”</i></p> <p><i>E4.2.48 – “Sim as coisas que faço aqui não fazia em casa.”</i></p> <p>E5.2.28 – “Já teve mais ativa (...)”</p> <p>E5.2.29 – “ (...) hoje é uma coisa que vão os dias passando.”</p> <p>E6.2.31 – “Um bocadinho.”</p> <p>E6.2.32 – “ (...) aqui normalmente tenho sempre alguma coisa para fazer.”</p> <p>E7.2.18 – “ (...) eu agora não consigo fazer muita coisa porque não vejo muito bem (...)”</p> <p>E7.2.19 – “ (...) estou mais parada.”</p> <p>E8.2.19 – “Olhe eu gostava mais de estar lá em casa (...)”</p> <p>E8.2.20 – “ (...) porque tinha sempre coisas para fazer e aqui é só às vezes.”</p> <p><u><i>E9.2.42 – “Sem dúvida nenhuma.”</i></u></p> <p><u><i>E9.2.43 – “Se eu ficasse parado era um atrofiamento (...)”</i></u></p> <p><u><i>E9.2.44 – “ (...) assim falo (...)”</i></u></p> <p><u><i>E9.2.45 – “ (...) convívio (...)”</i></u></p> <p><u><i>E9.2.46 – “ (...) conta-se isto conta-se aquilo (...)”</i></u></p> <p><u><i>E9.2.47 – “ (...) é um desanuviamento de ideias.”</i></u></p> <p><u><i>E10.3.58 – “Muito mais ativa (...)”</i></u></p> <p><u><i>E10.3.59 – “ (...) se não tivesse estas atividades, eu estava aqui parva sem nada para fazer.”</i></u></p> <p><u><i>E10.3.60 – “Estas atividades ajudam a cabeça a pensar.”</i></u></p> <p><u><i>E11.2.26 – “Olhe já foi há tantos anos (...)”</i></u></p>

		<p><u>E11.2.27 – “ (...) já cá estou ai há 30 anos, mesmo quando estava a trabalhar já pertencia ao grupo (...)”</u></p> <p><u>E11.2.28 – “ (...) não foi só agora quando me reformei.”</u></p> <p><u>E11.2.29 – “Quando me reformei é que comecei a ter mais tempo para isto (...)”</u></p> <p><u>E11.2.30 – “ (...) para estar presente sempre que faço aqui falta.”</u></p> <p><u>E12.2.20 – “ (...) é uma área que nos diverte (...)”</u></p> <p><u>E12.2.21 – “ (...) estou sempre ocupado com coisas que tem de ser resolvidas.”</u></p> <p>E13.2.41 – “Sim (...)”</p> <p>E13.2.42 – “ (...) é uma maneira de convívio (...)”</p> <p>E13.2.43 – “ (...) mais ativo (...)”</p> <p>E13.2.44 – “ (...) temos sempre alguma coisa par fazer em prol do grupo e da associação (...)”</p> <p>E13.2.45 – “ (...) como tal torna-se mais ativa.”</p> <p>E15.2.25 – “Sinto me muito bem (...)”</p> <p>E15.2.26 – “ (...) sempre tive uma vida assim muito ativa (...)”</p> <p>E15.2.27 – “ (...) nunca fui parada (...)”</p> <p>E16.2.42 – “ (...) uma vez por ano as coisas da festa (...)”</p> <p>E16.2.43 – “Estou mais parada.”</p> <p>E16.2.46 – “É bom (...)”</p> <p>E16.2.47 – “ (...) conviver é bom.”</p> <p>E16.2.48 – “Estou sempre aprender (...)”</p> <p>E16.2.49 – “ (...) quando saio até fico mais bem-disposta.”</p>
--	--	--

Categoria F – Atividades desenvolvidas

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Indicadores</i>
F.1. Atividades realizadas	Quais foram as atividades que realizou	<p><i>E1.2.15 – “ (...) descobertas no Tablet (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.16 – “ (...) corro a quinta (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.17 – “ (...) se tiver a chover ando cá dentro (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.18 – “ (...) o rame rame é sempre o mesmo. ”</i></p> <p><i>E2.2.25 – “ (...) ver televisão (...) ”</i></p> <p><i>E3.1.16 - “Jogamos ao bingo (...) ”</i></p> <p><i>E3.1.17 - “ (...) decoração do lar (...) ”</i></p> <p><i>E3.1.18 - “ (...) dominó (...) ”</i></p> <p><i>E3.1.19 - “ (...) leitura e escrita. ”</i></p> <p><i>E4.1.16 - “Preparação da festa de Natal (...) ”</i></p> <p><i>E4.1.17 - “ (...) decoração do lar (...) ”</i></p> <p><i>E4.1.18- “ (...) muito trabalho mas está tudo muito bonito.”</i></p> <p>E5.1.12 - “ (...) nas últimas atividades nunca fiz atividades (...) ”</p> <p>E5.1.13 - “ (...) estive doente.”</p> <p>E6.1.13 - “Às vezes jogamos às cartas para distrair.”</p> <p>E6.1.14 - “ (...) doente (...) ”</p> <p><u><i>E11.1.15 – “ (...) a hidroginástica e os ensaios do grupo. (...) ”</i></u></p> <p><i>E13.1.12 – “ (...) as cartas que jogamos ali café na praça (...) ”</i></p> <p><i>E13.1.13 – “ (...) a caça.”</i></p> <p><i>E14.2.22 – “Faço sempre o mesmo todos os dias (...) ”</i></p> <p><i>E14.2.23 – “ (...) todas as semanas.”</i></p> <p><i>E15.1.16 – “Fui à ginástica porque estava em Albarraque.”</i></p> <p><i>E16.1.19 – “ (...) nestas últimas semanas tive muito trabalho (...) ”</i></p> <p><i>E16.1.20 – “ (...) sou a zeladora do altar de Nossa Senhora das Candeias e como foi a festa havia muita coisa para fazer (...) ”</i></p> <p><i>E16.1.21 – “ (...) apesar de eu já não ir conseguindo fazer tenho lá muitas pessoas que me ajudam.”</i></p>
	Atividades onde participa mais	<p><i>E1.2.38 – “Poucas (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.39 – “ (...) apesar de às vezes participar (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.40 – “ (...) preparação da festa de Natal (...) ”</i></p> <p><i>E1.2.41 – “ (...) gosto mais de ser eu a fazer as minhas atividades.”</i></p> <p><i>E1.3.55 – “ (...) participo pouco (...) ”</i></p> <p><i>E1.3.56 – “ (...) mas quando participo é no cinema, na música ou na ginástica.”</i></p> <p><i>E1.3.57 – “ (...) gosto de fazer as minhas próprias atividades.”</i></p> <p><i>E2.3.37 – “Não costumo participar.”</i></p>

		<p>E2.4.50 – “Em nenhuma.”</p> <p>E2.4.51 – “Só quando há festas.”</p> <p>E2.4.52 – “Porque não tenho vontade (...) ”</p> <p>E2.4.53 – “ (...) mas quero quem minha mulher venha sempre para estar entretida.”</p> <p>E3.2.32 - “Particpei todos os dias.”</p> <p>E3.3.50 - “ (...) nos jogos (...) ”</p> <p>E3.3.51 - “ (...) no escrever.”</p> <p>E4.1.19- “Ler.”</p> <p>E4.2.38 - “Foram algumas.”</p> <p>E4.3.52 - “ (...) as leituras (...) ”</p> <p>E4.3.53 - “ (...) o português (...) ”</p> <p>E4.3.54 - “ (...) matemática (...) ”</p> <p>E5.1.14 - “ (...) não faço porque não quero.”</p> <p>E5.2.35 - “Eu não faço (...) ”</p> <p>E5.2.36 - “ (...) mas há cá muitos assim da minha idade que fazem.”</p> <p>E6.1.15 - “Não tenho feito quase nada.”</p> <p>E6.2.37 - “ (...) ginástica (...) ”</p> <p>E6.2.38 - “ (...) festas.”</p> <p>E7.2.22 - “ (...) gosto delas todas (...)”</p> <p>E7.2.23 - “ (...) vou a todas.”</p> <p>E8.1.9 - “Sempre que houve (...) ”</p> <p>E8.1.10 - “ (...) quando me convidam vou a tudo.”</p> <p>E8.2.24 - “Quando ela convida vou a todas.”</p>
	Porquê	<p>E3.3.52 - “Porque são coisas em que nos mantemos atentos.”</p> <p>E4.3.55 - “ (...) coisas assim que possam tocar a todos.”</p> <p>E4.3.56 - “ (...) ginástica não posso fazer em termos de saúde.”</p> <p>E4.3.57 - “ (...) gosto muito de cantar, temos música, trabalhos manuais, recortes é engraçado.”</p>
F.2. Descrição das atividades	Como são	<p>E1.3.58 – “ (...) no cinema escolhemos os filme, a menina me as cadeiras, o projetor, o computador com o filme (...) ”</p> <p>E1.3.59 – “ (...) vamos todos ver o filme.”</p> <p>E3.3.53 - “ (...) lemos (...) ”</p> <p>E3.3.54 - “ (...) tentamos compreender (...) ”</p> <p>E3.3.55 - “ (...) fazemos cópias ou ditados.”</p> <p>E3.3.60 - “Sim, quando é a leitura e escrita ou trabalhos manuais então venho sempre.”</p> <p>E4.3.58 - “Vimos em grupo (...) ”</p> <p>E4.3.59 - “ (...) dividem se em grupos para não vir tudo a mesmo tempo (...) ”</p> <p>E4.3.60 - “ (...) o trabalho sai melhor.”</p> <p>E4.3.61- “Cada um faz o que sabe melhor (...) ”</p> <p>E6.3.42 - “Somos ai uns 12 – 13 ativos (...) ”</p> <p>E6.3.43 - “ (...) que vamos participando nas coisas.”</p>

	<p>E7.2.24 - “ (...) na ginástica fazemos exercícios.”</p> <p>E7.2.25 - “Vamos todos lá para cima e vá de fazer ginástica.”</p> <p>E8.2.25 - “Leva nos a todo o lado e (...)”</p> <p>E8.2.26 - “ (...) nós vamos.”</p> <p>E16.1.22 - “ (...) passar os tecidos todos do altar (...)”</p> <p>E16.1.23 - “ (...) escolher o ouro que a Senhora leva, o trono (...)”</p> <p>E16.1.24 - “ (...) há muito para fazer.”</p> <p>E16.1.25 - “Eu vou orientando e ensinando a quem quer aprender.”</p> <p>E16.2.26 - “Estas coisas da festa é só nesta altura.”</p> <p>E16.2.27 - “Durante o ano é mais só reuniões lá na igreja (...)”</p> <p>E16.2.28 - “ (...) que eu já não vou muito (...)”</p> <p>E16.2.30 - “ (...) igreja matriz de Mourão.”</p>
Onde são realizadas	<p>E1.3.64 - “ (...) no ginásio (...) ”</p> <p>E1.3.65 - “ (...) na rua. ”</p> <p>E2.2.29 - “ (...) salão azul (...) ”</p> <p>E2.2.30 - “ (...) na quinta. ”</p> <p>E2.4.57 - “ (...) salão (...) ”</p> <p>E2.4.58 - “ (...) ginásio. ”</p> <p>E3.1.23 - “Na quinta e na sala de trabalhos. ”</p> <p>E3.3.61 - “ (...) na sala (...) ”</p> <p>E3.3.62 - “ (...) no ginásio. ”</p> <p>E4.2.23 - “ (...) ler no meu quarto (...) ”</p> <p>E4.2.24 - “ (...) as outras atividades no salão (...) ”</p> <p>E4.3.66 - “ (...) sala de trabalhos. ”</p> <p>E7.2.28 - “ (...) na sala.”</p> <p><u>E9.2.26</u> - “ (...) clube (...) ”</p> <p><u>E9.2.27</u> - “ (...) rio. ”</p> <p>E13.2.18 - “ (...) cartas no café da praça (...) ”</p> <p>E13.2.19 - “ (...) lá no grupo caça.”</p> <p>E14.2.26 - “ No campo (...) ”</p> <p>E14.2.27 - “ (...) lá onde tenho os bichos.”</p> <p>E14.2.28 - “Os queijos faço cá em casa.”</p> <p>E15.2.19 - “ (...) em mourão a hidroginástica piscina (...) ”</p> <p>E15.2.20 - “ (...) em Albarraque é na associação.”</p>
Satisfação	<p>E1.3.63 - “Estou muito satisfeito. ”</p> <p>E2.4.56 - “ (...) ela quando participa fica satisfeita. ”</p> <p>E4.3.65 - “Estou (...) ”</p> <p>E6.3.41 - “Estou muito satisfeito até.”</p> <p>E7.2.27 - “Estou sim.”</p> <p>E8.2.28 - “Estou (...) ”</p>
Responsável pelas	<p>E1.4.68 - “ (...) a Dr.^a Vanessa que está responsável pelas atividades (...) ”</p>

	atividades	<p>E1.4.69 – “ (...) e há a Dr.^a Célia que é a diretora técnica que também ajuda e orienta.”</p> <p>E2.4.60 – “ (...) uma menina (...)”</p> <p>E3.3.64 – “ (...) está cá uma menina.”</p> <p>E4.3.69 – “Há a Dr.^a Vanessa que é quem dirige as atividades.”</p> <p>E6.3.44 – “Temos sim.”</p>
F.3. Frequência das atividades	Quantas vezes há atividades	<p>E1.3.61 – “ (...) todos os dias há (...) ”</p> <p>E1.3.62 – “ (...) cada dia são diferentes.”</p> <p>E2.4.54 – “Muitas vezes.”</p> <p>E3.3.56 – “Há todos os dias (...) ”</p> <p>E3.3.57 – “ (...) eu é que nem sempre participo (...) ”</p> <p>E3.3.58 – “ (...) às vezes não tenho disposição (...) ”</p> <p>E3.3.59 – “ (...) só quando é a leitura e escrita.”</p> <p>E4.3.62 – “ (...) durante o ano são muitas (...) ”</p> <p>E4.3.63 – “ (...) natal (...) primavera (...) páscoa.”</p> <p>E4.3.64 – “Todos os dias temos atividades diferentes.”</p> <p>E5.2.34 - “ (...) umas vezes por outras.”</p> <p>E6.1.19 - “ (...) agora também quase que não há.”</p> <p>E6.2.39 – “Quase todas as semanas (...) ”</p> <p>E6.2.40 – “ (...) ela agora tem muito que fazer.”</p> <p>E7.2.26 – “É quando ela tem vagar.”</p> <p>E8.2.27 – “ (...) quando ela tem tempo.”</p> <p><u>E11.1.11 – “ (...) faço hidroginástica duas vezes por semana (...) ”</u></p>
F.4. Carácter das atividades	São atividades de carácter físico, mental, cognitivo	<p>E1.2.29 – “ (...) tudo junto.”</p> <p>E2.3.33 – “ (...) tem tudo junto.”</p> <p>E3.2.27 – “Englobam tudo.”</p> <p>E4.2.29 – “ (...) atividades mas de carácter mental (...) ”</p> <p><u>E9.2.33 – “Mais físico na pesca (...) ”</u></p> <p><u>E9.2.34 – “ (...) nas contas do clube é diferente (...) ”</u></p> <p><u>E9.2.35 – “ (...) envolve mais a mente.”</u></p> <p><u>E10.3.48 – “Mental (...) ”</u></p> <p><u>E10.3.49 – “ (...) faz-me estar atenta (...) ”</u></p> <p><u>E10.3.50 – “ (...) ao que tenho que fazer (...) ”</u></p> <p><u>E10.3.51 – “ (...) faz-me meter a cabeça a trabalhar.”</u></p> <p><u>E11.2.21 – “ (...) engloba tudo.”</u></p> <p><u>E12.2.14 – “É tudo.”</u></p> <p>E13.2.22 – “A caça requer muita concentração (...) ”</p> <p>E13.2.23 – “ (...) e parte física também (...) ”</p> <p>E13.2.24 – “Apesar de eu agora já andar mais parado (...) ”</p> <p>E13.2.25 – “ (...) fico nas portas.”</p>
F.5. Voluntariado	Participa em algum tipo de	<p><u>E9.2.36 – “ (...) é no grupo.”</u></p> <p><u>E10.3.52 – “Na igreja (...) ”</u></p> <p><u>E10.3.53 – “ (...) esta atividade que faço lá na igreja é</u></p>

	voluntariado	<p><u>voluntariado.”</u> <u>E11.2.22 – “ (...) aqui no grupo.”</u> <u>E12.1.15 – “Não (...)”</u> <u>E12.1.16 – “ (...) quer dizer faço (...)”</u> <u>E12.1.17 – “ (...) faço é num grupo a que pertença (...)”</u> <u>E12.1.19 – “Participo na festa do AVANTE a fazer comida.”</u> E13.2.26 – “ Não, não.” E15.2.22 – “Sim (...)” E15.2.23 – “ (...) associação em Albarraque (...)” E15.2.34 – “ (...) em Mourão pertença ao Apostolado de Oração (...)” E16.2.33 – “Não.”</p>
F.6. Desafios encontrados nas atividades	Desafios quando participa nas atividades	<p><i>E1.2.23 – “ (...) quando comecei a utilizar o Tablet foi um grande desafio, e ainda hoje é.”</i></p> <p><i>E2.2.31 – “Não sei se é desafio se é realização (...)”</i> <i>E2.2.32 – “ (...) sinto me bem (...)”</i></p> <p><i>E3.2.24 – “ (...) Sinto que (...) o ir andar todos os dias é bom para mim”</i> <i>E3.2.25 – “ (...) para as pernas não pararem.”</i> <i>E3.2.26 – “ (...) por isso é que me desafio a ir todos os dias a dar a volta.”</i></p> <p><i>E4.2.25 – “Envolvem (...)”</i> <i>E4.2.26 – “ (...) porque tenho receio de não as conseguir fazer todos os dias (...)”</i> <i>E4.2.27 – “ (...) de não ser capaz de as realizar.”</i> <i>E4.2.28 – “ (...) com muito esforço faço e consigo ultrapassar o desafio.”</i></p> <p>E6.1.16 – “Só para estar distraído, mais nada.” <u>E9.2.28 – “Sim (...)”</u> <u>E9.2.29 – “ (...) certo ponto sim (...)”</u> <u>E9.2.30 – “ (...) há um estímulo (...)”</u> <u>E9.2.31 – “ (...) toda agente quer ganhar ninguém que perder (...)”</u> <u>E9.2.32 – “ (...) mas também se perder basta o passeio e o convívio”</u> <u>E10.2.41 – “Sinto me desafiada (...)”</u> <u>E10.2.42 – “ (...) se não fizesse nada já me tinha estupefocado (...)”</u> <u>E10.2.43 – “ (...) precisamos de dar trabalho ao cérebro (...)”</u> <u>E10.2.44 – “ (...) estar aqui a olhar para a parede não aprendo nada.”</u> <u>E10.2.45 – “Assim estou distraída, converso, encontro velhos amigos (...)”</u> <u>E10.3.46 – “ (...) tenho criado ali muitas amizades.”</u></p>

		<p><u>E10.3.47 – “Veja bem uma vez teve lá um chinês que queria ir à missa, ele falava inglês, eu disse-lhe que havia missa às 19:15h, mas que não tínhamos livros inglês mas que eu lhe podia ir explicando a missa, ele abalou, quando ele me aparece à hora da missa todo engravatado para ir à missa. Depois estive muito tempo a falar com ele porque tiveram cá os rei da terra dele e ofereceram um biombo e então ele contou me a história e teve a preocupação de quando chegou ao país dele fazer a tradução de chinês para inglês e enviou-me. São coisas que nos fazem ter mas conhecimentos e no fundo são interessantes.”</u></p> <p><u>E11.1.18 – “ (...) até sim.”</u></p> <p><u>E11.1.19 – “ (...) nas atividades do grupo quando temos atuação é sempre um desafio querer fazer mais e melhor, para cantar bem.”</u></p> <p><u>E11.2.20 – “ (...) quando servimos aqui refeições estamos sempre preocupados m apresentar bem as coisas.”</u></p> <p><u>E12.1.12 – “Tudo é um desafio (...)”</u></p> <p><u>E12.1.13 – “ (...) desafio era 0 se eu ficasse em casa ali sem mexer nada.”</u></p> <p>E13.2.20 – Na caça tenho muitos desafios (...)”</p> <p>E13.2.21 – “ (...) tento fazer sempre melhor.”</p> <p>E14.2.29 – “Têm (...)”</p> <p>E14.2.30 – “ (...) porque gosto muito dos bichos (...)”</p> <p>E14.2.31 – “ (...) se não gostas já me tinha rentado nisto tudo e fazia o mesmo que os outros ou ia ali para o café ou ia para o jardim (...)”</p> <p>E14.2.32 – “ (...) assim estou entretido.”</p> <p>E16.2.31 – “Sim porque tenho que ter sempre tudo tudo em condições (...)”</p> <p>E16.2.32 – “ (...) faço por isso apesar das dificuldades que vou tendo.”</p>
<p>F7. Sugestões</p>	<p>Sugestões para novas atividades</p>	<p><i>E1.3.67 – “Não não, nunca sugeri nada.”</i></p> <p><i>E2.4.59 – “ (...) nunca sugeri nada.”</i></p> <p><i>E3.3.63 - “ (...) nunca disse nada.”</i></p> <p><i>E4.3.67 - “ (...) nunca sugeri (...)”</i></p> <p><i>E4.3.68 - “Gostava de dança, mas não temos capacidades para isso.”</i></p>

Categoria G – Benefício das atividades

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Indicadores</i>
G.1. Melhor qualidade de vida	Com as atividades que realiza	<p><i>E1.4.70 – “ (...) obrigamos a pensar e a mexer.”</i></p> <p><i>E1.4.71 – “Com certeza.”</i></p> <p><i>E2.4.61 – “É sempre bom.”</i></p> <p><i>E2.4.62 – “Para ocupar o tempo (...) ”</i></p> <p><i>E2.4.63 – “ (...) para se entreterem.”</i></p> <p><i>E2.4.64 – “Exatamente”</i></p> <p><i>E3.3.65 – “Pois é (...) ”</i></p> <p><i>E3.3.66 – “ (...) se agente em vez de estar parada a olhar porque é que não devemos aproveitar o tempo.”</i></p> <p><i>E3.3.67 – “Até porque vamos lá, nós metemos nos a escrever e a memória fixa aquilo que estamos a fazer e esquecemos nos das outras coisas.”</i></p> <p><i>E3.3.68 – “Exato, exato.”</i></p> <p><i>E4.3.70 – “É benéfico porque quem tem mais saber deve ter prazer de dar aos que não têm.”</i></p> <p><i>E4.3.71 – “É é (...) ”</i></p> <p><i>E4.3.72 – “Tiram nos pensamentos negativos (...) ”</i></p> <p>E5.3.37 – “Fazem elas muito bem.”</p> <p>E5.3.38 – “ (...) acho que sim porque a pessoa não está quieta (...) ”</p> <p>E5.3.39 – “Sempre vai aprendendo alguma coisa.”</p> <p>E6.3.45 – “É bom (...) ”</p> <p>E6.3.46 – “ (...) estamos ocupados.”</p> <p>E6.3.47 – “Por mim sim (...) ”</p> <p>E6.3.48 – “Eu gosto de estar entretido.</p> <p>E7.2.29 – “Tão não é (...) ”</p> <p>E7.2.30 – “ (...) vai sendo bom.”</p> <p>E7.2.31 – “Pois (...) ”</p> <p>E7.2.32 – “ (...) eu quando vim para cá não mexia esta perna e agora já vou mexendo, já nem preciso de bengala.”</p> <p><u>E9.3.52 – “Às vezes (...) ”</u></p> <p><u>E9.3.53 – “ (...) nem sempre.”</u></p> <p><u>E9.3.54 – “ (...) aqueles que não sabem aproveitar não é muito bom, muitos vão é por conveniência é porque é fino (...) ”</u></p> <p><u>E9.3.55 – “ (...) a maior parte deles só vão porque os outros também vão, mas assim aprende-se</u></p>

	<p><u>pouco (...)”</u> E10.3.64 – “<u>Sem dúvida nenhuma (...)”</u> E10.3.65 – “<u>(...) porque estou sempre ativa e aprender (...)”</u> E10.3.66 – “<u>(...) mesmo com esta idade estou sempre aprender.”</u> E10.3.67 – “<u>Aprendo muito com o contacto com as pessoas.”</u> E11.2.33 – “<u>Acho que sim (...)”</u> E11.2.34 – “<u>(...) o convívio (...)”</u> E11.2.35 – “<u>(...) a experiência das pessoas é ótimo”</u> E11.2.36 – “<u>Acho que sim (...)”</u> E11.2.37 – “<u>(...) porque este tipo de atividades e coisas são boas para não estarmos em casa (...)”</u> E11.2.38 – “<u>(...) assim vamos aqui convivemos (...)”</u> E11.2.39 – “<u>(...) é como uma família.”</u> E12.2.26 – “<u>É bom para a pessoa (...)”</u> E12.2.27 – “<u>(...) claro que beneficia de muita coisa (...)”</u> E12.2.28 – “<u>(...) se não participar para no tempo.”</u> E12.2.29 – “<u>Claro que sim (...)”</u> E12.2.30 – “<u>(...) estamos ocupados e entretidos com alguma coisa (...)”</u> E12.2.31 – “<u>(...) continuamos ativos”</u> E13.2.50 – “<u>Claro que sim (...)”</u> E13.2.51 – “<u>(...) se todos os reformados estivessem como eu este país estava muito feliz (...)”</u> E14.2.40 – “<u>Sim (...)”</u> E14.2.41 – “<u>(...) sempre agente (...) faz alguma coisa (...)</u> E15.2.31 – “<u>Sim (...)”</u> E15.2.32 – “<u>(...) porque agente está ocupada (...)</u> E15.2.33 – “<u>(...) e não está a pensar em outras coisas (...)</u> E15.2.34 – “<u>(...) eu gosto muito de sair (...)</u> E15.2.35 – “<u>(...) mas também gosto muito de estar em casa estou sempre ocupada (...)</u> E15.2.36 – “<u>O meu marido diz me então assim tu quando não tens para fazer inventas.”</u></p>
--	--

Categoria H – Novas Aprendizagens

<i>Subcategoria</i>	<i>Conteúdo dos indicadores</i>	<i>Indicadores</i>
H.1. Aprendizagens adquiridas com as atividades desenvolvidas	Aprendizagens mais significativas	<p>E1.2.24 – “Tenho aprendido muito com isto.”</p> <p>E1.2.25 – “Vou ao youtube ver filmes (...) ”</p> <p>E1.2.26 – “ (...) vejo as notícias, tempo (...) ”</p> <p>E1.2.27 – “ (...) até já tenho um mail e um facebook.”</p> <p>E1.2.28 – “Vejo a minha neta pelo Skype.”</p> <p>E1.3.52 – “ (...) o Tablet (...) ”</p> <p>E1.3.53 – “ (...) todos os dias aprendo coisas novas.”</p> <p>E1.4.72 – “Trazem, trazem.”</p> <p>E1.4.73 – “ (...) nós estamos sempre aprender uns com os outros.”</p> <p>E1.4.74 – “ (...) a festa de Natal (...) ”</p> <p>E1.4.75 – “ (...) tivemos um grande momento musical (...) ”</p> <p>E1.4.76 – “ (...) um jantar com as famílias onde existiu muita convivência e troca de experiências.”</p> <p>E2.2.26 – “ (...) tudo o que é conhecimento (...) ”</p> <p>E2.3.46 – “Eu já aprendi muito (...) ”</p> <p>E2.3.47 – “ (...) mas quando vejo televisão aprendo muito ainda.”</p> <p>E2.4.65 – “Estamos sempre aprender (...) ”</p> <p>E2.4.66 – “ (...) as pessoas ao participarem estão sempre aprender (...) ”</p> <p>E2.4.67 – “Ver a televisão que é onde levo o meu tempo.”</p> <p>E3.2.46 – “ (...) a convivência que temos uns com os outros é muito boa (...) ”</p> <p>E3.2.47 – “ (...) aprendemos muito juntos.”</p> <p>E3.3.69 – “ (...) pois trazem.”</p> <p>E3.3.70 – “ (...) quando estamos a ler (...) ”</p> <p>E3.3.71 – “ (...) há lá palavras que não conhecemos perguntamos o que quer dizer (...) ”</p> <p>E3.4.72 – “ (...) estamos sempre aprender.”</p> <p>E3.4.73 – “Eu não sei como há pessoas que não acham bem haver atividades.”</p> <p>E3.4.74 – “ A leitura e escrita.”</p> <p>E4.3.49 – “Saber viver em grupo (...) ”</p> <p>E4.4.73 – “Aprendemos que nos devemos esforçar e não parar, aprender até morrer (...) ”</p> <p>E4.4.74 – “Todos os dias aprendemos (...) ”</p> <p>E4.4.75 – “ (...) mas na atividade da leitura e escrita</p>

	<p><i>é onde aprendo mais.”</i></p> <p>E5.2.30 – “Não aprendo nada.”</p> <p>E5.2.31 – “Leio muitos jornais (...)”</p> <p>E5.2.32 – “ (...) livros (...)”</p> <p>E5.2.33 – “ (...) é só onde vou aprendendo alguma coisa.”</p> <p>E6.2.33 – “Aprendo mais a falar uns com os outros (...)”</p> <p>E6.2.34 – “ (...) a falar da vida.”</p> <p>E6.3.49 – “Aprendo muito mais que aquilo que sabia quando vim para cá.”</p> <p>E6.3.50 – “Aprendi a viver melhor com as pessoas (...)”</p> <p>E6.3.51 – “ (...) a falar a todos (...)”</p> <p>E6.3.52 – “ (...) aprendemos a dizer as coisas e a conviver uns com os outros.”</p> <p>E7.2.20 – “O que se aprende cá já eu sei.”</p> <p>E7.2.33 – “Assim, assim (...)”</p> <p>E7.2.34 – “ (...) já não aprendo muito mais.”</p> <p>E8.2.21 – “ (...) quando elas me dizem vamos fazer isto eu digo logo assim deixem estar esse que esse eu sei fazer e depois ensino e elas ensina me a mim o que sabem.”</p> <p><u>E9.2.48 – “ (...) dedico me a colecionar selos e moedas (...)”</u></p> <p><u>E9.2.49 – “ (...) desde 1930 desde que nasci até hoje tenho ali a coleção toda, com álbuns feitos por mim (...)”</u></p> <p><u>E9.2.50 – “ (...) trabalhos manuais é comigo.”</u></p> <p><u>E9.2.51 – “ Aprendo muito com isto.”</u></p> <p><u>E9.2.56 – “Sim (...)”</u></p> <p><u>E9.2.57 – “ (...) nos torneios de pesca agente a ver às vezes aprende mais do que a fazer.”</u></p> <p><u>E9.2.58 – “ (...) estou sempre a inventar coisas novas (...)”</u></p> <p><u>E9.2.59 – “ (...) gosto muito de fazer boias para a pesca (...)”</u></p> <p><u>E9.2.60 – “ (...) ando sempre a fazer experiências (...)”</u></p> <p><u>E9.2.61 – “ (...) na pesca não compro boias sou eu que as faço.”</u></p> <p><u>E10.3.61 – “ Aprendo o relacionamento com as pessoas (...)”</u></p> <p><u>E10.3.62 – “ (...) tem que se saber relacionar se (...)”</u></p> <p><u>E10.3.63 – “ (...) há pessoas que têm mais dificuldades temos que fala de uma forma diferente.”</u></p> <p><u>E10.4.69 – “ O livro que o senhor chinês me enviou.”</u></p> <p><u>E11.2.31 – “ Sei lá (...)”</u></p>
--	--

	<p><u>E11.2.32 –“ (...) todos os dias vou aprendendo alguma coisa.”</u></p> <p><u>E12.2.22 –“ (...) ver televisão (...) ”</u></p> <p><u>E12.2.23 –“ (...) um programa que me esclareça sobre qualquer assunto já estou aprender (...) ”</u></p> <p><u>E12.2.24 –“ (...) ler um livro (...) ”</u></p> <p><u>E12.2.25 –“ (...) gosto muito de ler.”</u></p> <p><u>E12.2.32 –“ Sim (...) ”</u></p> <p><u>E12.2.33 –“ (...) quando tenho que resolver alguma coisa do grupo (...) ”</u></p> <p><u>E12.2.34 –“ (...) às vezes não sei como é vou ter com alguém que saiba (...) ”</u></p> <p><u>E12.2.35 –“ (...) assim vou aprendendo.”</u></p> <p><u>E12.2.36 –“ Nós estamos a conviver com as pessoas (...) ”</u></p> <p><u>E12.2.37 –“ (...) estamos sempre aprender.”</u></p> <p><u>E12.2.38 –“ (...) este mês fomos atuar o CCB (...) ”</u></p> <p><u>E12.2.39 –“ (...) aquilo foi uma grande aprendizagem, uma sala enorme, cheia de gente, foi muito gratificante.”</u></p> <p>E13.2.46 –“ Aprendemos até morrer (...) ”</p> <p>E13.2.47 –“ (...) todos os dias aprendo qualquer coisa.”</p> <p>E13.2.48 –“É igual (...) ”</p> <p>E13.2.49 –“ (...) aprendo sempre.”</p> <p>E13.3.52 –“ Sim (...) ”</p> <p>E13.3.53 –“ (...) aprender até morrer.”</p> <p>E13.3.54 –“ A caça (...) ”</p> <p>E13.3.55 –“ (...) é na caça que me divirto e aprendo.”</p> <p>E14.2.34 –“ Uma pessoas vai sempre tomando experiência (...) ”</p> <p>E14.2.35 –“ Vou aprendendo (...) ”</p> <p>E14.2.36 –“ (...) agente vai indo (...) ”</p> <p>E14.2.37 –“ (...) vai aprendendo (...) ”</p> <p>E14.2.38 –“ (...) nunca aprendemos tudo (...) ”</p> <p>E14.2.39 –“ (...) sempre aprendendo”</p> <p>E15.2.28 –“ (...) naquilo que faço tento sempre aprender (...) ”</p> <p>E15.2.29 –“ (...) quando estou no grupo então (...) ”</p> <p>E15.2.30 –“ (...) aprendemos muito umas com as outras.”</p> <p>E15.2.31 –“Sim (...) ”</p> <p>E15.2.38 –“ (...) eu às vezes até queria mais (...) ”</p> <p>E15.2.39 –“ (...) queria aprender mais.”</p> <p>E15.2.40 –“Mas tenho um marido que não me acompanha.”</p> <p>E15.2.41 –“ (...) nas reuniões do apostolado (...) ”</p> <p>E15.3.42 –“ (...) estamos lá todas reunidas no</p>
--	---

		apostolado cada uma diz sua coisa e aprendemos muito.” E16.2.44 –“ Olhe já estou muito esquecida (...)” E16.2.45 –“ (...) só quando vejo televisão ou assim.”
--	--	---